

LETRA da PRAÇA

REVISTA CULTURAL FESTA DA BUGADA E MOURISCADA

EDIÇÃO III
NOVEMBRO 2025



A
máscara
que o poder
não conseguiu tirar



Índice

Mensagem	4	O Mini-mourisqueiro	106
Introdução	5	Bugios e Mouriscos por Teresa de Jesus André	108
Personagens da festa	6	Fritoso- o rufar da memória	114
O São João na ditadura	22	Velho da Bugiada com canhão no palanque	116
Santos Júnior	26	André da Munha- o eterno Velho da Bugiada.....	118
Rodney Gallop	30	Maninho- entre paixão e a eternidade.....	120
Violet Alford.....	36	Caravana interrompe a Prisão do Velho	126
Armando Leça	42	O Sobreiro ardido	128
1943- Quando o São João foi a 25 de junho	50	A Casa do Povo e a festa	130
A Banda de Cete tocou no São João.....	52	Quando a RTP fez história.....	138
A Banda de Vilela.....	56	Ohohohoho são que horas e eles sem vir!.....	142
Quando o Filho prendeu o Pai.....	62	A polémica e sexual Dança da Jaquina.....	142
S. Martinho do Campo- A Banda do São João.....	66	Tia Dolores- por um dia, ela foi o Velho	146
Memórias preciosas de 1957	74	Património material.....	150
A continuidade de uma lenda	82	Património imaterial.....	156
A primeira criança a limpar as bagadas.....	90	Os Protagonistas da festa.....	162
A alma da festa: José Ferreira Marujo	92	Conclusão.....	168
António Martins da Costa Rangel	100		

Mensagem



Márcia
Fonseca

Vice-Presidente
Associação
São João
de Sobrado

É antiga, sim. É enraizada. E é também, historicamente, masculina, conservadora, fechada. Mas a verdade — aquela que nem sempre se disse em voz alta — é que as mulheres sempre lá estiveram.

Somos todas parte desta festa

A Bugiada e Mouriscada de Sobrado é, para mim, mais do que uma tradição. É uma parte viva da nossa identidade. Uma paixão que se sente com o corpo e com a alma e se vê nos olhos brilhantes de quem a vive.

Mesmo quando não podíamos ser Bugios ou quando não nos é permitido subir ao palanque. Estivemos sempre lá! Na preparação dos trajes, no apoio aos filhos, maridos e irmãos, nas casas transformadas em bastidores, nas celebrações religiosas, nos silêncios que organizam tanto quanto os discursos.

E depois de 1974, quando a liberdade chegou e nos permitiu começar a ocupar um lugar mais visível, agarrámos essa oportunidade com tudo o que tínhamos. Ainda não foi — nem é

— uma mudança completa. Mas foi, e é, um caminho. E nós seguimos nele com força!

Eu e muitas outras mulheres temos dado esse passo com confiança. Na Comissão de Festas, na Associação São João de Sobrado, na gestão do que se vê e do que não se vê. Ao longo dos últimos quatro anos, tenho-me dedicado, com orgulho e com amor, a este trabalho. Com uma equipa reduzida, cheia de ideias e sonhos — e nem sempre com meios para tudo. Mas a verdade é que, mesmo com todas as dificuldades, tudo aquilo a que nos propusemos, fizemos.

Nestes quatro anos, organizamos e melhorámos a Casa do Bugio e do Mourisqueiro; criámos merchandising com identidade; organizámos eventos com paixão e detalhe; cuidámos da logística, dos papéis, dos bastidores. Tudo de forma voluntária, sem outra ambição que não fosse fazer bem. Por amor à festa. E por respeito à tradição, sem que esta nos limite na nossa ação!

A revista Lavra da Praça é um dos projetos que mais me marca. É fruto de muito trabalho, muitas horas, muitas conversas. Mas é, também, um orgulho enorme. Porque é conhecimento, é história, é legado. Porque vejo os meus filhos — já eles também parte desta festa — a folhearem-na com curiosidade, a sentirem-se dentro desta história que é de todos nós. E porque sei que, ao escrever, ao documentar, ao partilhar... estamos a garantir o futuro desta festa.

Esta edição, dedicada ao período do Estado Novo, relembra-nos que a liberdade não se dá como garantida. Que é preciso continuar a falar, a escrever, a fazer. E que a nossa festa — com as suas máscaras, os seus rituais e as suas emoções — também é uma forma de resistência e de identidade.

Espero que gostem desta revista.

E que nela vejam, como eu vejo, o trabalho de muitas mãos — também femininas — que continuam a fazer do São João de Sobrado uma festa de todos.

Introdução

Terceira edição: Quando a liberdade faltava, a festa falava por todos nós!



Nuno
Alexandre
Ferreira

Coordenador
da revista Lavra
da Praça

A *Lavra da Praça* chega à sua terceira edição. Três sementes lançadas à terra, três colheitas de memória, história e paixão. Nas páginas anteriores, mergulhámos no tempo da monarquia e da primeira república, escavando segredos antigos, desenterrando lendas, rituais, nomes esquecidos e rostos.

Nesta nova edição, voltamo-nos para um tempo mais sombrio — o da ditadura militar e do Estado Novo, entre 1926 e 1974. Um tempo de silêncios forçados, de liberdade contida, de palavras que só se diziam em surdina. E, ainda assim, a festa resistiu. A festa dançou. A festa cresceu.

Dizem, com saudade, que “antigamente é que era bonito”. E era. Mas também é agora. Porque quanto mais conhecemos esta festa, mais nos damos conta da sua complexidade silenciosa.

Esta edição traz mais. Muito mais. Pela primeira vez, partilhamos um inventário de nomes — os que conseguimos recuperar — dos que foram Velhos e Reimoeiros. Nomear é reconhecer. É dar corpo à me-

mória. Incluímos também um olhar detalhado sobre cada personagem da festa — os seus papéis, características e até as suas vestes. Continuamos a documentar o património, material e imaterial, que se entrelaça com esta tradição como um bordado antigo.

E por que se chama Lavra da Praça esta revista? Porque lavrar é preparar o terreno para o que virá. É mexer na terra, na mente, nas visões feitas. É abrir espaço ao conhecimento. E depois deixá-lo invadir a praça — o lugar onde tudo acontece, onde todos se encontram.

Que esta revista continue a ser o que é: um projeto cultural ambicioso, nascido da vontade da Associação São João de Sobrado e alimentado por uma comunidade inteira. O nosso lema continua o mesmo: “Ela é nossa.” E por isso temos um dever — o de continuar a lavrá-la com mãos firmes e coração aberto, para que um dia, os que vierem depois compreendam e saibam porque dançamos, porque resistimos e, acima de tudo, porque amamos esta festa.

É um dos milagres de Sobrado: mesmo durante a rigidez do regime, a Bugiada e Mouriscada encontrou forma de existir, adaptar-se e brilhar. Ganhou força, atraiu forasteiros e despertou olhares curiosos de investigadores e estudiosos, sensíveis à beleza desta tradição que é, simultaneamente, simples e grandiosa.



Reino no Palanque dos Bugios (Foto de André Dinis, 2025)

Personagens da Festa

Velho da Bugiada

O Velho da Bugiada, patriarcal e de aparência sacerdotal e magnificente, é o ancião do povo cristão, liderando-o e orientando-o nos seus desígnios. Não é chamado de rei dos Bugios mas, pela sua conduta e entendimento, é o “escolhido” pelo seu povo como seu patriarca e chefe. É um dos protagonistas da festa.

O Velho da Bugiada utiliza umas vestes distintas e sublimes, diferenciando-o dos restantes Bugios, sendo a única personagem da festa que utiliza duas máscaras (“caretas”) diferentes ao longo do dia. Durante a manhã utiliza uma máscara mais alegre em contraste com a careta da tarde que é mais inquieta e abalada em razão do momento bélico e dramático que culmina com a sua prisão.



Velho da Bugiada (Foto cedida por José Alexandre Vale, 2025)

Músicos da Bugiada

Na Bugiada, as danças e movimentos dos Bugios e do Velho da Bugiada, são executados em sincronia com melodias tocadas por um grupo de músicos, também denominado de Orquestra ou Arroquesta como se dizia antigamente.

Este grupo é variável quer em número como em género, e os instrumentos utilizados incluem violas braguesas (ou ramaldeiras), violinos e rabecas. Relativamente ao vestuário usado pelos músicos, não existem regras rígidas, tentando-se manter os trajes típicos ou folclóricos portugueses de antigamente.



Músicos da Bugiada (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Bugios

Os Bugios são os elementos da formação cristã, sendo composta por homens, mulheres e crianças de ou com afinidade a Sobrado. A Bugiada é a formação opositora dos Mourisqueiros. Não existem limitações quanto à idade, género e estado civil, sendo habitual saírem à rua cerca de seiscentos Bugios.

A Bugiada representa a alegria, a exuberância, o exagero, a subversão e a desordem. Os trajes apresentados são um misto de cor e brilho, onde o exagero é a característica principal. Podem usar outros acessórios/objetos na mão, consoante a criatividade de cada um, sendo que o objetivo é amedrontar os Mouriscos.

Os Bugios dividem-se em duas fileiras, sendo comandados hierarquicamente pelo Velho da Bugiada e pelos “lugares” por ele designados: Guias (par dianteiro) e Rabos (par derradeiro).



Bugios (Foto de Diana Fernandim, 2023)



Crianças-Bugio no Palanque (Foto cedida por José Alexandre Vale, 2025)

Crianças

Desde os anos 50 que emergiu a figura das crianças no momento da Prisão do Velho. Tratam-se de Bugios de tenra idade que vão “alimpar as bagadas ao Velho” ou seja as suas lágrimas, abraçando-o múltiplas vezes e abandonando o Palanque dos Bugios, desolados porque o Reimoeiro se mantém inflexível. Pela sua inocência e pela sua teatralidade, estas crianças-bugio conseguem emocionar todos os que assistem à Prisão do Velho.

A tradição começou com a participação de apenas uma criança, sendo que atualmente é frequente a participação de duas ou até mesmo três crianças neste momento da Prisão do Velho.

Reimoeiro

O Reimoeiro, também chamado Rei Mouro, é o chefe dos Mourisqueiros. A sua autoridade assenta sobretudo na força militar, na austeridade da sua conduta e do seu carácter bem como no rigor com que executa as suas danças e movimentos. De rosto descoberto e expressão severa, encarna uma personagem marcada pela firmeza e pela ausência de flexibilidade ao longo da recriação de toda a Lenda da Bugiada e Mouriscada. Conta com o apoio dos Guias, Meios e Rabos e, normalmente, comanda um grupo de cerca de 40 mouriscos.

A tradição exige que seja Sobradense, do sexo masculino e solteiro, sendo um dos protagonistas desta festa, a par com o Velho da Bugiada.



Reimoeiro (foto cedida por Pedro Queirós, 2025)

Caixa dos Mourisqueiros

Na Mouriscada, tanto o tambor que é tocado como a pessoa que usa o instrumento, denominam-se de Caixa. Por tradição, tem sido sempre um homem a tocar a caixa, dirigindo parte das danças mouriscas através das suas melodias bélicas. Sempre a pé, o seu tronco suporta o tambor que é tocado por duas baquetas. Em algumas partes das danças encontra-se no mesmo local a tocar, mas noutras toca em movimento. É uma das figuras centrais da Mouriscada, uma vez que intervém e acaba por definir, com o som da caixa os movimentos rítmicos e danças dos Mourisqueiros, não podendo parar nem errar para não por em causa a boa execução das danças por parte dos mouriscos.



Caixa dos Mourisqueiros (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Mourisqueiros

A Mouriscada é a formação liderada pelo Reimoeiro que se opõe aos Bugios. É um grupo ordenado e disciplinado militarmente, constituído por cerca de 40 jovens do sexo masculino, solteiros e cujas danças são autênticos movimentos sincronizados.

Os Mourisqueiros organizam-se por pares, destacando-se em termos hierárquicos os sete elementos mais destacados: Reimoeiro, Guias, Meios e Rabos. São necessários sete anos (no mínimo) para se atingir o lugar de topo na hierarquia (Reimoeiro), sendo necessário percorrer todos os lugares do exército.

Recriando o “Roubo do Santo” os Mourisqueiros são os únicos que podem carregar o andor de São João na procissão, carregando igualmente os outros andores.



Mourisqueiros (Foto de Hugo Carneiro, 2024)



Banda de S. Martinho (Foto de Eventuais, 2025)

Banda Musical de São Martinho do Campo

Desde que se conhece a existência da Bugiada e Mouriscada, sempre existiu uma banda filarmónica presente e inserida nas festividades. Participaram na festa a Banda de Baltar, Banda de Música de Cete e a Banda de Vilela. No entanto, foi a Banda Musical de S. Martinho do Campo que, em meados do séc. XX, se afirmou no coração dos Sobradenses, tocando o Hino de São João de uma forma que os Sobradenses consideraram mais condizente da original de antigamente.

A Banda de Campo participa em momentos relevantes da festa, nomeadamente na Procissão, a Dança de Entrada, a chegada das formações aos seus “palanques” e a Prisão do Velho.

Doutores da Lei

Durante o conflito entre Bugios e Mourisqueiros, os sábios Doutores da Lei, também conhecidos por Advogados, assumem uma função mediadora. Cada uma das formações tem o seu advogado, distinguindo-se um do outro pelo vestuário usado. Ambas as personagens são mascaradas e usam vestimentas condizentes com as suas funções.

Uma vez que as negociações não são bem-sucedidas no Palanque dos Bugios, visto que os próprios advogados não chegam a nenhum acordo, sucede-se o assalto a este palanque por parte do Reimoeiro.



Doutores da Lei (Foto de Diana Fernandini, 2023)

Mensageiro

O Mensageiro é o cavaleiro que “Corre as Embaixadas” no início do conflito entre Bugios e Mourisqueiros. Trata-se de um homem, parcialmente trajado de Mourisqueiro, sem barretina. Não tem de ser solteiro como os Mourisqueiros, uma vez que se encontra ao serviço das duas formações, sendo aliás escolhido pelo Velho da Bugiada.

A sua função é percorrer, a cavalo, múltiplas vezes o trajeto entre os palanques dos Bugios e dos Mourisqueiros, transportando mensagens representadas por folhas de plátano e espetadas na sua espada, tentando-se a paz.



Mensageiro (Foto de Bruna Vinhas, 2014)

Narrador

Para uma melhor compreensão da Prisão do Velho, tem sido habitual, desde à várias décadas, a narração da encenação e até uma contextualização histórica e social tanto da festa como sobre a povoação. Habitualmente, o narrador é membro da comunidade de Sobrado, mas por vezes tem-se recorrido a elementos externos. Relativamente à narração, esta tem ocorrido de duas formas distintas: por leitura, seguindo um “guião” previamente estabelecido ou por relato, ou seja, interpretação/ improviso de quem exerce essa função. O objetivo é sempre envolver quem contempla a Prisão do Velho, através de informação, por vezes carregada de emoções, de modo a criar um ambiente comovente de acordo com a narrativa.



Narrador (Foto de ASJS, 1995)



Serpe (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Serpe

A Serpe é uma das figuras mais relevantes da Bugiada e Mouriscada. Trata-se de uma personificação mitológica, alongada e de tons esverdeados, com uma cauda longa e língua vermelha. Possui ainda uma fita vermelha em redor da cabeça e fitas da mesma cor na cauda. Possui quatro barras laterais de suporte de madeira que podem aludir às quatro patas de um lagarto ou de um dragão, já que as serpentes/ cobras não possuem patas. Apesar de, habitualmente, os dragões e serpentes estarem associados ao mal e ao pecado original, na Bugiada e Mouriscada, numa outra inversão da realidade, a Serpe representa o “Milagre de São João”, uma vez que os Bugios utilizam este mostrengo para libertarem o Velho da Bugiada.

Cego

O Cego é um dos elementos que integra a Dança do Cego ou Sapateirada. Segundo a tradição é uma figura itinerante, que vive da boa vontade das povoações por onde passa, sendo assistido pelo seu Moço, uma vez que é cego.

Como é cego, várias peripécias se sucedem, travando um duelo com o Sapateiro, sendo acusado do rapto da sua mulher. Durante a trama, a verdade vem à tona e ele consegue escapular-se, seguindo a sua vida nómada e errante.



Cego (Foto de Hugo Carneiro, 2023)

Sapateiro

O Sapateiro é uma personagem da Dança do Cego ou Sapateirada, sendo facilmente identificado, uma vez que usa máscara e surge acompanhado de sua linda Mulher. É um homem trabalhador, respondão e até brejeiro, uma vez que sempre que o público brinca ou troça dele, ele sempre responde na mesma medida. A sua profissão de conserto de sapatos é representada na trama, de forma encenada e cómica, envolvendo-se posteriormente num duelo com o Cego.

Apesar do infortúnio da traição e fuga da sua mulher com o Moço do Cego, o Sapateiro perdoa-a e aceita-a novamente.



Sapateiro (Foto de Hugo Carneiro, 2023)

Moço do Cego

O Moço do Cego é o indivíduo que auxilia o Cego durante as suas viagens de terra em terra, guiando-o através de uma vara. Segundo a tradição, é ele que rapta e foge com a Mulher do Sapateiro, permitindo que o Cego seja acusado injustamente. Apesar da paixão loca, esta é efêmera, uma vez que no fim da história a Mulher volta para o seu marido.



Moço do Cego (Foto de André Dinis, 2023)



Moço do Sapateiro (Foto de André Dinis, 2023)

Moço do Sapateiro

O Moço do Sapateiro é a figura que acompanha o Sapateiro, normalmente um Bugio e trajado como tal, levando consigo uma cesta com sapatos velhos, os instrumentos necessários para o Sapateiro exercer a sua função bem como o banco em madeira em que se senta o seu amo. No âmbito da trama, o Moço tira o banco ao Sapateiro antes deste se sentar, fazendo com que este caia aparatosamente no chão, sendo repreendido pelo sucedido. Tal como os restantes personagens desta encenação, é escolhido pelo Velho da Bugiada.

Mulher

A Mulher do Sapateiro ou Fiadeira é um homem travestido e mascarado que carrega um fardo de palha, fiando-o com um pau curto.

Na representação cénica, a Mulher é raptada pelo Moço do Cego, mas como também não se encontrava satisfeita com o seu marido, acaba por fugir com ele de uma forma um pouco voluntária, traindo-o. Durante este momento, é “falada” e “atacada moralmente” pela sociedade, mas pouco se importando com a situação. No final, a história dá uma reviravolta e ela volta para o seu marido, que a aceita.



Mulher (Foto de Hugo Carneiro, 2023)

Colher os D'reitos/Cobrador

Não é costume usar a designação de Cobrador, no entanto é essa a sua função. Trata-se da primeira personagem da Lavra da Praça e é um Bugio montado ao contrário na garupa dum burro, sendo coadjuvado por outros Bugios. Leva na mão um livro grosso dos direitos a cobrar, escrevendo nele com um pau a fazer de pena, usando como tinteiro o rabo do animal.

Percorre, juntamente com o grupo de Bugios que o acompanha, várias tendas e barraquinhas da festa, cobrando os direitos por meio de géneros e passando o respetivo recibo.



Cobrador (Foto de Hugo Carneiro, 2023)



Estandalhadas (Foto de Paulo Fernandes, 2015)

Estandalhadas/Entrajadas

As Estandalhadas ou Entrajadas, também chamadas de “Críticas” por alguns, referem-se à sátira ou crítica social que um ou mais grupos de indivíduos fazem no dia de São João. Este momento não integra a encenação da Bugiada e Mouriscada, nem é referida na lenda, no entanto também faz parte da festa e da mística do dia.

Os integrantes destes grupos são normalmente de Sobrado, na sua maioria do sexo masculino, podendo também existir participações individuais. Podem se deslocar a pé ou por veículos (normalmente carrinhas e tratores) transformados em carros alegóricos.

As temáticas humorísticas e carnavalescas variam de ano para ano e visam promover a crítica burlesca e espirituosa de assuntos e peripécias relacionados com a vida local, de âmbito nacional e até internacional ou então associados com a própria tradição da Bugiada e Mouriscada.



Semeador (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Semeador

O Semeador, mascarado e com vestes toscas, é a segunda personagem a entrar em cena durante a Lavra da Praça e tal como o nome indica, lança as sementes ao ar e na praça durante o seu percurso. Executa a sua função montado ao contrário num animal, espalhando cinza ou serrim de madeira. É também coadjuvado na sua labuta por Bugios que encaminham o animal. No fim do percurso, o seu saco de serapilheira fica vazio, sinalizando o fim do seu trabalho.

Gradador / Homem da grade

O Homem da Grade ou Gradador é o agricultor que com uma grade tosca de madeira, grada a terra, sendo o terceiro personagem da Lavra da Praça.

Percorre o mesmo trajeto do Semeador e as suas vestes, previamente encharcadas na lama, são igualmente rústicas incluindo máscara e chapéu. A grade encontra-se atrelada ao animal e durante o trajeto, por vezes, esta desorienta-se e o Gradador tem de a puxar. Tal como os demais personagens dos Serviços da Tarde, interage com o público roçando as suas roupas encharcadas nas pessoas. No fim da sua labuta, a grade encontra-se completamente destruída, restando alguns paus desengonçados atrelados às correias puxadas pelo burro.



Gradador (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Lavrador / Homem do arado

O Homem do Arado ou Lavrador é a última personagem da Lavra da Praça a entrar na encenação, seguindo o mesmo trajeto das figuras anteriores.

Também mascarado e com chapéu, com vestes agrárias típicas de antigamente e enlameadas, tem como instrumento de trabalho um arado puxado por um burro. Também é auxiliado, por Bugios que conduzem o animal, interagindo e encostando-se ao público.



Lavrador (Foto de Hugo Carneiro, 2023)



Prisão do Vêlo (Foto cedida por José Alexandre Vale, 2025)



**“(...) one of the most remarkable ritual survivals
in modern Europe.”**

Rodney Gallop



O São João na Ditadura

Nuno Alexandre Ferreira

Os meninos da escola de Campelo (Foto de Fernando Peixoto, anos 20)



Folclore em Campelo (Foto de Joãozinho Silva, séc. XX)

O golpe militar de 28 de maio de 1926, liderado pelo general Gomes da Costa, pôs fim à Primeira República e inaugurou uma nova fase da história portuguesa: a ditadura militar. Este regime vigorou até 1933, ano em que António de Oliveira Salazar consolidou o poder e instituiu o Estado

Novo, regime autoritário que moldou a vida política, económica, social e cultural do país durante mais de quatro décadas.

No entanto, entre censura, propaganda e repressão, houve tradições que não desapareceram. Pelo contrário: a Bugiada e Mouriscada, celebrada em Sobrado, manteve-se viva ao longo de todo este período. O que poderia ter sido sufocado pelo peso da ditadura transformou-se, surpreendentemente, numa afirmação de identidade local e num símbolo de resistência cultural.

Com a criação do Secretariado de Propaganda Nacional e a ideologia nacionalista e patriótica de Salazar, as tradições populares passaram a ser valorizadas e promovidas como marcas da “verdadeira alma portuguesa”. Os anos 40, marcados pelas comemorações do duplo centenário de 1940, foram um momento decisivo nesta política cultural.

Festas, tradições e expressões populares ganharam visibilidade e foram estudadas como património autêntico da nação.

É neste contexto que a Bugiada e Mouriscada começou a despertar o interesse de investigadores, musicólogos e antropólogos. Figuras como Santos Júnior, Armando Leça, Rodney Gallop, Violet Alford e Michel Giacometti observaram, descreveram e registaram a festa, deixando-nos documentação preciosa para compreender a sua evolução. O que era uma manifestação local, vivida sobretudo pela comunidade, passou a ser também objeto de estudo académico e etnográfico.

Apesar da atenção oficial e académica, a realidade no terreno era muito mais modesta. Muitas famílias confeccionavam os trajes em casa, com esforço e dedicação. Outras recorriam ao aluguer de fardas, e nem sempre era possível ter todos os acessórios. Mas, apesar das dificuldades económicas, a festa acontecia sempre. A paixão da população era o motor principal da sua continuidade.

A construção da Companhia Industrial de Fibras Artificiais (C.I.F.A.), iniciada em 1946 e inaugurada em 1949, foi outro marco. A fábrica trouxe

emprego para centenas de homens e mulheres e representou um grande impulso económico para a freguesia. O desenvolvimento refletiu-se também na festa, que ganhou novo fôlego, maior participação e mais recursos para ser organizada com brilho e dignidade.

Nomes como Augusto da Munha, André da Munha, José Marujo, Queirós e Fritoso, entre outros ficaram para sempre associados a esta época. Mais do que protagonistas ocasionais, foram autênticos guardiões da tradição. Através deles, e de muitos outros anónimos, a Bugiada e Mouriscada não só se preservou, como se fortaleceu, transmitindo-se às gerações seguintes com orgulho e firmeza.

Já nos anos 70, a festa tinha ultrapassado o seu carácter estritamente local. Tornara-se o ex-libris do concelho de Valongo, e a sua relevância obrigava a um acompanhamento mais atento das autarquias. Prova disso são os apoios financeiros concedidos em 1970 e 1972, demonstrando o reconhecimento oficial da importância da tradição.

Em 1973, ano da última festa em período de ditadura, a Bugiada e Mouriscada apresentava-se mais popular, mais abrangente e mais complexa, mas também mais bela e impactante. Curiosamente, não há registo de censura ou tentativa de manipulação estatal da celebração. Ainda assim, não podemos esquecer que o contexto político e social do Estado Novo moldava, de forma indireta, o modo como estas tradições eram vividas e interpretadas.

Em 1974, com o 25 de Abril, Portugal mudou radicalmente. A queda do Estado Novo trouxe liberdade política, transformações sociais e novos caminhos culturais. Contudo, nas atas da Junta de Freguesia de Sobrado não há qualquer menção à revolução. Um silêncio curioso, que poderá



Bugio (Acervo ASJS, 1973)

ser lido de várias formas: prudência, desinteresse administrativo ou, talvez, o reflexo de que, para a comunidade, a mudança poderia não ser duradora e positiva. Felizmente foi.

A história da Bugiada e Mouriscada ao longo da ditadura mostra como a cultura popular é capaz de se adaptar, resistir e florescer, mesmo em contextos adversos. Foi preservada pela dedicação da comunidade, estudada por especialistas e reconhecida pelas autarquias. Sobreviveu à ditadura e ganhou força com a democracia.

Hoje, é um símbolo identitário de Valongo e uma das mais ricas expressões do património cultural português. A sua trajetória prova que as tradições, quando enraizadas no povo, podem resistir a qualquer regime e sair ainda mais fortes.



Roubo do Santo (foto do acervo da ASJS, anos 60)

Bibliografia

- Ferreira, N. (2016) Igreja Matriz de Sobrado- O Segredo da Memória. Valongo: Edição de autor

Santos Júnior

O professor que foi o embaixador da festa

Nuno Alexandre Ferreira

A alma inquieta

Em 1901, em Vila Frescainha, Barcelos, nasceu Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, figura que viria a destacar-se como uma das mais notáveis personalidades portuguesas nas áreas da antropologia, etnografia, zoologia e arqueologia. Chamavam-lhe, com razão, um homem dos sete ofícios — curioso por natureza, dedicado e de uma inteligência inquieta, que o levava a explorar horizontes diversos com a mesma paixão.

Entre 1911 e 1918 frequentou o liceu no Porto, seguindo depois para o curso de Engenharia Agronómica, no Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa. A saúde, contudo, obrigou-o a interromper a formação logo no primeiro semestre. Em 1920, encontrou o caminho certo: matriculou-se em Ciências Histórico-Naturais, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Nesse mesmo ano casou-se com Judite Campos, natural de Torre de Moncorvo, com

quem passou a viver na Quinta da Caverneira, em Águas Santas (Maia), reservando as férias para regressar a Torre de Moncorvo.

Em 1923 iniciou a sua vida profissional como assistente supranumerário de Antropologia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, sendo depois contratado como 2.º assistente. Foi nessa altura que começou a mergulhar nos estudos sobre a cultura e a etnografia portuguesas, áreas a que se dedicaria até ao fim da vida.

Homem de múltiplas vocações, licenciou-se também em Medicina e exerceu como médico no Hospital Geral de Santo António, entre 1932 e 1936. Contudo, abandonou a prática clínica para se entregar por inteiro ao ensino e à investigação, a sua verdadeira paixão.

Na Universidade do Porto ocupou diversos cargos de relevo: preparador-conservador, diretor do Museu e Laboratório Antropológico, e mais tarde diretor do

Instituto de Zoologia e da Estação de Zoologia Marítima. Paralelamente, promoveu ativamente a valorização da cultura popular portuguesa, destacando-se no Congresso do Mundo Português, em 1940, com estudos sobre olaria, festividades cíclicas, máscaras e outros aspetos da tradição nacional.

Em 1944, doutorou-se em Ciências Histórico-Naturais com a dissertação Contribuição para o estudo da antropologia de Moçambique: Nhúngüés e Antumbas, revelando a sua abrangência científica e o olhar atento para além das fronteiras nacionais. Mais tarde, em 1955, publicou na revista Douro Litoral o artigo “Conceito Ecológico da Etnografia”, onde defendia que esta deveria ser entendida como um ramo das Ciências Naturais, servida pelos mesmos métodos rigorosos de estudo.

Ao longo da sua vida, publicou inúmeros trabalhos, participou em conferências e congressos em Portugal, França, Espanha, Bélgica e Moçambique, e integrou várias associações científicas nacionais e internacionais. A sua obra, vasta e diversa, cimentou-o como um dos grandes nomes da ciência portuguesa do século XX.

Faleceu em 1990. Após a sua morte, a família doou o seu arquivo, biblioteca e objetos pessoais à Biblioteca Municipal de Torre de Moncorvo. Hoje, o valioso espólio encontra-se no Centro de Memória, acessível a investigadores e ao público, perpetuando a memória de um professor e investigador que deixou uma marca indelével na ciência e na cultura portuguesas.

O embaixador da Bugiada e Mouriscada

Poucos sabem, mas as imagens mais antigas em movimento da Bugiada e Mouriscada de Sobrado — essa celebração única que mistura teatro popular,

dança, ritual e identidade local — foram captadas nos anos 30 por um investigador visionário: Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior.

Sim, muito antes de os telemóveis registarem tudo, e décadas antes de a festa começar a atrair a atenção de etnógrafos, fotógrafos e turistas culturais, já Santos Júnior fixava em película o rodízio dos Mourisqueiros, a dança de entrada dos bugios e dos Mourisqueiros e possivelmente a dança do sobreiro dos Mourisqueiros, entre outros. Um verdadeiro tesouro visual que só recentemente começou a ser reconhecido na sua justa dimensão.

O que trouxe Santos Júnior a Sobrado, nos anos 30? Ainda hoje ninguém sabe ao certo. Mistério que só adensa o fascínio. Mas o facto é que voltou. E voltou com força. A partir dos anos 60, quando o interesse académico pela festa cresceu — impulsionado por autores como Rodney Gallop, Luís Chaves e António Rangel — o professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto fez de Sobrado quase um laboratório vivo.

Foi presença assídua em várias edições da festa: 1964, 1965, 1967, 1968... sempre com caderno e máquina fotográfica em punho. As suas notas, ainda hoje preservadas no Centro de Memória de Torre de Moncorvo, revelam uma investigação minuciosa sobre a Bugiada e Mouriscada.

Mas Santos Júnior não esteve sozinho nesta aventura. Em 1964 trouxe consigo uma aluna, Teresa André, que não só tirou fotografias como escreveu um tra-

balho pioneiro. Nessa obra, deixou um testemunho comovente: a esperança de um dia poder ler o grande estudo que o seu mestre preparava sobre as Bugiadas de Sobrado. Esse estudo nunca ficou concluído.

Outros discípulos seguiram-lhe o rasto. Osvaldo Freire apresentou uma palestra na Universidade do Porto em 1965, com o próprio mestre presente na plateia. Lino José da Cruz Moreira, em 1968, escreveu um trabalho de antropologia dedicado a Santos Júnior. Tudo sinais de uma escola de pensamento que orbitava em torno da festa e do carismático professor.

Mas talvez o maior legado de Santos Júnior não tenha ficado nas universidades, mas em Sobrado. A amizade e cumplicidade que estabeleceu com José Ferreira Marujo — o mítico Zeca Marujo — foram decisivas para preservar e transmitir saberes sobre a festa. Zeca não foi seu aluno formal, mas foi certamente o herdeiro espiritual em Sobrado. Correspondência, conversas, memórias... entre os dois, a tradição encontrou um guardião apaixonado.

Apesar de toda a investigação, das notas, das fotografias e da vontade, o professor nunca chegou a publicar o tão aguardado estudo sobre a Bugiada e Mouriscada. Ficou uma promessa por cumprir. Mas ficou também material suficiente para que, um dia, alguém possa dar corpo à obra que Santos Júnior sonhou e que os seus discípulos, amigos e Sobrado inteiro merecem. E talvez aí se cumpra, finalmente, a profecia de Teresa André: “Nele sim, encontrarei tudo aquilo que agora me falta.”

Bibliografia

- Maia, C.M. (s/d) Professor Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior. Consultado a 5 de outubro de 2025 em <https://www.cm-maia.pt/estorias-e-memorias/ilustres-maiatos/professor-doutor-joaquim-rodrigues-dos-santos-junior>
- Porto, U. (2013) Joaquim Santos Júnior. Consultado a 5 de outubro de 2025 em https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20joaquim%20santos%20j%20c3%20banior:%20cargos
- Estraviz, I. (2011) Santos Júnior e os Intelectuais Galegos. Ponte Caldelas- Fundação Meendinho. Consultado a 5 de outubro de 2025 em https://ppl.gal/wp-content/uploads/2011/12/021211_santos_junior_1-36-313-2.pdf
- Carvalho, F. (2019) A coleção colonial de restos humanos no MUHNAC: Missão Antropológica de Moçambique. Lisboa: ISCSP- Universidade de Lisboa. Consultado a 5 de outubro de 2025 em [https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10400.5/19393/1/Carvalho,%20F.%202019.%20A%20cole%C3%A7%C3%A3o%20colonial%20de%20restos%20humanos%20no%20MUHNAC%20-%20Miss%C3%A3o%20Antropol%C3%B3gica%20de%20Mo%C3%A7ambique%20\(2\).pdf](https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10400.5/19393/1/Carvalho,%20F.%202019.%20A%20cole%C3%A7%C3%A3o%20colonial%20de%20restos%20humanos%20no%20MUHNAC%20-%20Miss%C3%A3o%20Antropol%C3%B3gica%20de%20Mo%C3%A7ambique%20(2).pdf)
- Lorena, C. (2022) Antropológicas: Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Consultado a 5 de outubro de 2025 em <https://bdigital.ufp.pt/entities/publication/6b67aaf6-4cc1-43e7-ac2b-8646aac30d3>



Santos Júnior e possivelmente Teresa André em Sobrado (Foto de J.R. Santos Júnior, proveniente do Centro de Memória de Torre de Moncorvo, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1964)



Santos Júnior e as entrajadas (Foto de J.R. Santos Júnior, proveniente do Centro de Memória de Torre de Moncorvo, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1964)

Rodney Gallop

Nuno Alexandre Ferreira

Rodney Alexander Gallop nasceu em 1901, em Folkestone, na costa inglesa, mas cedo o seu olhar se voltou para o sul. Ainda criança, nos invernos passados em Donibane-Lohitzune, deixou-se enfeitiçar pelo País Basco. Foi aí que nasceu o vínculo que marcaria toda a sua vida: a fascinação pela língua, pela música e pela poesia popular.

Formado em Cambridge, Gallop ingressou em 1924 no Serviço Diplomático Britânico. A carreira levou-o por várias cidades — Donostia, Hamburgo, Belgrado, Atenas, Lisboa, México e Copenhague —, mas em cada destino o diplomata deixava emergir também o etnógrafo. Observava com atenção os gestos quotidianos, registava sons e palavras, mergulhava nas danças e nos rituais. A curiosidade científica transformava-se em recolha cuidadosa, e desta recolha nasciam artigos, livros e colaborações com revistas de especialidade.

Em 1930, publicou em Londres *A Book of the Basques*, obra pioneira que deu a conhecer ao público britânico a riqueza cultural basca. Poucos anos depois, foi Portugal que conquistou o seu olhar. Entre 1931 e 1933, percorreu o país de norte a sul, acompanhando festas religiosas, trabalhos agrícolas, tradições comunitárias e rituais do ciclo da vida. Das aldeias de Trás-os-Montes aos campos do Alentejo, anotou contos e provérbios,

e percebeu a urgência de fixar no papel as melodias que a voz do povo mantinha vivas. Dessa imersão nasceram dois livros maiores: *Portugal: A Book of Folk Ways* (1936) e *Cantares do Povo Português* (1937), marcos fundamentais na valorização do nosso património imaterial.

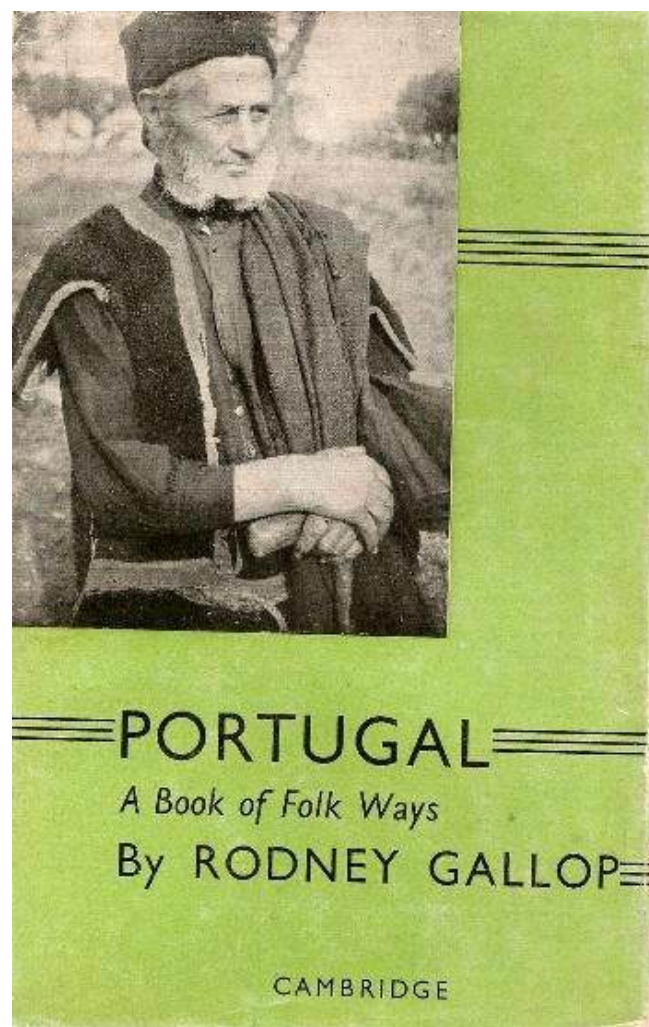
Gallop não se limitou a observar. Foi também um agente de difusão cultural. Na Inglaterra, ajudou a dar novo fôlego à dança tradicional, colaborando na organização do Congresso Internacional de Danças Folclóricas de Londres, em 1935, que reuniu artistas e tradições do mundo inteiro.

Em 1947, voltou ao País Basco, acompanhado do amigo Philippe Veyrin, para preparar uma exposição dedicada à região. Contudo, no ano seguinte, a sua vida seria interrompida de forma precoce: em setembro de 1948, vítima de uma doença contraída no serviço diplomático, Rodney Gallop faleceu aos 47 anos.

O seu legado, porém, não se perdeu. Poucos anos após a sua morte, exposições celebraram o olhar sensível com que fixou imagens e memórias. Décadas mais tarde, em 1970, *A Book of the Basques* foi republicado pela University of Nevada Press, com organização de William A. Douglass, reafirmando a atualidade da sua obra. A sua esposa, Marjory D.C.

Gallop, doou à Biblioteca Basca da Universidade de Nevada a preciosa coleção de livros, partituras e fotografias reunida ao longo da vida — um tesouro multilingue que continua a inspirar investigadores e amantes da cultura.

Rodney Gallop foi muito mais do que um diplomata. Foi um viajante da alma dos povos, um colecionador de vozes, um guardião da memória popular. O seu trabalho permanece como testemunho de que as tradições, longe de serem vestígios do passado, são forças vivas que moldam identidades e resistem ao tempo.



Capa do livro Portugal- A Book of Folk Ways
(foto de Manuel Pinto, 2011)

Rodney Gallop e a sua visão da Bugiada e Mouriscada

Em 1932, surge a visita à Bugiada e Mouriscada do folclorista e etnomusicólogo Rodney Gallop, acompanhado pela etnógrafa e, igualmente, folclorista, Violet Alford. A chegada a Sobrado ocorre a meio da tarde do Dia de São João, mas ainda a tempo de assistirem a uma boa parte da festa.

Carmo Lorena sobre Gallop refere “(...) Chegou no dia 24 de Junho de 1932, pelas 18 horas. Foi preciso esperar alguns anos até à publicação da obra de referência Portugal- A Book of Folk Ways, resultado do levantamento que levou a cabo no país. Mas enquanto o livro estava no prelo, outras anotações foram saindo. Em 1933, foi a sua conterrânea inglesa e colega Violet Alford (1881-1972) que revelou os primeiros dados num artigo publicado na revista Folklore, onde incluiu uma fotografia dos Mouriscos da autoria de Gallop. Antes de mais, importa notar que, através deste artigo (Alford 1933), é possível inferir que Alford e Gallop estavam juntos no verão de 1932, facto depois confirmado em textos posteriores. (...) Em 1934, foi então a vez de Rodney Gallop fazer a sua primeira referência à festa de Sobrado, num artigo intitulado “The Origins of the Morris Dance”. Nele, o autor contesta a ideia estabelecida de as «Morris dances» europeias terem origem moura e discorre sobre o facto de a denominação das danças («Morris» ou «Morisco») ter estado na origem do equívoco. Ou seja, o nome das danças não comprova a origem ou a semelhança performativa com as danças mouras originais. Como bom folclorista, Gallop faz uso da comparação:”

“There is no question that the English Morris dance is closely related to the similar dances (whether called «Morisco» or not) of the rest of Europe, and it is impossible to propound an answer

to the question of its origin without taking into account the evidence furnished by other countries.” (1934, p. 123). E é da comparação que surge o elemento que aqui nos interessa. Gallop oferece vários exemplos portugueses e espanhóis de combates rituais entre Mouros e Cristãos e termina dizendo: “Lastly I may mention in this connection the astonishing «Mouriscada» which Miss Violet Alford and I witnessed near Valongo in Portugal and which she has described in full detail in Folk Lore.”

“A referência escrita à festividade de Sobrado é breve, informa apenas sobre os dois exércitos e a sua luta, que termina na libertação do Rei dos Bugios com a ajuda do Dragão. Todavia, a referência visual é de relevo. Gallop escolheu duas fotografias para ilustrar este artigo, ambas de Portugal: uma, dos Bugios de Sobrado com o seu ‘dragão’ e outra, do Rei David e seus cortesãos, em Braga. Apesar de não estarem datadas, foram seguramente tiradas no verão de 1932. O texto trata com maior detalhe muitas outras celebrações e performances, mas uma das duas fotografias seleccionadas foi da festa de Sobrado. Por fim, e depois de uma discussão interessante sobre o assunto, Gallop termina dizendo o seguinte:”

“Folklore, of course, is not an exact science. The only method of argument is by analogy, always a dangerous one. Its conclusions are necessarily tentative. They can be demonstrated but they cannot be proved. Their acceptance or rejection must be left to the individual judgment. It is subject to these reservations that I venture to state my conclusions. We can assume that the Morris dance is not of Moorish origin and that some fortuitous circumstance or combination of circumstances must have saddled it with its widespread (though not universal) name.”

“No ano seguinte, em 1935, Rodney Gallop e Violet Alford publicam juntos uma obra de grande fôlego, The Traditional Dance, na qual também referem a Mouriscada de Sobrado. Este livro surge oportunamente no âmbito do International

Folk Dance Festival, que se realizou em Londres em Julho de 1935 e que contou com Gallop e Alford entre os seus organizadores. Deste evento fez parte a International Folk Dance Conference, da qual resultou um número especial do Journal of the English Folk Dance and Song Society, uma espécie de livro de actas da conferência. E foi justamente nesse número da revista que Violet Alford publicou a comunicação “Morris and Morisca”, que apresentara na conferência. Alford, sempre interessada nas «Morris dances» de Inglaterra, volta-se aqui para os casos de França, Itália e Espanha. (...) Relativamente ao livro The Traditional Dance, no sexto capítulo, intitulado “Christians and Moors”, os autores debruçam-se sobre as relações entre «Mummers’ plays» europeias, danças de espadas e Mouriscas. São retomadas ideias anteriores — nomeadamente aquela da inadequação da designação «Moorish», na medida em que muitas dessas performances já existiam antes da presença moura na Europa —, tal como é retomado o exemplo sobradense. Vale a pena notar a forma como foi introduzido:

“let us see what is perhaps the strangest of all these continental ‘Mauresque’ performances, the «Mouriscada» performed annually at Sobrado near Valongo (Portugal) which the authors of this book saw together in 1932, and the existence of which had till then been unknown even to Portuguese folklorists.”.



Velho da Bugiada
(ilustração de Rodney Gallop, 1932)



A Bugiada (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)

“É significativo terem assinalado um desconhecimento generalizado acerca da festa, mormente entre os estudiosos portugueses. A descrição é a mesma: bênção da Bugiada e Mouriscada pelos respectivos reis; semear, gradar e lavrar; dança no pátio da casa do padre executada primeiro pelos Mourisqueiros e depois pelos Bugios (com descrição de vestuário e coreografias); performance nos ‘castelos’ com salvas de mosquetes; prisão do Rei Bugio e sua libertação com a Bicha; Dança do Santo “to give a Christian finish to the ceremony”; e, finalmente, a festa termina, “thus bringing to a close one of the strangest survivals in the whole Europe.” (Alford, Gallop 1935, p. 121). Uma fotografia dos Mourisqueiros ilustra o texto.

No livro *Portugal. A Book of Folk Ways*, originalmente publicado em 1936 e reimpresso em 1961, Gallop oferece um expressivo panorama daquilo que viu em Sobrado em 1932. Depois de uma viva e detalhada descrição das danças de Mourisqueiros e Bugios, assim como da Prisão do Velho, termina o relato com esta frase: “

“Once again the two teams performed their strange dances, this time in front of the church, and in honour of St. John, thus bringing to a close one of the most remarkable ritual survivals in modern Europe.”

“A insistência nas “survivals” de uma “modern Europe” não é casual e remete-nos para paradigmas bem datados da pesquisa etnológica.”

O próprio Manuel Pinto, conterrâneo sobradense e também investigador, abordou várias vezes Rodney Gallop. Referiu, num dos seus artigos publicado no seu blog bugiosemourisqueiros.blogspot.com, em 2011, o seguinte: “Provavelmente o nome Rodney Gallop não diz nada ao leitor. É possível que venha a ouvir falar dele se se concretizar a candidatura do “cante alentejano” a património imaterial da Humanidade, já que ele foi um dos etnógrafos que recolheu vários dos exemplares

dessa forma de música popular, nomeadamente em “Cantares do Povo Português”. Mas a que propósito o trago aqui? Precisamente porque, num outro livro que publicou, intitulado (em inglês, e, tanto quanto sei, não foi traduzido)”Portugal, a Book of Folk Ways”, que se poderia traduzir por “Caminhos do Folclore Português”. Ora este livro faz em 2011 precisamente 75 anos que foi editado, o que é suficiente motivo para referir uma obra que dedicou várias páginas (pp. 171 a 175) à Festa de S. João de Sobrado. Deve-se-lhe, além disso,

uma das imagens mais antigas que conhecemos dos Mourisqueiros sobradenses e um pequeno desenho inconfundível do Velho da Bugiada, o rei dos Bugios. Logo no prefácio, anota a singularidade e carácter único do caso do S. João de Sobrado ou quando escreve que “a Mouriscada de Sobrado e o Auto de Floripes não se encontram por aí em qualquer aldeia ou em qualquer dia do ano. Persistem como exemplos isolados de algo que pode ter estado mais generalizado no passado, mas que já não o está hoje”.

Bibliografia

- Pinto, M. (2011) Rodney Gallop (1) A Dança dos Mourisqueiros em 1932. Consultado a 10 de outubro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/12/rodney-gallop-1-danca-dos-mourisqueiros.html>
- Pinto, M. (2011) Rodney Gallop (2) Bugios: seus trajes e suas danças. Consultado a 10 de outubro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/12/rodney-gallop-2-bugios.html>
- Pinto, M. (2011) Rodney Gallop (3) Rodney Gallop - este nome diz-lhe alguma coisa? Nos 75 anos de “Portugal, a Book of Folk Ways”. Consultado a 10 de outubro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/12/rodney-gallop-este-nome-diz-lhe-alguma.html>
- Rodney Gallop (1936), Portugal a Book of Folk Ways. Cambridge University Press
- Lorena, C. (2022) Antropológicas: Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Consultado a 5 de outubro de 2025 em <https://bdigital.ufp.pt/entities/publication/6b67aafb-4cc1-43e7-ac2b-8646aac30d3>
- Lasa, F. (2025) Gallop, Rodney A. Consultado a 10 de outubro de 2025 em <https://aunamendi.eusko-ikaskuntza.eus/eu/gallop-rodney-a/ar-52469/#>

Violet Alford

A primeira mulher a investigar o São João

Nuno Alexandre Ferreira

Violet Alford, etnógrafa e folclorista, nasceu a 18 de março de 1881, em Cleves (Somerset, Inglaterra) e foi a terceira filha de Josiah George Alford e Catherine Mary Leslie Alford.

O seu pai, Josiah Alford, era cônego da Catedral de Bristol e ensinou-lhe música, e depois de terminar os seus estudos, em Clifton (Bristol), foi para uma escola da Suíça, para se aperfeiçoar na língua Francesa e outras especialidades essenciais às boas maneiras e educação da época.

Durante a primeira guerra mundial, juntamente com as suas irmãs, dedicou-se a ajudar em hospitais e ao trabalho de caridade, em Bristol, e, por diversão, estudou danças folclóricas inglesas. Após a guerra, Violet começou a recolher material para o seu primeiro livro sobre estas danças.

Numa época em que não era costume as senhoras viajarem sós, percorreu muitas partes da Europa, incluindo Portugal, para estudar danças folclóricas, festas de aldeias, sendo que como conferencista, Violet era bem conhecida no continente Europeu.

Foi secretária do primeiro Festival Internacional de Dança Folclórica, realizado em Londres em 1935 e presidido pela musicóloga Maud Karpeles.

Fez apresentações em congressos, publicou vários livros científicos e inúmeros artigos em revistas científicas, como *Journal of the Folklore Society*, *Journal of the English Folk Dance and Song Society*, *El Musical Quarterly*, *Journal of the International Folk Music Council*, entre outros.

Alford supervisionou a mudança, catalogação e desmontagem da Biblioteca Memorial Vaughan Williams durante a Segunda Guerra Mundial. De 1946 a 1953, foi editora da série *Handbooks of European Dances*. Ela também foi jurada no Llan-

gollen International Musical Eisteddfod, julgando danças folclóricas e música instrumental. De 1949 a 1953, atuou no comitê executivo da *English Folk Dance Society*.

Alford contribuiu muito positivamente para o folclore europeu e encontrou-se associada a sociedades científicas. Graças aos seus esforços, vários países perceberam a importância de preservar o folclore e as tradições, bem como de fazer estudos comparativos para melhor entender o “como?”, “porquê?”, “quando?” e “onde?” de cada costume, de cada instrumento, de cada traje e de cada dança. Não foi a primeira a seguir este caminho de estudo, mas os seus esforços, por onde passou, contribuiu com conhecimento e despertou interesse dos investigadores nos vários países.

Alford morou com o sobrinho, Dr. Ormerod, em seus últimos anos. Aos 86 anos deu a volta ao mundo, passando pela Austrália, Nova Zelândia, Pacífico, Américas. Tinha, ainda, o desejo de visitar o continente asiático, contudo não lhe foi possível. Faleceu a 16 de fevereiro de 1972, em Bristol, com quase 91 anos. O mundo deve lembrar-se de Violet Alford e com muita gratidão pelo trabalho que desenvolveu.

Foi uma autoridade internacionalmente reconhecida em dança folclórica e suas respectivas músicas, trajes e costumes populares. Ela acreditava que uma raiz pré-histórica comum explicava as semelhanças encontradas em grande parte da Europa.

O seu trabalho inclui inúmeros artigos, livros e romances, nomeadamente:

- *Peeps at English Folk-dances* (1923)
- *English Folk Dances* (1925)
- “*The Dancing Travellers*” (1927)

- The Traditional Dance (1935), em colaboração com Rodney Gallop
- Pyrenean Festivals (1937)
- “Valencian Cross-Roads” (1937)
- Introduction to English Folklore (1952)
- Dances of France: The Pyrenees (1952)
- The Singing of the Travels (1956)
- Sword Dance and Drama (1962)
- The Hobby Horse and Other Animal Masks (1978, publicado depois de sua morte)

Em Sobrado

Em 1932, no dia de São João, a etnógrafa e folclorista inglesa Violet Alford, veio à Bugiada e Mouriscada. Encontrou-se acompanhada por um outro inglês, Rodney Gallop (diplomata, folclorista e etnomusicólogo). a visita dos dois viria a dar os seus frutos em termos de trabalhos publicados com referências à festa.



Mourisqueiros (foto de Rodney Gallop, 1932)

Carmo Daun Lorena, analisou mais uma vez, todo o trabalho de Alford sobre a festa e referiu que em 1933, “Violet Alford (...) revelou os primeiros dados num artigo publicado na revista Folklore, onde incluiu uma fotografia dos Mouriscos da autoria de Gallop. Antes de mais, importa notar que, através deste artigo, é possível inferir que Alford e Gallop estavam juntos no verão de 1932, facto depois confirmado em textos posteriores. (...)”

Segundo Lorena, “Alford começa por fazer uma referência aos “Midsummer doings once carried out all over the north of the country, and surviving well, though now in decay, at Braga, at the village of Sobrado, and probably in other places of which I have not heard.” O aparente declínio pede uma descrição mais concreta. Começa por Braga e avança depois para o caso de Sobrado:

“The second Morris witnessed that same Midsummer Day was going on many kilometers away at the village of Sobrado near Vallongo. The dancers practise carefully for several Sundays beforehand, and crowds come in every year as though they had never seen it before.”

“A descrição tem início com a saída da congregação da missa e a entrada dos Mouriscos na vila, pelas 11h30. Portanto, nada ficamos a saber sobre o que se terá passado antes. Não é de estranhar que a sua atenção esteja primeiramente voltada para os Mourisqueiros. Todavia, logo aparecem os Bugios:

“From the opposite side of the village came another and more extraordinary procession. These were the «Bugios», whose name literally means ‘mimer’ or ‘imitator’, with, however, the possibility of a second meaning. [...] For the secondary meaning of «Bugio» may be ‘sorcerer’.”

“Alford fornece descrição detalhada das roupas e adereços de Mourisqueiros e Bugios e revela que “The King of the Bugios had inherited the office from his father.”, algo que hoje já não sucede. Prossegue depois com uma brevíssima descrição da sementeira e do gradar e lavar. E revela: “We arrived about 5 o’clock from Braga [...] and the second part of the proceedings not long begun.” Ficamos assim a saber que viajou acompanhada e que a descrição anterior, relativa à manhã da festa, só pode ter sido um relato feito por terceiros. Ao fim da tarde, Alford descreve Bugios e Mourisqueiros espalhados pelo recinto, para logo depois estes últimos se emparelharem para uma dança no pátio da casa do padre. Uma vez mais, uma dança descrita pormenorizadamente por Alford. No mesmo lugar, os Bugios, “then began a most extraordinary dance, if dance it can be called”, cujos movimentos e expressões dramáticas do seu Rei são vividamente descritas, bem como a restante coreografia da Bugiada. Pelas 18h45, as duas formações subiram aos seus ‘castelos’. A autora descreve o cenário e a representação da luta e, por fim, o aprisionamento do rei dos Bugios pelo rei dos Mouriscos. O acompanhamento da banda de música que, entretanto, “joined the procession with dirge-like music” não escapa à descrição de Alford. Nem tão-pouco a Serpe:

“This creature was called the «Bicha» (serpent or dragon) and was about 8 ft. long, made of sa-

cking covering a light wooden frame and painted with large spots. His tail was a fir branch, his tongue of red cotton.”

“Após a libertação do rei dos Bugios, Alford dá conta da Dança do Santo, em frente à igreja e em honra de São João. A dos Mourisqueiros durou meia hora, seguiram-se os Bugios. A descrição (e a festa) termina assim:

“Illuminations, fireworks and explosions began all over the countryside, for the saint must be honoured by as much noise as possible. After which the people went home through the warm night, men and girls exchanging hats, singing such songs as these.”

“Alford apresenta então duas músicas de São João (uma da região do Porto, outra da região centro de Portugal) e uma música de Santo António, todas com as respectivas letras e pautas. Contudo, Violet Alford deixa ainda algumas notas interessantes:

“We have no history of the Sobrado rite, so we cannot illuminate the present confusion with gleams from the past before deterioration set in. But we have an account, as usual disappointing, of another rite in which «Bugios» figure, and that no further away than the town of Vallongo on the Douro railway. A pamphlet entitled “Bosquejo Historico da Villa de Vallongo” by F. J. Ribeira Seara, 1896, shows not a Mourisca, but a «Bugiada».”

“É curioso notar que Alford parecia debater-se com a mesma escassez de fontes históricas com que ainda hoje em dia nos deparamos, assim como com uma certa desilusão relativamente aos relatos disponíveis. Com base nesse dado, Alford especula o seguinte sobre esse festejo (dedicado a Santo António desde 1750): “If information were available we should probably find that the «Bugiada» was an annual event long before that date, but that it was held in honour of São João. In other words a Midsummer Festival.” Mas, não havendo informação que a sustente, esta tese, tão feita à medida de

Alford, não passa de suposição. No que concerne à festa de Sobrado, Alford termina o artigo, avançando algumas hipóteses, tendo por base um exercício comparativo:

“The Sobrado Mourisca seems to be a Mummers’ Play on a large scale, the protagonists whole companies instead of individuals, until the moment of the capture of the «Bugio» King. That moment of suspense, the Mourisco King standing, naked sword in hand above the kneeling captive, struck me forcibly as having once been more than a capture. The death of the Vallongo «Bugio» in the next town gives legitimate reason to believe that the Sobrado «Bugio» died also, and I think the death took place at this moment and at the hands of the Mourisco King. The escape and the attack by the Dragon would be an episode added when the need of a death had been forgotten. We have no evidence of what was the Dragon’s rôle in our Mummer’s Plays and Morris, and Dragons have now died out.”

E após algumas considerações anteriores, a autora avança ainda outra hipótese rebuscada (...): *“These Sobrado companies may have suffered the same mistaken change, and the fact that the «Bugio» King wears the Mourisco headdress might be regarded as some indication that this has taken place. But this would by no means lessen the interest of finding sorcerers bowing so oddly to the Chief of their Coven on a Midsummer Day, for we then might argue that it strengthens both the connection between Morris and a Fertility cult [...]”* Esta publicação mostra bem a matriz etnológica que regia o estudo das festividades populares na década de 1930, tanto ao nível programático como metodológico. Do que escreveu Alford, importa reter alguns aspectos: a preocupação com o declínio, com as sobrevivências e com a origem; e devido a isso, as descrições detalhadas de trajes, adereços,

danças, música; e a comparação – e tentativa de estabelecer relações e derivações – entre celebrações e práticas performativas congêneres.

“Em 1939, é publicada na revista Folklore uma resensão a esta obra, da autoria de Violet Alford. Depois de assumir um certo desapontamento relativamente ao quarto capítulo, afirma que “In Chapter VII we reach the apogee of the book and the crucial moment of the Calendar. [...] we are introduced to the Moor in all his significance.” E mais à frente, continua:

“But the great Mouriscada at Sobrado contains all that can be desired – too much. Beginning with a man riding backwards on a pony and sowing flax, going on with jumping in groups by «Bugios» (which may be translated Fool) dances in honour of St. John, dances in honour of the «Cura», a battle from two castles, a dragon, a death procession wailing and sighing, hereditary Kings, the Bugio Sovereign being allowed to choose vestments from the church, his followers all masked devilishly, the Moors much more Christian in appearance, this extraordinary performance covers the whole fairground and lasts from morning to sunset – and that is late enough on Midsummer Day. Nothing more remarkable in folk survivals has come my way, and Mr. Gallop makes the most of it.”

Violet Alford parece que ficou surpreendida e agradada com o que viu em 1932. Foi a primeira estudiosa mulher a publicar, sobre o que observou em Sobrado. Muitas vezes abordamos Rodney Gallop e esquecemos um pouco de Violet Alford, pelo que este artigo serve para recuperar o seu extraordinário contributo para a investigação e divulgação da Bugiada e Mouriscada.

Bibliografia

- Houston, R. (2018) Violet Alford. Consultado a 13 de outubro de 2025 em https://sfidh.us/encyclopedia/alford_v.html
- Cowdell, P. (2021) Violet Alford and the Persistence of Edwardian Thinking. Consultado a 13 de outubro de 2025 em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0015587X.2021.1905369>
- Lorena, C. (2022) Antropológicas: Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Consultado a 5 de outubro de 2025 em <https://bdigital.ufp.pt/entities/publication/6b67aaf6-4cc1-43e7-ac2b-8646aac30d3>



Velho da Bugiada (foto de Armando Marco, anos 80)

Entre Bugios e Mourisqueiros:
o olhar de

Armando Leça

Nuno Alexandre Ferreira

Armando Leça: O músico caminheiro que deu voz à alma popular de Portugal

Num país onde a tradição muitas vezes ecoa em surdina, houve quem fizesse da sua vida um palco para amplificar a música do povo. **Armando Leça** — compositor, folclorista e etnomusicólogo — dedicou-se a uma missão quase sagrada: descobrir, preservar e divulgar a verdadeira Música Popular Portuguesa.

“A música popular portuguesa vive nas aldeias, longe do ruído das cidades.”

Nascido a 9 de agosto de 1893, em Leça da Palmeira, e falecido em 1977, em Vila Nova de Gaia, Leça viveu entre partituras e paisagens, entre o piano do Conservatório Nacional e os caminhos de terra batida do interior português. Foi ali, longe das influências urbanas e estrangeiras, que procurou o som genuíno da identidade nacional.

Ainda jovem, revelou um talento precoce: aos 18 anos publicava valsas para piano, e no ano seguinte dava a conhecer o ciclo de canções *“Cântico das Flores”*. Foi professor de Composição e Piano, ensinou Canto Coral no Porto, compôs para cinema, coros e teatro.

Mas foi em 1939, com a missão atribuída pela **Comissão dos Centenários**, que iniciou um dos trabalhos mais pioneiros da história musical portuguesa: **o primeiro levantamento sistemático da música popular no território continental**. De norte a sul, Leça gravou vozes e melodias autênticas, registos sonoros que hoje são um verdadeiro tesouro etnográfico. *“Foi o primeiro a gravar, no terreno, a música que o povo realmente cantava.”*

Para Leça, a música popular não era apenas um património artístico — era uma expressão da alma de um povo. Viu no folclore uma forma de resistência cultural e uma identidade nacional que urgia preservar.

Fundou e dirigiu vários agrupamentos corais, que usava como laboratórios vivos para divulgar as suas recolhas. Nas suas apresentações e conferências, acompanhava-se de um harmónio ou de um piano, explicando o contexto das melodias e envolvendo o público num processo educativo e emocional.

Na década de 1930, Armando Leça levou a sua missão até às ondas da rádio. Como Diretor Artístico da Rádio Porto, criou o programa *“Hora de Música Portuguesa”*, onde semanalmente dava palco a coros e compositores nacionais. Mais tarde, na rubrica *“Do Minho ao Algarve”*, transmitida pelo Rádio Clube Português, continuou o seu trabalho com o mesmo rigor e paixão. *“A rádio foi o seu megafone: uma ponte entre aldeias e cidades.”*

Autodenominando-se **“músico caminheiro”**, Leça transformou a sua vida numa jornada cultural. Foi ele o elo entre a visão romântica do século XIX e a construção ideológica do Estado Novo, regime que se apropriou da imagem do povo puro e tradicional como símbolo da nação.

Apesar disso, o seu legado transcende o contexto político da época. Armando Leça foi, acima de tudo, um missionário da música popular, alguém que acreditava que nas vozes simples do povo havia uma verdade musical que merecia ser ouvida, respeitada e celebrada. *“A verdadeira música do nosso povo não se aprende nos livros — ouve-se na terra.”*

Armando Leça, o guardião fotográfico da Bugiada e Mouriscada

A ligação de Armando Leça a Sobrado esteve escondida por décadas no arquivo municipal de matosi-

nhos. Napoleão Ribeiro e Nuno Dias foram os responsáveis pelo resgate destas memórias.

Nuno Dias é operário da construção civil e desde os dezasseis anos que toca no Grupo de Bombos da Reguenga. Iniciou os seus estudos de gaita-de-fole, em 2005, com o professor Ricardo Coelho na Escola de Gaitas da Ponte Velha da Associação Cultural Tirsense, onde leciona o instrumento desde 2011. Desenvolve a sua atividade musical em vários projectos como Gaiteiros da Ponte Velha, Chulada da Ponte Velha ou na Rusga da Reguenga.

Napoleão Ribeiro é antropólogo e iniciou-se na gaita-de-fole de forma autodidata. Em 2004, teve as primeiras aulas com o professor Ricardo Coelho na Escola de Gaitas da Ponte Velha da Associação Cultural Tirsense, de que foi membro fundador. Desenvolve a sua atividade musical nos projetos Gaiteiros da Ponte Velha, Chulada da Ponte Velha e Pantomina.

Ambos conheciam a Bugiada e Mouriscada e quando viram os registos fotográficos de Armando Leça sobre a festa, no arquivo histórico de matosinhos, pediram a sua reprodução. foram eles que cederam as fotos à Associação São João de Sobrado. Em 2020, durante a pandemia do covid-19, algumas imagens foram partilhadas porque a festa não se pode realizar. Na descrição destes registos,



As flores para o São João (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)

Nuno Dias mencionou que “*apesar de não sermos de Sobrado fazemos recolhas e registos fotográficos culturais e tradicionais de Portugal, e gostamos muito do vosso São João...e onde no ano passado tivemos a honra de participar na tocata dos bugios, muitos parabéns pela vossa tradição!!!*”

Desde então tem sido maior a preocupação pelo estudo de Armando Leça e da sua conexão a Sobrado.

Carmo Lorena sobre Armando Leça

No âmbito do projeto Festivity, da Universidade do Minho, bem como do processo de candidatura da Bugiada e Mouriscada ao Inventário Nacional do Património Cultural e Imaterial, Carmo Daun e Lorena, fez uma análise mais alargada sobre Armando Leça e a sua conexão com os Bugios e Mourisqueiros.

Inicialmente, Carmo Afirma que “*Antes disto, em 1940, Armando Leça (1891-1977) também esteve em Sobrado.*” De seguida, continuou a sua análise onde se denota uma investigação aprofundada sobre este assunto e que importa reproduzir.

“*A recolha exaustiva para o cancioneiro da música popular portuguesa que fez o eminente etnomusicólogo português Armando Leça percorrer o país de lés a lés, le-*



As flores para o São João (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)

vou-o também a Sobrado. Disso deu conta, nesse mesmo ano de 1940, no relatório dos trabalhos para o cancioneiro, na secção dedicada ao Douro Litoral:

“*Comecemos pelo Sobrado de Valongo, onde pode reconstituir-se a teatral ‘Mourisca’, de velha tradição, com a indumentária pitoresca dos intérpretes, as cenas do castelo, do dragão salvador, e os convictos ‘advogados’. Viola, rabeca, caixa e tambor. A música não tem relêvo, mas as marchas e as figurações dos dois grupos – os ‘bugios’ e os ‘mourisqueiros’ – são dignos de ser fixados pelo cinema.*” (Leça 1940, p. 24)

“*E doze anos mais tarde, em 1952, escreveu:*

“*Por 1940, em Sobrado de Valongo assisti, no dia de S. João à (‘Mouriscada’) ‘mourisqueira’ com seus juizes, advogados, ‘bugios’, isto é, monos e mouriscos e mais três rabecas, caixa e tambor. Tudo moços solteiros.*” (Leça 1952, p. 40).

“*E apesar de a designação da festa indiciar um maior destaque dos Mourisqueiros, foi por uma fotografia de*

um Bugio que Leça optou para ilustrar o texto. (...) Curiosamente, a mesma que utilizou, anos depois, num texto que não menciona a festa (cf. Leça 1956).”

Compreende-se, desta forma, que Armando Leça, acompanhou e escreveu sobre a Bugiada e Mouriscada entre os anos 40 e 50, e os seus registos escritos, mas sobretudo fotográficos são preponderantes para conhecer a festa neste período. Ele foi também um embaixador desta tradição e o seu trabalho, engenho e arte devem ser ainda mais valorizados e conhecidos.

O olhar que guardou a festa

Armando Leça, na sua visita a Sobrado e a Valongo, tirou várias fotografias que ilustram a festa sob vários pontos de análise, nomeadamente sobre os Bugios, Mourisqueiros, músicos, mulheres a fazer as flores para os mastros, entre outros. É possível que tenha havido mais do que uma deslocação, sem que haja alguma informação que o confirme.

Bibliografia

- Lorena, C. (2022) Antropológicas: Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Consultado a 5 de outubro de 2025 em <https://bdigital.ufp.pt/entities/publication/6b67aafb-4cc1-43e7-ac2b-8646aacf30d3>
- Sardinha, J. (s/d) Armando Leça e o primeiro levantamento músico-popular realizado em Portugal. Consultado a 5 de outubro de 2025 em [PORTUGALhttps://run.unl.pt/bitstream/10362/6737/1/RFCSH6_345_376.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/6737/1/RFCSH6_345_376.pdf)



Jintar dos Bugios (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)



Bugios com a Serpe (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)



- A.- As mulheres que preparavam as flores (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)
- B.- Bugio com a Serpe (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)
- C.- As mulheres que preparavam as flores (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)
- D.- Bugio e Advogados (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)
- E.- Bugiada (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)
- F.- Bugiada com a Serpe (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)
- G.- Mouriscada (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)
- H.- Reimeiro Manuel André Gaspar (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)
- I.- Bugiada (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)
- J.- Mouriscada e a Capela de N^a Sra das Necessidades (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)



1943

Quando o São João foi no dia 25 de junho

Nuno Alexandre Ferreira

Ao longo dos tempos, multiplicaram-se as narrativas ligadas ao São João de Sobrado, muitas das quais foram preservadas através da tradição oral, passando de geração em geração. Embora nem sempre existam fontes documentais que confirmem a veracidade destes relatos, a sabedoria popular ensina que, onde há fumo, há fogo — sugerindo que, por trás de cada história, poderá residir um fundo de verdade.

O professor Manuel Pinto, escreveu em 2015, sobre um momento inédito na festa: a Bugiada e Mouriscada ocorreu no dia 25 de junho e não no dia 24 como é tradição, por causa do Corpo de Deus. Segundo ele, “Houve um ano em que a festa do S. João

de Sobrado não foi no dia 24, mas no dia 25 de junho. Esse ano foi o de 1942. Há 73 anos, portanto. E que é que se passou para isso acontecer? Em 1942 a festa do Corpo de Deus calhou no dia 24 de junho e era tão importante que empurrou a Bugiada e a Mouriscada para o dia seguinte. Até tempos recentes, a Festa do Corpo de Deus era também um dia muito especial para as famílias, por ser a festa da Comunhão Solene das crianças. Como se obteve esta informação? Por uma família sobradense que tem um familiar que completa 73 anos hoje mesmo, 25 de junho e que, pelas razões atrás enunciadas, acabou por nascer em dia de S. João. Será que há gente que ainda se lembra deste acontecimento?”

Ao que tudo indica esta história terá sido verídica, ainda que o ano indicado não seja o certo. Em 1942, a festa do Corpo de Deus ocorreu a 4 de junho. No entanto, no ano seguinte, em 1943, aí sim ocorreu a 24 de junho, fenómeno que é raríssimo.

Sobre a celebração do Corpo de Deus e como nos refere o Patriarcado de Lisboa, “a festa do Corpo e Sangue de Cristo celebra-se normalmente numa quinta-feira para fazer referência à Quinta-feira Santa, dia da instituição da Eucaristia, dia da entrega de Cristo à humanidade num gesto de Amor infinito. Foi no século XIII que se sentiu fortemente a necessidade de ressaltar esta festa, devido à importância da presença de Cristo em forma de pão e de vinho, forma tão humana, mas ao mesmo tempo tão rica de simbolismo. Foi o Papa Urbano

IV quem instituiu a comemoração da festa de Corpus Christi, no ano 1264. No início, esta festa não teve muita repercussão no interior da Igreja. Após a sua instituição o Papa morre. Porém, aos poucos, foi tomando força e, hoje, é celebrada com grande solenidade em todo o mundo.”

Perante a relevância religiosa desta festividade sobre a festividade do São João, teve certamente que existir uma cedência festiva nessa situação, no entanto, deste São João tão especial e diferente, a 25 de junho, não existem grandes informações. Sabe-se que o pároco de então era o Padre José Barbosa, desconhecendo-se os nomes do Velho da Bugiada e do Reimoeiro de então.

Como terá a comunidade encarado esta situação? Será que o respeito pela tradição religiosa se impôs à tradição festiva? Será que Bugios e Mourisqueiros encararam esta situação de forma natural e normal? Estas respostas ficarão por esclarecer, por enquanto. Apenas se sabe que em 1943, o São João foi a 25 de junho.

Terá sido a primeira vez que tal aconteceu? Não havendo certezas, mas suposições, a verdade é que em 1886, o dia 24 de junho foi também dia do Corpo de Deus, não havendo notícias sobre a festa. Em 2038, como a Páscoa também ocorrerá a 25 de abril (motivo da ocorrência das festas do Corpo de Deus a 24 de junho), voltaremos a ter a mesma situação. Será que ocorrerá a 25 também? Esperemos estar aqui todos para comprovar esta situação rara, mas especial.

Bibliografia

- Pinto, M. (2015) 1942: o ano em que o S. João foi a 25 de junho. Consultado a 12 de outubro de 2025 em https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2015/06/no-ano-em-que-o-s-joao-foi-25-de-junho.html?fbclid=IwY2xjawJ7SX1leHRuA2FlbQIxMQBicmlkETBsRU5Fd05DMzd0aHBkZaAR4jhJti5iwe1u05vywg7LSgsC0cpoTeeA5FNLaEUbdhcXugT83yZ6-dT5PA_aem_y5BV2sfUDJXpKr6kjPL_Rg
- Parejo, J. (2011) La procesión de Corpus Christi más tardía desde 1943. Consultado a 12 de outubro de 2025 em https://www.diariodesevilla.es/sevilla/procesion-Corpus-Christi-tardia_0_490151212.html

A Banda de Cete

tocou no São João

Nuno Alexandre Ferreira

Da Philarmónica de Cete à atualidade

Fundada a 16 de novembro de 1835, no seio da freguesia de Cete, concelho de Paredes, a Banda de Música de Cete é uma das mais antigas expressões da tradição filarmónica portuguesa e a associação musical mais antiga do concelho de Paredes. O seu nascimento coincide com um tempo de mudança, quando o país, ainda a consolidar o liberalismo e a identidade nacional, começava a olhar para a cultura como parte integrante da vida cívica e espiritual das suas comunidades.

A formação da banda não foi um acaso. À semelhança de tantas outras coletividades musicais que surgiram no século XIX, nasceu do impulso comunitário, da necessidade de estruturação cultural e da vontade de fazer da música uma presença constante nos rituais públicos e religiosos. Os músicos, geralmente amadores, conciliavam a arte com os ofícios do dia-a-dia, mas encontravam na banda um espaço de formação, disciplina e pertença.

Desde a sua criação até ao ano de 1842 não existem quaisquer elementos que indiquem o nome do(s) regente(s). A partir desse ano e até 1854 a Banda passa a ser regida por Bandeira, seguindo-se em 1870 pelo maestro Pedro Romualdo e em 1879 por Gabriel da Bouça. Depois (durante dois anos) foi a vez de Bernardino Manete assumir a regência, sendo substituído por José de Sousa Pinheiro, que desempenhou o cargo até 1908.

A primeira referência escrita à banda data de 1894, ano em que é mencionada como participante nas festividades em honra de S. Simão, na freguesia de Urrô, concelho de Penafiel. Identificada então como “Philarmónica de Cete”, esta menção não só atesta a sua existência já consolidada naquela época, como também evidencia a sua relevância cultural e social na região. A presença da banda nestas celebrações

religiosas demonstra o papel fundamental que desempenhava na animação das festividades populares, contribuindo para a valorização da música filarmónica como elemento essencial da identidade e tradição locais.

Ao longo dos anos, a banda esteve ligada aos Bombeiros Voluntários de Cete, sendo frequentemente referida como a “banda dos bombeiros”. Ainda que não existam muitos documentos escritos que relatem a história desta associação, existem diversas fotografias que demonstram esta ligação.

Já no século XX, verificou-se um grande desenvolvimento da banda, sob a regência de Emídio Nogueira, que se manteve no cargo até 1950. Nos dois anos seguintes, a regência da banda foi assumida pelo Primeiro Sargento Rocha, pessoa de bastante sabedoria no campo musical.

No dia 28 de abril de 1952, um grupo de cidadãos de Cete formalizou a criação da Associação de Cultura Musical Cetense com a aprovação dos seus estatutos. O principal objetivo da associação era apoiar a Banda de Música de Cete, além de procurar “adquirir e conservar uma casa própria” onde fosse possível realizar os ensaios e guardar os bens da banda, bem como promover o ensino da música para todos os interessados em integrar a formação. Neste período, entre 1952 e 1962, foi maestro Emídio Moreira Barbosa (afilhado de Emídio Nogueira), compreendendo-se a ligação familiar vivenciada nesta banda.

Sucedeu-lhe, entre 1962 e 1985, António Rodrigues, formado regente pelo Conservatório de Música do Porto. De seguida, o cargo de regente foi ocupado por João Teixeira (proveniente da Banda de S. Martinho do Campo), dedicando-se bastante a esta coletividade no campo da aprendizagem. Em 1990 passa a vez ao seu filho José Comércio Teixeira, contribuindo muito para o seu nível e popularidade. Em 2013 é a vez de José Pedro Pereira assumir o cargo de maestro, depois de 10 anos como flautista nesta instituição.

Ao longo do tempo, a banda contou com diversos maestros e músicos que ajudaram a aprimorar o ensino musical e a contribuir para a crescente popularidade da banda, especialmente por sua participação em várias romarias, concertos, desfiles e encontros de bandas.

Em 2015, a banda inaugurou novas instalações e, em 2020, comemorou o seu 185.º aniversário, lançando o seu primeiro CD que contou com a participação de Luis Leite, maestro da banda entre 2017 e 2020. Filipe Ferreira assume o cargo de Maestro em 2021, dirigindo o percurso musical da Banda até aos dias de hoje.

Atualmente, a banda conta com cerca de 60 músicos, a maioria dos quais são jovens formados pela própria instituição, e mantém uma escola de música com cerca de 50 alunos.



Logótipo da Banda (Banda de Cete)

No São João de Sobrado de 1949

Até à atualidade, são conhecidas as participações de várias bandas de música no São João de Sobrado, nomeadamente a Banda de Baltar, Banda de Vilela, Banda de S. Martinho do Campo (a única que se manteve até ao momento) e a Banda de Cete.

O Jornal de Notícias, no seu artigo datado de 24 de junho de 1949 e recolhido por António Garcês, procede a uma descrição da festa de São João de Sobrado nesse ano, mencionando que “A Banda dos B. V. de

Cete, regida pelo sr. Emídio Nogueira, deu boa conta de si, fazendo-se ouvir em apreciadas peças. (...) E a festa terminou entre girandolas de foguetes, acordes da banda de musica e descanses alegres do povo.”

Em primeiro lugar, pensa-se que a datação desta notícia deve ter sido transmitida com lapso, porque tratando-se da festa, esta ocorre no dia 24, pelo que ou a festa ocorreu antes deste dia, ou então a notícia será dos dias posteriores.

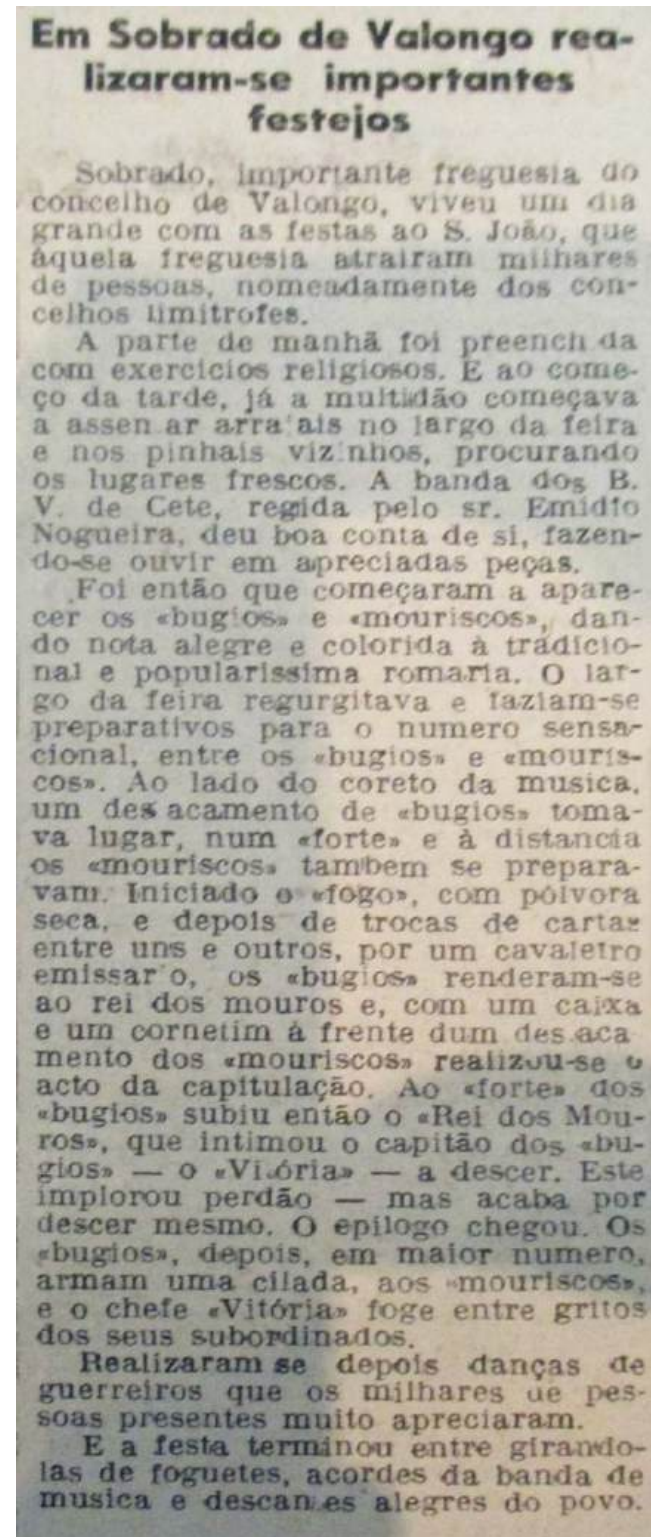
Relativamente à apresentação da banda, esta é descrita de forma bem positiva, fazendo-se a habitual referência ao maestro que rege os músicos. Relativamente à parte final, os acordes da banda poder-se-ão associar ao momento da transmissão da responsabilidade da organização da festa entre comissões, que ocorre já ao final do dia. Não menciona se tocou o hino do São João de Sobrado, mas é bem provável que o tenha feito.

Será que a Banda de Cete substituiu a participação da Banda de Baltar no São João de Sobrado? Esta questão prendeu-se pelo facto de ser conhecida a participação desta banda em Sobrado e que terá deixado de o fazer neste período. Sabe-se ainda que existiram anos em que havia sempre duas bandas, uma a acompanhar os Bugios e outra os Mourisqueiros. Neste ano de 1949 só é referenciada a participação da Banda de Cete, pelo que se presume que tenha tido a exclusividade neste ano. E no ano seguinte, em 1950? Será que se manteve? Mais perguntas que ficam por responder, com certeza que o esforço de pesquisa continuará para as solucionar.

Fica para registo futuro a participação desta banda no São João de Sobrado e a ligação da festa também a Cete e ao concelho de Paredes.

Bibliografia

- Banda, O. (2025) Banda de Música de Cete. Consultado a 15 de outubro de 2025 em <https://ondetocaabanda.pt/band/98/history>
- Meireles, A. (2025) A Banda de Música de Cete. Consultado a 15 de outubro de 2025 em <https://www.portugallook.pt/2025/04/15/a-banda-de-musica-de-cete/>
- Rocha, P. (2018) S. Martinho do Campo: a Mina e a Banda. Notas sobre um percurso identitário. Porto: ESE Politécnico do Porto consultado a 25 de abril de 2025 em <https://recipp.ipp.pt/entities/publication/4c08be4a-ac08-43bc-b3f6-a3206320e9ce>



Artigo do JN 24.06.1949 (Foto de António Garcês, 2017)



Banda de Vilela (Foto da Banda de Vilela, 1947)

Banda de Vilela

Tocou ou não tocou no São João?

Nuno Alexandre Ferreira

À sombra da igreja fez história

Fundada em 1860, a Banda Filarmónica da Associação Recreativa e Musical de Vilela nasceu “à sombra da igreja” local, com o propósito de abrilhantar as celebrações litúrgicas. O seu surgimento deveu-se à iniciativa do padre José Machado, reitor da aldeia, e de Bernardino Magalhães, que assumiu o cargo de primeiro contramestre. A direção musical ficou a cargo do padre Cardoso, então pároco da vizinha freguesia de Duas Igrejas. Composta inicialmente por 26 músicos, a banda era conhecida como “Banda de Santo Estêvão de Vilela”.

Em 1890, o Professor António Gaspar Pereira assumiu a liderança artística da formação, cargo que manteve até 1917, atravessando o período crítico entre o fim da monarquia e a Primeira Guerra Mundial. Nessa época, a banda passou a estar associada à Fábrica da Boa Nova, adotando a designação “Banda da Boa Nova de Vilela”. Sob a batuta do maestro Américo Presa, natural da região, os músicos tornaram-se também funcionários da fábrica, assegurando a continuidade da atividade musical em tempos difíceis.

Do período do estado novo, pouco se conhece, no entanto, ao longo da sua história, a banda foi dirigida por maestros de grande prestígio, como: Capitão Pereira de Sousa; Maestro António Lopes (antigo diretor da Orquestra Sinfónica Portuguesa); 1º Sargento Músico Daniel Silva; Prof. António Gomes; Prof. Miguel de Oliveira; João Gomes; 1º Sargento Músico Manuel de Abreu Neto; 1º Sargento Músico Armindo Nunes.

Em 2010, celebrou com grande entusiasmo o seu 150.º aniversário, num extenso programa comemorativo. As festividades arrancaram com um concerto memorável da Banda da Armada, dirigida pelo Maestro Délio Gonçalves. Um dos pontos altos foi a atuação na emblemática Sala Suggia da Casa da

Música, além da realização do 1.º Festival de Bandas de Vilela e o lançamento de um livro que perpetua a sua rica história.

Em 2020, para assinalar 160 anos de atividade ininterrupta, a banda editou um CD com obras dedicadas à sua história, escritas por compositores nacionais e internacionais. Mais recentemente, em 2023, gravou um novo álbum com composições de Ilídio Costa, numa parceria com a editora Afinaudio.

Atualmente, sob a direção do Prof. José Ricardo Freitas, a Banda Filarmónica de Vilela integra cerca de 65 músicos, com idades entre os 10 e os 65 anos, mantendo viva a tradição e renovando continuamente o seu repertório.

Com mais de 20 encomendas de obras originais a compositores nacionais e estrangeiros, a banda tem enriquecido o seu património artístico com peças como:

- Freitas, fantasia (2007)
- Augusto Alves, pasodoble (2010)
- Vilela em Festa, marcha de desfile (2010)
- Cantares de Vilela, rapsódia (2010)
- Castelo do Inferno, obra descritiva premiada no Concurso de Composição de Ciudad Torrevieja (2010)
- Vilela, poema sinfónico (2011)
- Vasco Seabra, marcha de desfile (2012)
- Carlos Pacheco, pasodoble (2014)
- José Ricardo Freitas, pasodoble (2016)
- A Celer, marcha de concerto (2017)
- Domingos Barros, pasodoble (2017)
- Poseydon in Troy (2020), entre muitas outras.

A banda orgulha-se de manter uma escola de música que tem sido o berço formativo de grande parte dos seus músicos. Muitos dos seus antigos alunos prosseguiram estudos superiores em música, integrando hoje bandas militares, orquestras profissionais e diversas formações musicais de prestígio.

Com uma história marcada pela excelência e inovação, a Banda Filarmónica de Vilela continua a ser um símbolo cultural de referência, levando o nome da sua terra e a sua música cada vez mais longe.



Logotipo da Banda

Afinal, tocou ou não tocou?

Na década de 50, possivelmente em 1951, ocorreu um momento caricato que ainda hoje é lembrado pela tradição oral popular.

Manuel Pinto, em 2005, escreveu sobre esse momento e referiu que, “(...) Nesse ano, foram contratadas para a Festa duas bandas: a de Campo e a de Vilela. Combinou-se que cada qual entraria na Dança de Entrada. Acabada a procissão, a Banda de Campo dirigiu-se até perto da Capela das Alminhas, começou a tocar e trouxe a Mouriscada até ao cimo do Passal, como é costume. Dirigiu-se, depois, a Banda de Vilela para trazer a Bugiada. Começou a tocar, mas os Bugios não se mexeram e recusaram-se a avançar enquanto a Banda de Campo não foi fazer o serviço. (...)”

Fábia Pinto, em 2007, escreveu sobre o mesmo assunto, mencionando que “ao que parece à cerca de 50 anos, em Sobrado foram chamadas duas bandas para tocarem no S. João. A tradicional banda de S. Martinho de Campo e a conceituada Banda de Vilela. A festa prometia ser de arromba. Na distribuição do “trabalho” pelas duas bandas calhou à banda de Vilela acompanhar os bugios na dança de entrada enquanto a de Campo acompanharia os mourisqueiros. Começa a banda de Campo a tocar a marcha da dança de entrada e os mouros a dançarem rua abaixo até à igreja. Os bugios ordenam-se, e a banda de Vilela também. Começam a tocar. Bugios parados. Tocam com mais afinco, nada feito os bugios nem se mexiam. Ao que parece a banda de Vilela não tocava a marcha como devia ser, e assim os bugios não dançavam. O remédio foi mesmo virem chamar às pressas a banda de Campo para tocar a marcha, enquanto a banda de Vilela se recolheu de orelhinha baixa ao coreto, passando por lá todo o dia. Que se saiba nunca mais houveram duas bandas a actuar em Sobrado, diz-se por aí que a banda de Campo dá-lhe uns acordes “secretos” á música....”

Sobre o mesmo assunto, no presente ano, questionou-se a Banda de Música de S. Martinho do Campo, o que os antigos transmitiram sobre este momento. Foi dito que, de facto, este insólito evento ocorreu. Os Mourisqueiros foram acompanhados pela Banda de S. Martinho, tendo a dança de entrada decorrido dentro da normalidade. Quando os Bugios se preparavam para o início da sua dança de entrada, a Banda de Vilela começou a tocar o Hino de S. João de Sobrado, no entanto, os Bugios não gostaram tanto da melodia, achando que a forma de tocar e a melodia da Banda de S. Martinho era mais condizente com a melodia tradicional e habitual, pelo que se recusaram a dançar. Nesse momento já os músicos da S. Martinho haviam dispersado pelo que se chegou a um impasse. O Maestro (possivelmente António Teixeira Ferreira), conseguiu reunir os músicos e foram “buscar” os Bugios que dançaram



Mourisqueiros com António Machado, Reimoeiro, e André da Munha, Velho da Bugiada (Foto de Idalina Santos, 1951)

a sua dança de entrada como era normal. A partir daquele ano passou a Banda de S. Martinho a deter a exclusividade da participação na festa.

Ao que tudo indica, a ser de 1951 como é amplamente contado, o Reimoeiro foi António Machado e o Velho da Bugiada André da Munha.

Sobre este acontecimento, algumas perguntas necessitam de respostas. Em 1949 é conhecida a participação única da Banda de Cete na festa. Mas e em 1950? Terá havido uma ou duas bandas? A própria cópia da partitura do Hino de São João de Sobrado efetuada

pela Banda de S. Martinho de Campo data de 1950, antes do São João. Será que em 1950 a Banda de Campo também tocou na festa?

Da Banda de Vilela, mais questões se colocam. Terá tocado na festa antes deste momento insólito? Ou terá sido contratada neste ano e como não tocou na dança de entrada acabou por nunca tocar na festa? Qual é o sentimento da Banda de Vilela sobre Sobrado? Existirá algum ressentimento por este momento? Questões que ainda ficam por resolver. No entanto o que importa é documentar e registar estas histórias para que estas nunca se percam.

Bibliografia

- Participada, M. (s/d) Banda Filarmónica da Associação Recreativa e Musical de Vilela. Consultado a 1 de outubro de 2025 em <https://anossamusica.web.ua.pt/ecdetails.php?ecid=7590&subtype=103>
- Banda, O. (2025) Banda de Vilela. Consultado a 1 de outubro de 2025 em <https://ondetocaabanda.pt/band/44/history>
- Vilela, B. (s/d) Banda de Vilela. Consultado a 1 de outubro de 2025 em <https://bandadevilela.bandafilarmonica.pt/bandadevilela/>
- Pinto, M. (2005) A Banda de Música de Campo e a Bugiada. Consultado a 1 de outubro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2005/07/banda-de-msica-de-campo-e-bugiada.html>
- Pinto, F. (2007) Duas bandas para quê?. Consultado a 1 de outubro de 2025 em <https://estoriasdaminhaterra.blogs.sapo.pt/13395.html>



Troca de oferendas entre Bugão e Mourisqueira (2025)

Quando O Filho prendeu o Pai

Nuno Alexandre Ferreira

Há lugares onde o tempo se demora, encantado pelo som das suas próprias memórias. Sobrado é um desses lugares onde o passado e o presente dançam de mãos dadas.

Aqui, as histórias não se contam: vestem-se, dançam-se, vivem-se. E entre o som rouco da caixa e o brilho das fitas coloridas, nasce todos os anos a lenda viva da Bugiada e Mouriscada, uma celebração onde fé, memória e paixão se misturam como o fumo dos canhões com o cheiro da terra quente e empoeirada.

É uma festa onde os mortos sussurram aos vivos, e os vivos respondem com passos de dança. Onde os avós se tornam personagens, e os netos herdam, sem perceber, o mesmo olhar emocionado por detrás da máscara.

E, no meio de tanta vida, há uma história que atravessa o tempo como uma flecha de amor e mistério — a história dos filhos que prenderam seus pais. Não aconteceu uma vez apenas, mas duas, em épocas e com protagonistas diferentes.

I. Anos 40 — Joaquim e Luís Ribeiro Fernandes



Joaquim Fernandes- Velho da Bugiada
(foto de Arnaldo de Sousa Fernandes, s/d)



Luís Ribeiro Fernandes- Reimoeiro
(foto de Arnaldo de Sousa Fernandes, s/d)

Dizem que foi numa manhã abafada, daquelas em que o sol de junho se mistura com o fumo das fogueiras e o cheiro doce da erva cortada.

O Velho da Bugiada, Joaquim Fernandes, ergueu-se com a solenidade dos que sabem o peso da tradição. A careta, como é costume, devia assentar-lhe no rosto como uma segunda pele. Diante dele, o filho — Luís Ribeiro Fernandes, o Reimoeiro — preparava-se para o confronto simbólico entre Bugios e Mourisqueiros.

Os mouros seguiram a melodia bélica do seu caixa. Naquele ano ainda incerto, mas provavelmente nos anos 40 e até 1947 (data do casamento de Luís e de Florinda), o caixa foi Elísio Vieira da Costa, o Tio Ilídio da Rola.

Ninguém imaginava que aquela encenação se tornaria um espelho da própria vida: o pai e o filho frente a frente, duas gerações, dois mundos, duas paixões fundidas pela mesma chama. E quando o filho prendeu o pai — como ditava o ritual —, o povo certamente murmurou. Não por espanto, mas por emoção. Porque naquele instante, o teatro da festa e a verdade da família confundiram-se. O gesto deixou de ser apenas representação — tornou-se um símbolo da continuidade, do amor silencioso que passa de pai para filho sem precisar de palavras.

Joaquim Ribeiro Fernandes nasceu a 12 de novembro de 1898, às 15 horas no lugar da Balsa, tendo sido batizado pelo abade António Mendes Moreira, quatro dias depois. Filho de pai incógnito e de Margarida Ribeiro Fernandes. Casou com Florinda André da Silva. Vivia no lugar de Fijós. Fruto deste casamento nasceu Luís Ribeiro Fernandes (Luís Caixeiro), a 16 de setembro de 1919, tendo sido batizado precisamente um mês depois, a 16 de outubro. Luís casou com Alzira de Sousa a 28 de dezembro de 1947. Faleceu a 1 de novembro de 1997, com 78 anos.

As décadas passaram, mas a lembrança ficou guardada nas bocas e nos corações das gentes de Sobrado. E um par de dragonas, guardadas com devoção por Arnaldo de Sousa Fernandes, viria um dia a reacender essa memória, como se o próprio tempo tivesse voltado a respirar.

II. Anos 60 — O Tio André e o Fernando Munha

Duas décadas depois, o destino, caprichoso e sábio, decidiu repetir o episódio. Era outra geração, outra festa, mas o mesmo enredo da alma sobradense.

O pai chamava-se André Pinto de Sousa, o lendário Tio André da Munha — figura mítica da Bugiada,

homem de rosto sulcado e coração rendido à tradição. O filho, Fernando Moreira de Sousa, o carismático Fernando Munha, trazia nos olhos o mesmo brilho que um dia iluminara o olhar do pai.

Manuel Pinto, no seu blog bugiosemourisqueiros.blogspot.com, escreveu em 2008, a propósito deste acontecimento, o seguinte:

“Do que muitos não se lembram é que ele foi, por mais de uma vez, feito prisioneiro pelo próprio filho, Fernando da Munha que foi vários anos o Reimoeiro. O mais interessante destes episódios é que a primeira vez que Fernando prendeu o pai André, nem sequer era Reimoeiro.

Como foi isso possível, perguntará o leitor?

Ora isto traz à baila um episódio trágico que ocorreu na festa de S. João, nos inícios dos anos 60. Havia, na altura, o costume de ligar os dois castelos por um arame, no qual se fazia circular umas roscas de fogo de artifício. De resto, em cada um dos castelos instalava-se igualmente uma roldana de fogo que era activada em dado momento dos combates, para dar mais dramatismo ao momento. Aconteceu que, nesse tal ano, alguém terá cortado o arame, por motivos que não consegui apurar, e o dispositivo de fogo preso foi incendiar a pólvora no castelo dos mouros. Gerou-se o pandemónio no local, com os mouriscos a saltar de cima do castelo, e pelo menos O Reimoeiro ficou queimado, tendo sido levado para o hospital. Apercebendo-se do que se passava (e sabendo que o filho estava no meio da confusão), o Velho interrompeu a cerimónia e, encontrando o filho, perguntou-lhe se ele se sentia em condições de assumir, ali mesmo, o lugar de rei, dando seguimento à função. E foi assim que o filho, simples mourisqueiro, se viu na inesperada contingência de ter de atacar o castelo bugio e aí aprisionar o Velho, seu pai. Mas tarde, já depois de

vir da tropa, tendo ido por mais duas ou três vezes de Reimoeiro e mantendo-se André da Munha à frente dos Bugios, Fernando voltaria a praticar o mesmo feito. Mas o Velho, como manda a tradição, conseguiu sempre libertar-se.”

Nos anos 60, o impossível voltou a acontecer: o filho prendeu o pai. E quando as correntes simbólicas se fecharam, não houve teatro, houve ternura. Porque só em Sobrado é que o amor se manifesta em forma de prisão e a herança se sela num gesto de rendição.

Segundo a Tia Dolores, filha de André da Munha: “Quando o meu irmão, enquanto Reimoeiro prendeu o nosso pai, eu chorei tanto nesse ano.”

Os olhos do pai, por detrás da máscara, indubitavelmente sorriam. E os do filho, marejados, sabiam que naquele instante carregavam mais do que um papel: carregavam o peso e a honra de continuar o sonho.

Fotografias desse dia ainda circulam. Nelas, o tempo parece suspenso, como se o próprio universo parasse para aplaudir a coragem de um povo que vive a sua história com o corpo, com o riso, com o coração.

A festa que não acaba

Quando Bugios e Mourisqueiros dançam, não dançam sós. Ninguém sabe se são os passos dos netos ou as sombras dos avós que dançam na praça. Mas sabe-se uma coisa: a Bugiada e Mouriscada não é só uma festa — é uma promessa.

Promessa de que enquanto houver pais que vestem a máscara e filhos que a herdaram, Sobrado nunca ficará em silêncio. Porque aqui, a tradição é um laço. E cada vez que esta tradição é transmitida entre gerações, é o amor e a identidade que vencem outra vez o tempo.

Bibliografia

- Pinto, M. (2008) Memórias do tempo de André da Munha (1). Consultado a 1 de outubro, 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/06/memrias-do-tempo-de-andr-da-munha-1.html>



André da Munha, Velho da Bugiada posturado de joelhos e seu filho, Fernando da Munha, Reimoeiro (foto cedida por Idalina Santos, 1961)

São Martinho Do Campo

a banda do São João

Nuno Alexandre Ferreira

Fundada em 1929 pelo visionário José Teixeira Ferreira, a Banda Musical de S. Martinho do Campo nasceu do amor pela música e do espírito comunitário que caracterizava a freguesia. A sua primeira atuação pública, a 27 de março daquele ano, marcou o início de uma longa e vibrante jornada cultural. Desde cedo, a banda esteve profundamente ligada às minas de ardósia de Campo, que moldaram parte importante da sua identidade.

Em 1935, José Teixeira Ferreira deixa temporariamente a direção, passando o testemunho a Augusto Cunha. Contudo, três anos depois, regressa de Rio Tinto e volta a assumir a regência, reafirmando o seu compromisso com a coletividade. Durante o período da guerra, a queda na produção de lousa e a consequente redução de trabalhadores afetaram a comunidade local, mas a banda resistiu, mantendo viva a chama musical.

O ano de 1950 marcou um novo capítulo na história da instituição, com a criação de um grupo coral que rapidamente se destacou pela sua qualidade, sendo elogiado por inúmeros párocos e tornando-se presença assídua em celebrações religiosas. Nesse mesmo ano, António Teixeira Ferreira sucedeu ao pai na regência, após o falecimento de José Teixeira em 1951.

A partir da década de 1950, a banda viveu um período de desenvolvimento sustentado. O fim da guerra trouxe novos horizontes: músicos regressaram das campanhas do volfrâmio, novos instrumentos foram adquiridos — alguns usados, outros fruto da crescente industrialização — e o repertório expandiu-se com cópias e arranjos obtidos de outras bandas. Apesar das dificuldades económicas e do desemprego que afetava muitas famílias, a banda floresceu, conquistando mais atuações em festas e romarias, tanto religiosas como profanas.



Logo da Banda

Foi também no início dessa década que a Banda de S. Martinho do Campo conquistou uma das maiores festas do concelho: o São João de Sobrado. Segundo Jorge Benido, embora no primeiro ano outra banda tenha sido contratada, a organização acabou por escolher definitivamente a banda de Campo, impressionada pela forma autêntica com que executava a marcha original — cuja partitura fora transcrita por José Ferreira Teixeira.



Maestro José Teixeira (foto pdf banda de campo)

Esta foi a época de ouro da família Teixeira, que durante gerações garantiu a continuidade e o prestígio da banda. À regência de António Teixeira Ferreira juntava-se o irmão João Teixeira Ferreira, pai de José Comércio Teixeira, e mais tarde o jovem Manuel Teixeira Ferreira, que ingressou em 1952, com apenas 14 anos. A dedicação familiar à banda tornou-se um verdadeiro símbolo de amor à música e à comunidade — um legado transmitido de avô para filho e neto, como recorda José Comércio:

“Ele ia ficar no Alentejo, se calhar até foi a banda que... Foi o amor à banda que o trouxe para cá, ele adorava o Alentejo e veio em 1947 ou 48, veio para cá.”

Em 1968, a banda inaugurou a sua primeira sede própria, construída graças ao esforço coletivo dos seus membros. No primeiro hastear da bandeira estiveram presentes apenas Rafael, Neca e Cunha — testemunhas de um momento histórico. Poucos anos depois, em 1971, Fátima e Maria Fontes tornaram-se as primeiras mulheres a integrar a Banda de Campo, abrindo um novo capítulo de inclusão e modernidade.

O reconhecimento oficial chegou em 1978, com a filiação no Cartório Notarial de Valongo e a publicação dos estatutos no Diário da República, legitimando o nome da coletividade.

Em 1981, Manuel Ferreira Teixeira assumiu a regência, mas um ano depois, em 1982, divergências internas levaram a uma cisão familiar. Parte da família Teixeira, incluindo José Comércio e o seu pai João, saiu para a Banda de Cete, marcando simbolicamente o fim da influência direta da família na Banda de Campo.

A década de 1990 trouxe novas lideranças e transformações. Em 1990, Júlio Santos assumiu por convite a regência, sendo sucedido em 1994 por Manuel Ferreira Teixeira. Em 1999, Jorge Benido assumiu a direção da banda, acompanhado de uma nova geração de músicos. Sob a sua orientação, surgiram mudanças estruturais, como a criação da Escola de Música e a admissão de um maestro jovem, com uma visão mais moderna.



Banda de Campo (foto de BSMC, s/d)

O novo milénio trouxe um espírito de renovação. Em 2000, António Cunha tornou-se maestro, promovendo uma regência aberta e inovadora, embora nem sempre consensual. Em 2005, a regência passou para Salomão Abreu, o primeiro maestro com formação académica, e em 2009, Joaquim Botelho, após uma passagem pela Banda Filarmónica de Nageselo do Douro, tornou-se maestro com o objetivo de consolidar o projeto da Escola de Música — um compromisso que reafirmou em 2012. Marco Araújo, em outubro de 2012, assumiu a direção artística da Banda de Música de São Martinho de Campo – Valongo, mantendo-se nessas funções até ao momento.

Atualmente, com cerca de 50 elementos, a Banda Musical de S. Martinho do Campo continua fiel à sua missão: animar romarias, festividades, concertos e, acima de tudo, promover o ensino da música, arte que há quase um século a define.

Com atuações por todo o país, ao lado de bandas de grande relevo nacional, e homenagens a diversas entidades públicas, a banda continua a afirmar-se como um símbolo vivo da cultura popular. O esforço conjunto do maestro e dos músicos — muitos deles também professores — tem permitido formar novas gerações e elevar o nome da banda, que hoje é sinónimo de dedicação, talento e paixão pela música.

A Banda do São João

Desde o século XIX até à atualidade, participaram na Bugiada e Mouriscada pelo menos quatro bandas filarmónicas: Banda de Baltar, Banda de Música de Cete (por vezes chamada de Banda dos B.V. de Cete), Banda de Vilela e a Banda Musical de S. Martinho do Campo que, em meados do séc. XX, se afirmou no coração dos Sobradenses, tocando o Hino de São João de uma forma que os Sobradenses consideraram mais condizente da original de antigamente.

A Banda de Campo, como também é chamada, participa em momentos relevantes da festa, nomeadamente na Procissão, a Dança de Entrada, a chegada das formações aos seus “palanques” e a Prisão do Velho.

A ligação entre a Banda de S. Martinho e Sobrado poderá ter começado a 27 de abril de 1937, quando participou numa das romarias locais. Numa referência ao músico Rafael Silva, a página Bandas Filarmónicas, num tom biográfico, refere que *“Desde muito novo (Rafael Silva) se mostrou um apaixonado pela música tendo integrado a Banda Musical de S. Martinho de Campo aos 16 anos de idade tocando clarinete. Tocou pela primeira vez na Banda no dia 27 de Abril de 1937 nas Festas em honra de S. Gonçalo em Sobrado – Valongo.”*



Banda de Campo em 1969

Neste período dos anos 30 até aos finais da década de 40, crê-se que tenha sido a Banda de Baltar a participar nas festas de São João de Sobrado. Terá sido neste período, em finais dos anos 40, que as Bandas de Vilela, Cete e posteriormente a de S. Martinho de Campo, terão substituído a Banda de Baltar no acompanhamento musical da Bugiada e Mouriscada.

A tradição oral no seio da Banda de Baltar, refere que foi pedida a Adão Cabaço a partitura do hino “São João de Sobrado” e que na sua boa-fé terá cedido aos músicos da Banda de S. Martinho de Campo e que após este momento nunca mais tocaram no São João de Sobrado. Este acontecimento poderá ter ocorrido em finais dos anos 40 ou inícios dos anos 50. De facto, a autoria desta marcha tão simbólica e emotiva para Sobrado é de Joaquim da Costa (conhecido por “Chicória”) e foi copiada por Adelino Teixeira Ferreira, em 1950, contudo duas bandas antecederam a de S. Martinho na Bugiada e Mouriscada de Sobrado, o que pode refletir a decaída sofrida pela Banda de Baltar ainda antes dos anos 50.

Na cópia da partitura do “Hino de São João de Sobrado”, datada de 1950 (celebrando neste ano de 2025, 75 anos de existência) e feita por Adelino Teixeira Ferreira, é mencionado que esta música, denominada de “Recordação ao S. João” é uma marcha de Joaquim da Costa. Pensa-se que terá sido copiada de uma outra proveniente da Banda de Baltar. Desconhece-se se alguma vez o “Mestre Chicória” terá visitado Sobrado ou se terá tocado na Bugiada e Mouriscada. Não se sabe também se esta marcha foi feita propositalmente para a Bugiada e Mouriscada ou se foi usada pela Banda de Baltar uma vez que se trata de uma marcha de S. João.

Uma das histórias mais associadas a esta música, foi a recusa dos Bugios, em 1951 ou 1953, em iniciar a dança de entrada. Segundo a tradição po-

pular, a Banda de S. Martinho de Campo, tocou o hino, conduzindo os Mourisqueiros, enquanto a Banda de Vilela conduziria os Bugios. Como os Bugios acharam que a interpretação musical do hino pela Banda de Vilela não era a que mais apreciavam, uma vez que preferiam a Banda de Campo, não dançaram neste momento, até que a Banda de Campo, executou o hino. A partir deste momento, a Banda de Campo assumiu, por exclusivo, a participação na festa.

A Banda de S. Martinho de Campo, sabendo da importância deste hino para as gentes de Sobrado e para a Bugiada e Mouriscada, tem preservado com indelével cuidado, a “primeira” partitura, salvaguardando-a para memória futura.

António Martins da Costa Rangel, no livro *“Teatro Popular Português- Entre Douro e Minho” da autoria de Azinhal Abelho, publicado em 1970, referiu, na sua descrição sobre a festa, que “A banda executa então uma pequena marcha, conhecida pelo nome de «São João de Sobrado», partitura muito antiga e que até ao presente, tem sido exclusivo das bandas de S. Martinho de Campo de Valongo e de Baltar. (...) Quando tentei gravar esta marcha logo o mestre me pediu que lhe promettesse que a não deixaria copiar.”* Paulo Lima, na sua página “Unidade de Paisagem 8”, nas redes sociais, também referiu, em 2014, que *“A Banda Musical de São Martinho, de Campo, é uma das peças fundamentais das Festas de São João de Sobrado. No passado, a Banda Musical de Baltar também acompanhava estas festas.”*

Mas a conexão emocional entre a Banda de S. Martinho com a Bugiada e Mouriscada é bem mais relevante. Por décadas, os vários maestros e músicos, de várias gerações, confraternizaram e conheceram também diversas gerações de Bugios e Mourisqueiros, Velhos e Reimoeiros. Sempre foram considerados “da casa”.

Pela relevância da sua participação na festa, a Banda de S. Martinho foi, ao longo dos tempos, amplamente eternizada nas mais diversas produções de vídeo, livros, reportagens e filmes, sendo de destacar as seguintes imagens:

- 1964: Reportagem da RTP sobre a festa da Bugiada e Mouriscada (vídeo)
- 1965: Trabalho de Sociologia de Teresa André (fotos e partituras);
- 1973: Reportagem da RTP sobre o São João de Sobrado (vídeo);
- 1977: Documentário “Bugiadas” produzido por Mo-viola, Cooperação de Acção Cinematográfica S.C.A.R.L. (vídeo, com reprodução de marcha fúnebre e da marcha da vitória com explicação por parte do maestro);
- 1990: Documentário RTP- Viagem ao Maravilhoso (vídeo);
- 2004: Bugios e Mourisqueiros: O outro lado do espelho de Maria Cristina Araújo (Tese, fotos e partituras);
- 2013: Documentário-Festival do Norte, David Mira (Vídeo);
- 2016: Documentário- São João de Sobrado, apresentação da festa (vídeo);
- 2022: Documentário- Romaria do Meu Coração, RTP (vídeo);
- Década de 80 até atualidade: Filmes da Bugiada e Mouriscada;

Em 2020, no âmbito do projeto “Sons do Vale” integrado na 4.ª edição do Orçamento Participativo Jovem de Valongo, a Banda de S. Martinho de Campo conseguiu a compliação e gravação de temas musicais emblemáticos e tradicionais do Concelho de Valongo, nomeadamente do Hino de São João de Sobrado, entretanto já disponi-

bilizado pela Associação São João de Sobrado no Spotify e Youtube.

Durante a pandemia do Covid-19, ainda que não tivesse ocorrido as tradicionais festividades, a Banda de S. Martinho eternizou a sua ligação a Sobrado e à Festa. Em 2020, em pleno confinamento e no dia de São João, compartilhou um vídeo nas redes sociais referindo:

“A Banda Musical de S. Martinho deixa um vídeo de homenagem a todos os Sobradenses e devotos do “nosso São João”. Num dia em que o vazio nos preenche a alma...

No vídeo ficam as partes em que a Banda assume um papel importante no desenrolar deste grande dia, esperemos que possa preencher e ajudar a passar melhor a ausência desta grande festividade. Fica também a homenagem a todos os músicos da Banda Musical de S. Martinho que desde a sua fundação passaram pelo nosso quadro e tinham este dia, como um dos mais importantes da sua vida musical.”

No ano seguinte, em 2021, a realidade foi bem diferente. Ainda se vivia com bastantes restrições sociais e mais uma vez a Bugiada e Mouriscada não se realizou. No entanto não ficou esquecida. A Banda de S. Martinho, num autocarro aberto (trio elétrico), percorreu as ruas de Sobrado tocando o Hino de São João para comoção das gentes de Sobrado. E foram muitas, inclusive o autor deste artigo, que acompanharam, a dançar, o autocarro em Campelo, na Rua de São João de Sobrado. Todo o trajeto foi transmitido online para que todos os Sobradenses e apaixonados pela festa pudessem seguir este momento.

Bibliografia

- Filarmónicas, B. (2013) Banda Musical de S. Martinho do Campo – Filarmónica de Valongo. Consultado a 3 de outubro de 2025 em https://www.bandasfilarmonicas.com/bandas-site/cpt_bandas/banda-musical-de-s-martinho-do-campo-filarmonica-de-valongo-2/
- Participada, M. (s/d) Banda Musical de S. Martinho. Consultado a 3 de outubro de 2025 em <https://anossamusica.web.ua.pt/ecdetails.php?ecid=7596&subtype=111>
- Sousa, M. (2020) “Sons do Vale” venceu 4.ª edição do Orçamento Participativo Jovem de Valongo. Consultado a 3 de outubro de 2025 em <https://novumcanal.pt/2020/10/sons-do-vale-venceu-4-a-edicao-do-orcamento-participativo-jovem-de-valongo/>
- André, T. (1965). As Bugiadas do S. João em Sobrado-Valongo. Trabalho especial de Antropologia (ano lectivo 1964- 1965). Porto: Universidade do Porto

Verônica

Yoses = Marcha 1º. Cornetim

Memórias Preciosas de 1957

Nuno Alexandre Ferreira

A Festa de São João de Sobrado vive e se preserva através do entusiasmo, da devoção e da alegria partilhada por todos os que nela participam. Todos tem uma participação ativa na salvaguarda deste património cultural imaterial.

Acredita-se que este registo fotográfico pertença ao ano de 1957 — um período em que a festa se vestia de tradição pura e encanto popular. A data exata pode escapar às certezas, mas a beleza destas imagens transcende qualquer dúvida. O que importa é o valor inestimável que carregam: fragmentos de história que revelam um São João vibrante, de tonalidades a preto e branco, mas com movimento e expressões genuínas.

As fotografias, guardadas com carinho no acervo particular de Joaquina Silva e da sua família, são fragmentos de memórias e vidas de outrora. Cada página deste álbum é mais do que um registo: é um convite a viajar no tempo e a reencontrar a essência do São João de Sobrado.

Procissão de São João

A procissão de São João de Sobrado é um dos momentos registados. É perceptível o pódio à retaguarda, onde o pároco Agostinho de Freitas, carregava o Santíssimo Sacramento. na dianteira são visíveis dois andores carregados pelos Mourisqueiros com o seu fardamento em tons claros.

Enquanto na primeira fotografia não é possível identificar, com toda a certeza, os santos que integravam a procissão, na segunda fotografia o mistério desfaz-se ao se perceber que o último santo, junto do pódio, e como manda a tradição, é o São João de Sobrado. É possível indicar ainda o Reimoeiro, que segundo Fábria Pinto, trata-se do seu tio-avô, Joaquim Palheira.

A imagem de São João, presente no andor, é a imagem mais antiga de São João de Sobrado, datada do séc. XIX, tendo participado nas procissões de São João até aos anos 80 do séc. XX.



O "Roubo de São João" (Foto de Joaquina Silva, 1957)

No seguimento do que ainda hoje é tradição, também em 1957 era possível a participação da comunidade na procissão, momento esse que também foi fotografado. O conceito de Procissão

tem origem no latim “pro-cedere (marcha para a frente). Em muitas culturas religiosas tem sentido simbólico caminhar juntos com uma finalidade religiosa, unindo a oração e o movimento. Também na liturgia e na religiosidade popular cristãs tem um lugar destacado este género de movimento, que expressa o sentido dinâmico da Igreja em marcha, ou que visibiliza exteriormente os caminhos internos da conversão ou da festa.



Procissão de São João (foto de Joaquina Silva, 1957)

A procissão, como «caminhar com outros», de um lugar a outro, manifesta claramente a vontade comum de avançar para uma meta.”

Dança de entrada

Outro dos momentos bem retratados deste acervo é a Dança de Entrada dos Bugios, através de três fotografias. É perceptível a atual Rua São João



Dança de Entrada dos Mourisqueiros (Foto de Joaquina Silva, 1957)



Dança de Entrada dos Bugios (fotografia de Joaquina Silva, 1957)

de Sobrado bem como os terrenos do engenho que outrora eram bastante arborizados. em termos de assistência, consegue-se compreender que se tratava de uma festa bastante local com uma aderência de pessoas em reduzida quantidade, sobretudo sobradenses.

Na Dança de Entrada dos Mourisqueiros é visível o Reimoeiro, possivelmente Joaquim Palheira, bem como outros pares de Mourisqueiros. As

distintos que poucos identificam. Será uma personagem que terá caído no esquecimento? Pertencerá aos serviços da tarde? ou será que está associada à Dança da Jaquina que, entretanto, deixou de se fazer? Perguntas que ficam sem resposta neste momento.

Esta é, sem dúvida, uma das fotografias mais preciosas do acervo de Joaquina Silva, pois regista um elemento do património de Sobrado que já não existe: o antigo fontanário. Localizava-se nas proximidades da casa do



Dança de Entrada dos Bugios (Foto de Joaquina Silva, 1957)



Dança de Entrada dos Bugios (Foto de Joaquina Silva, 1957)

suas fardas mantinham-se muito claras, tal como foram descritas, fotografadas e gravadas nos anos 30, por Rodney Gallop, Violet Alford e Santos Júnior.

Nesta foto sobressaem os Bugios com os seus trajes e penachos que se mantêm muito similares na atualidade bem como um elemento com máscara e traje

Araújo, onde atualmente se ergue um cruzeiro setecentista — peça que, na altura, ainda se encontrava junto à Ermida do Caminho Novo, em frente da Casa do Leão. A água que abastecia o fontanário tinha origem nos terrenos onde hoje se situam a Escola EB 2,3 de Sobrado e o Pavilhão Gimnodesportivo. O percurso seguia junto ao campo velho, chegava ao fontanário

e depois encaminhava-se para os terrenos do engenho, terminando na Fonte do Passal, junto ao mesmo.

Na imagem, é possível reconhecer também uma figura muito popular da época — a Tia Maria Bombeira, aguadeira de ofício — e observar a abundante arborização dos terrenos onde atualmente se encontram o engenho e o centro de saúde. Quanto à Ban-



Velho da Bugiada e Bugios (Foto de Joaquina Silva, 1957)

da de Música presente na cena, e tendo em conta a provável data, é muito provável que se trate da Banda Musical de S. Martinho do Campo e possivelmente esta será a fotografia mais antiga conhecida da participação desta banda na festa.

Nesta fotografia, percebe-se que o fotografo se encontrava na mesma posição da anterior, ou seja, junto à Casa Araújo. Mais uma vez se vêem os Bugios a dançar e realça-se os trajes da época.

Nesta fotografia, não é possível confirmar de forma inequívoca a associação à Dança de Entrada, embora haja indícios de que possa estar relacionada. O local exato também permanece incerto, mas o sobreiro visível ao fundo sugere que a imagem poderá ter sido captada nas proximidades da casa do Quim do Cabo.



Entrajadas (Foto de Joaquina Silva, 1957)

O que se sabe com segurança é que o Velho surge acompanhado pela sua formatura, destacando-se pelo seu manto ricamente ornamentado. Tudo indica que o Velho da Bugiada retratado seja o senhor Adelino Dias, carinhosamente conhecido como Maninho.

Entrajadas

Depois da procissão, seguiu-se as entrajadas, como habitual, muito irreverentes. As entrajadas são mais

uma componente da Festa de S. João de Sobrado e a única que varia de ano para ano. É constituída por indivíduos ou grupos de mascarados que procuram satirizar e pôr a nu acontecimentos e peripécias da vida local (com a influência dos media, passou a ser frequente caricaturar também acontecimentos de âmbito nacional e internacional). Surgem de livre iniciativa e constituem sempre uma surpresa para



Largo do Passal e Igreja (Foto de Joaquina Silva, 1957)

todos, visto que não carecem de fazer qualquer inscrição prévia. Aparecem, habitualmente, na Casa do Bugio, aquando do jantar da festa, transitam, de seguida, para a zona onde têm início as Danças de Entrada, e desfilam a seguir aos Bugios. (...)” Em

alguns aspetos, são ainda semelhantes com algumas participações atuais.

Esta valiosa relíquia capta o Largo do Passal, a Igreja Matriz e o edifício da antiga Junta de Freguesia, repletos de vida com uma expressiva multidão. Acredita-se que a imagem esteja relacionada com a tradicional Festa de São João de Sobrado e que pertença ao mesmo período de outras fotografias já conhecidas, embora tal não esteja totalmente confirmado.

O relógio da torre da igreja assinala as 16h00 e, dada a elevada afluência no Passal, supõe-se que estivesse a decorrer a célebre Dança do Cego — também conhecida como Sapateirada. Chamam a atenção os trajes da época, a antiga Junta de Freguesia à direita (com portas abertas e abarrotada de pessoas) e a própria igreja, que então não tinha revestimento de azulejos e exibia as imagens originais de São André e São Francisco, colocadas em pedestal, com as portas fechadas. Era já tradição ver pessoas empoleiradas em portas e janelas — hábito que, atualmente, se mantém, mas na residência paroquial e nos muros da Igreja Matriz.

Trata-se de uma das fotografias mais significativas do espólio, não apenas pelo seu conteúdo, mas por permitir observar como eram a Igreja Matriz e a Junta de Freguesia há cerca de 67 anos. Todo este acervo é parte essencial do património cultural e festivo de Sobrado, e merece reconhecimento especial a Joaquina Silva e à sua família pela dedicação em preservar e partilhar estas preciosas memórias. Graças a gestos como este, podemos compreender melhor a história, as tradições e a identidade da nossa comunidade.

Bibliografia

- Ferreira, N. (2020) O São João de 1957, consultado a 13 de agosto de 2025 em <https://viladesobrado.wordpress.com/2020/04/26/sao-joao-de-1957/>
- Aldazábal, J. Dicionário elementar da Liturgia- Procissão, consultado a 13 de agosto de 2025 em https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=353
- Pinto, M. (2014) Para um dicionário da Festa da Bugiada e Mouriscada. Consultado a 13 de agosto de 2025 em https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2014/06/para-um-dicionario-da-festa-da-bugiada_13.html





A continuidade de uma lenda

Bugiada e Mouriscada (1926-1974)

Paulo Caetano Moreira | CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

Resumo

Pretende-se aqui analisar, ainda que brevemente, o surgimento de registos escritos de diferentes versões da lenda que se encontram na base da Bugiada e Mouriscada do São João de Sobrado. O primeiro registo que se conhece surge em 1957, seguindo-se um outro em 1965. Embora temporalmente muito juntos (menos de uma década), estes registos não deixam de se expressar em duas versões divergentes. Ambas são também, em aspetos essenciais, diferentes da(s) versão(ões) atual(ais). Impõe-se, por isso, a necessidade de uma breve comparação entre esses aspetos mais relevantes. A análise pretende, ainda, enquadrar o tema no período ditatorial iniciado em 1926 e que seria derrubado com a revolução do 25 de Abril de 1974, a qual deu lugar a um processo de democratização do país.

A Festa e a Lenda

A Bugiada e Mouriscada do São João de Sobrado é uma manifestação do património imaterial que possui os seus alicerces numa lenda, a qual é recriada¹, ainda que em parte, no próprio dia de São João. Os Bugios e Mourisqueiros são os personagens que dão vida à lenda nesse que é um dos maiores dias do ano e num enquadramento festivo que tem como objetivo honrar, cultuar, venerar o santo precursor. A festa é de uma grande complexidade, riqueza cultural e exuberância artística, visual e musical.

Já referido, em 1867, como costume antiquíssimo, o São João de Sobrado tem vindo a ser transmitido de geração em geração. No entanto, a forma como se fazia no passado, por exemplo há pouco mais de século e meio, numa altura para a qual a referência escrita mais antiga nos remete, natural-

¹ Pode-se dizer que a festa é igualmente uma “recreação” da lenda, tendo em conta o folguedo e diversão que proporciona quer à assistência quer aos próprios atores da festa.

mente não seria da mesma forma como na atualidade se vai fazendo a Bugiada e Mouriscada. Embora, porventura, possa ter sofrido mudanças pontuais e significativas, próprias de cada época, é certo que a exuberância antiga da festa é sempre renovada a cada ano, ainda que, por norma, paulatinamente. A Bugiada e Mouriscada é um diamante lapidado e enriquecido ao longo do tempo.

Igualmente, a lenda tem vindo a ser transmitida oralmente e começou a ser passada a escrito, ao que parece já na segunda metade do século passado, ainda que se revista e revele, ao longo do tempo, de diferentes versões.

Na atualidade, a(s) versão(ões) mais corrente(s), grosso modo, reside(m) essencialmente em elementos como:

- O povo mouro (Mourisqueiros) que ocupava a serra de Santa Justa (antiga Cucamacuca), liderado pelo Reimoeiro;
- Os cristãos (Bugios) que viviam do vale do rio Ferreira dedicando-se à agricultura, liderados pelo Velho da Bugiada²;
- Imagem de São João Batista detida pelos cristãos e que já havia curado a filha do Velho da Bugiada;
- A enfermidade da filha do Reimoeiro, sendo que médicos e curandeiros não encontraram solução para o problema;
- Solicitação de ajuda por parte do Reimoeiro aos cristãos, operando-se a cura da filha do líder dos mouros por via da imagem de São João³;
- Mouros organizam um banquete e festa em agradecimento convidando os cristãos;
- São desrespeitados os cristãos por parte do Reimoeiro que lhes serve os restos do repasto;

- Apropriação da imagem de São João por parte dos mouros e consequente disputa pela sua posse;
- As hostilidades entre os dois povos levam a uma contenda bélica;
- Reimoeiro faz prisioneiro o Velho da Bugiada;
- Serpe atemorizando os mouros liberta o Velho da Bugiada.

Os (primeiros?) registos escritos da lenda da Bugiada e Mouriscada

Embora alguma coisa se tenha escrito, a respeito da festa de São João de Sobrado, a partir da referida data de 1867, ainda que muito espaçadamente, é com o decorrer da década de 1930 que parece haver um maior interesse por parte de especialistas e contínuo crescimento na quantidade de textos e referências sobre a festa. Tal viria a coincidir com o período ditatorial salazarista onde se encaixa uma valorização de um Portugal tradicional, antigo e medieval.

Mas é só na segunda metade do século passado que se começa a registar a lenda subjacente à festa. Um dos primeiros, senão o primeiro texto a ser escrito sobre a lenda associada com o São João de Sobrado surge em 1957, no auge do Estado Novo, com uma versão divergente do que a memória coletiva tem vindo a veicular e a reduzir a escrito nas últimas quatro ou cinco décadas. A(s) tal(ais) versão(ões) atual(ais).

O texto (muito breve) de 1957 resulta do Inquérito Arqueológico da Diocese do Porto, promovido por D. Domingos Pinho Brandão, então professor de

Arqueologia e reitor do Seminário Maior do Porto (mais tarde viria a ser bispo auxiliar do Porto). Na freguesia de Sobrado (bem como nas restantes freguesias do concelho, à exceção de Ermesinde) o inquérito foi realizado pelos campenses Dr. João Alves Dias e o seu primo Doutor Manuel Joaquim Alves de Oliveira (o qual veio a falecer, em 2013, em Roma onde se encontrava radicado desde 1960), na altura seminaristas. O levantamento feito pelos seminaristas veio a ser publicado pelo Sr. Dr. João Alves Dias, em 2024, no seu livro *Esta Viagem que nos Plasma*, editado pelo coro Gregoriano do Porto (pp. 284-285)⁴.

Com base no que ouviram sobre a festa passaram a escrito uma versão da lenda que agora parece ser desconhecida, não sendo aparentemente a mesma veiculada na atualidade pela memória coletiva local. Os seminaristas, referindo a possibilidade de ser dita de forma diferente de pessoa para pessoa, registaram a lenda da seguinte forma:

A principal das tradições e lendas de Sobrado é a das lutas entre Bugios e Mourisqueiros.

Esta lenda varia de boca para boca, mas, no geral, apresenta a forma seguinte:

- Era uma vez um rei mouro que tinha uma filha doente. Baldados todos os esforços e esgotados todos os recursos humanos, resolveu recorrer ao Deus em quem não acreditava: o Deus dos cristãos, com a promessa de se converter e erguer uma capelinha se Ele lhe curasse a filha. Efectivamente, ela curou-se e o rei resolveu-se a cumprir a promessa. Mas, surge um movimento rebelde no seu reino e, em breve, se trava luta de morte entre os

dois partidos. O rei com os cristãos - chamados 'Bugios'; os rebeldes denominados 'Mourisqueiros'.

A vitória inclinou-se para o lado dos inféis: o rei cristão foi preso.

Quando os 'Mourisqueiros' já seguiam no cortejo triunfal, com o 'rei bugio' de mãos atadas, eis que aparece uma enorme e temerosa serpente: a 'Serpe', como o povo lhe chama. O rei, reorganizando as suas hostes, restabelece a paz no seu reino sob o signo de Cristo.

Esta vitória deu-se no dia de S. João e, em sua lembrança, todos os anos, no dia 24 de Junho, no largo da igreja, é representada tão encarnizada luta (DIAS, 2024, 284-285).

Resumindo, em relação à(s) versão(ões) atualmente mais veiculada(s), da(s) qual(ais) diverge significativamente, o que mais sobressai é a existência de um rei mouro que se converte ao cristianismo. Com isso se viu a braços com uma guerra (onde conta com a ajuda dos cristãos (Bugios)) contra os seus próprios súbditos (mouros) que se rebelaram.

Nesta ordem, nesta corrente, que coloca um rei mouro cristianizado⁵, poucos anos depois do inquérito de 1957, surge, em 1963, na revista Praça Nova, um outro registo que segue esta mesma linha de mouros cristianizados. Ainda que não referindo sequer a existência de lenda por detrás da festa, da «Dança dos Bugios e Mourisqueiros», o médico Dr. Joaquim Martins da Costa Rangel⁶ apelida os contendores de «cristãos visigóticos e cristãos mou-

² A partir de finais da década de 1970 algumas das versões que foram sendo publicadas referem um terceiro povo (a tribo do Bugios) que auxiliou os cristãos na contenda contra os Mouros, sendo que nos últimos anos não nos parece que seja tão evidente o seu uso e veiculação, ou seja, parece ser uma versão mais adormecida, ainda que uma história infantil sobre a lenda, publicada recentemente, em 2020, contenha este aspeto (ROCHA, Céu; VIEIRA, Marisa (2020). Era uma vez uma lenda... S. João de Sobrado. Gráfica Diário do Minho).

³ Algumas versões referem o empréstimo, por parte dos cristãos, da imagem de São João aos mouros.

⁴ Encontram-se as partes do levantamento, relativas a Campo e a Sobrado, republicadas recentemente em Campo e Sobrado - Duas Freguesias: Notas Monográficas (MOREIRA, 2025, pp. 346 a 357).

⁵ Aparentemente como sendo o Velho da Bugiada que luta contra um Reimoeiro que emerge para combater o seu antecessor (o referido Velho da Bugiada) por este se ter convertido ao cristianismo.

⁶ A publicação ocorre após a morte do autor. O Dr. Costa Rangel foi médico em Paredes onde também foi presidente da Câmara Municipal (RANGEL, 1963, p. 8 - nota introdutória que refere a publicação póstuma do texto). O mesmo trabalho seria republicado em Teatro Popular Português. Entre-Douro-e-Minho: do Carolíngio ao Maiato (RANGEL, 1970, pp. 69-78).

ros»⁷. Coloca a existência de cristãos quer de um lado contendor quer de outro, divergindo da versão associada ao inquérito arqueológico de 1957, pois essa versão refere os mouros rebelados contra o seu rei que se convertera.

Curiosamente, logo por 1965, de acordo com um outro registo, o rei mouro não é cristão e nem se converte, embora faça promessas a São João. O registo surge num trabalho académico, do ano letivo de 1964/1965, na área da Antropologia, para o professor Joaquim Rodrigues Santos Júnior, pela aluna Teresa de Jesus de Moura André com uma versão que se transcreve:

O que se diz desta festa:

A realização das Bugiadas assenta numa lenda, que longe de poder afirmar a sua veracidade o povo da freguesia de Sobrado, simples e humilde, crê nela firmemente.

Diz a lenda que na Serra de Cuca-Ma-Cuca, hoje Serra de Santa Justa em Valongo, vivia uma tribo de Mouros que habitavam as ruínas das antigas minas de ouro, hoje denominadas fojos cuja beleza rude e excêntrica é digna de maior admiração e onde se encontram ainda reminiscências das primícias da civilização e até dos tempos pré-históricos. O rei da tribo tinha uma filha, donzela ainda, que um dia adoeceu gravemente. O rei, na ânsia de salvar a sua única filha que via definhar de dia para dia, consultou os mais conhecidos sábios e feiticeiros da época. Foram debaldes⁸ as tentativas do pobre pai e a menina continuava a piorar. Certo dia o rei teve conhecimento dum feiticeiro que vivia na região hoje denominada Sobrado e para lá se dirigiu. O feiticeiro era cristão, e acon-

selhou o rei a fazer uma promessa ao Santo⁹ que os cristãos adoravam e que fazia muitos milagres. Assim, embora atraindo a sua fé, o rei dos Mouros fez uma promessa que constava de várias mortificações. O milagre consumou-se, e o rei mandou reunir todos os seus súbditos, oferecendo-lhes um banquete no fim do qual houve danças e cantares.

Reconhecido ao santo resolveu invadir a capela, onde os cristãos faziam o culto religioso, e apoderar-se da imagem do santo. Travaram-se pequenas escaramuças entre Mouros e Cristãos, que não viram com bons olhos a decisão do rei dos Mouros, a quem estes passaram a chamar Bugios. Certo dia travou-se renhida luta finda a qual o Rei Moeiro invadiu o castelo ocupado pelos Cristãos, aí prendeu o seu chefe, que apesar de implorar para que o libertassem foi levado para o acampamento dos Mouros.

Os cristãos desesperados, não se conformaram com o que havia acontecido e conhecendo o terror que os Mouros nutriam pelas Serpes¹⁰, colocaram uma enorme à entrada do acampamento do inimigo. Aconteceu o que os cristãos haviam previsto, os Mouros aterrados com a visão daquele monstro fugiram espavoridos deixando em liberdade o Rei dos cristãos também conhecido por Velho dos Bugios.

Vitoriosos, os cristãos dançaram durante horas seguidas dizendo, de vez em quando,

“Ó, Ó o santo é nosso”, e soltando gritos selvagens.

O professor Joaquim Rodrigues Santos Júnior era muito conhecedor desta festa e caso esta versão se encontrasse divergente e contrária em relação ao que ouvira anteriormente, seria provável que fizesse algum reparo na lenda, tendo em conta que ao lon-

go do trabalho faz alguns apontamentos. Ou então, mesmo que divergente do que possa ter ouvido anteriormente, sabendo tratar-se de uma lenda respeitou a existência de mais do que uma versão e nada referiu a esse respeito. Na capa do trabalho académico escreve «Bom trabalho. Bem documentado».

Já no final do período de ditadura, a 16 de junho de 1973, uma notícia (que terá a mão do Sr. José Marujo e/ou do Sr. Fernando Queirós) que surge no jornal El Pueblo Gallego, sobre a festa do São João de Sobrado, refere o seguinte: «a ela sempre preside um numero etnográfico de grande espetáculo o de dezenas de figurantes com fatos colorido. Uns são os cristiãs, convertidos sob a influência de um milagre de S. João; outros os mouriscos, que não acreditam no poder do Santo» (SECO, 1973). Ora, pode-se presumir que a referência aos «convertidos» possa ter uma intenção de querer colocar neste papel mouros convertidos, aproximando-se da versão de 1957.

Registos da festa e da lenda desaparecidos(?)

É provável que a Bugiada e Mouriscada pelo seu enredo e narrativa poderá ter tido, na sua origem, um guião (embora com eventuais diferenças em relação ao que se faz na atualidade) que porventura poderá, na altura, ter sido passado a escrito. O autor António Martins da Costa Rangel parece comungar desta opinião, pois, em 1963, sugere o seguinte: ««Dança dos Bugios e Mourisqueiros», auto que tem, sobretudo, uma feição crítica que, no tempo em que deveria ter sido escrito, só era possível fazer através de manifestações artísticas» (RANGEL, 1963, p. 8).

Por outro lado, importa referir a existência de um antigo diário de um sobradense, ao qual o Sr. José Marujo teve acesso e onde se encontrariam

registos sobre a festa e/ou sobre a lenda. O mesmo pertencia a uma outra família de Sobrado e terá desaparecido (ALGE, 2010, p. 153). De facto o Sr. José Marujo, em 2001, refere numa entrevista o seguinte: «Depois de eu ler um livro fiquei com aqueles elementos que falavam sobre a lenda e fui falar com o professor Santos Júnior, que me disse: -”Vamos então organizar isso!”»¹¹ (MARUJO, 2001, p. 3). Será este livro o tal diário que é dado como desaparecido, o qual poderá conter informação relevante sobre a festa e a lenda, informação esta que pode ser desconhecida na atualidade?

A atrás referida aluna do professor Santos Júnior, Teresa de Jesus Moura André, em 1965, regista ainda, sobre a festa, que em Sobrado, no dia de São João «nada é feito sem significado, tudo tem sentido desde a indumentária ao simples gesto realizado» (ANDRÉ, 1965, p. 1). De facto, os significados da festa são muitos e vão-se revestindo de diferentes interpretações ao longo do tempo. Isso acontece com a lenda e resulta de uma forma acentuada entre as suas diferentes versões, as quais poderemos considerar como válidas, pois importa referir que “uma lenda é uma lenda”! No entanto, seria importante que se descobrisse, se encontrasse essa possível “versão original” que até pode ter sido escrita inicialmente e não “contaminada” pelos muitos pontos que a oralidade lhe tem vindo a acrescentar. Pois, “quem conta um conto, acrescenta-lhe mais um ponto”. Mas será que algum dia se conseguirá encontrar essa versão original?

Concluindo

Conforme atrás verificado em tempo de Estado Novo surge, em 1957, uma versão em que há a conversão do rei mouro. Logo, em 1963, surge a ideia de que são colocados os confrontantes do dia de São João no mesmo plano religioso, ou seja, todos cristãos (com

⁷ António Martins da Costa Rangel parece sustentar-se no facto de ambas os grupos receberem a «bênção pela água benta» (RANGEL, 1963, p. 9).

⁸ A manuscrito, talvez pelo professor Santos Júnior, por cima de «debaldes» no original encontra-se «baldadas».

⁹ No original, em nota de rodapé: «Crê-se ser o S. João». Refira-se que São João Batista é venerado e considerado profeta no islamismo.

¹⁰ No original, em nota de rodapé: «Serpentes».

¹¹ O Sr. José Marujo a p. 5 mais refere na entrevista «Depois de eu ler o livro é que eu comecei na festa com essa montagem, a contar a lenda».

mouros convertidos, os atrás referidos «cristãos mouros»). Contudo, passado pouco tempo, em 1965, apenas os Bugios são cristãos, ainda que o Reimoeiro faça promessas a São João. Já em 1973, parece haver novamente mouros convertidos, isto de acordo com a notícia publicada no referido jornal El Pueblo Gallego.

Mais tarde, na década seguinte e já em tempo de democracia surge em 1978, pela mão da Comissão de Festas desse ano, uma brochura impressa (a primeira) sobre a festa e regista uma versão da lenda¹². Esta divergindo significativamente das anteriormente registadas (em 1957 e 1965), não será, na generalidade, muito diferente das que lhe seguirão, à exceção do elemento associado com a existência ou não de uma terceira tribo (dos Bugios) que auxilia os cristãos contendores com os mouros.

¹² Esta publicação terá tido a colaboração do Sr. José Ferreira Marujo.

Bibliografia

- ALGE, Barbara (2010). Die Performance des Mouro in Nordportugal. Eine Studie von Tanzdramen in religiösen Kontexten. VWB – Verlag für Wissenschaft und Bildung. ISBN 978-3-86135-646-2.
- Comissão de Festas de 1978 (1978). O S. João de Sobrado: Os Bugios (Ou Cristãos). A Lenda da Bugiada e Mouriscada. Oficina Gráfica Correio do Douro – Valongo.
- MARUJO, José António Ferreira (entrevistado) (2001, 6 de setembro). A Luta entre Mouros e Cristãos. Núcleo Português do Museu da Pessoa (policopiado).
- DIAS, João Alves (2024). Esta Viagem que nos Plasma. Coro Gregoriano do Porto. ISBN 978-989-33-2985-6.
- MOREIRA, Paulo Caetano (2025). Campo e Sobrado - Duas Freguesias: Notas Monográficas. Campo e Sobrado: Junta de Freguesia de Campo e Sobrado. Depósito Legal: 552348/25.
- RANGEL, António Martins da Costa (1963). Dança dos Bugios e Mourisqueiros. Auto popular, típico da Freguesia de Sobrado de Valongo, talvez o único no género. Praça Nova. Setembro: pp. 8-10.
- RANGEL, António Martins da Costa (1970). Dança dos Bugios e Mourisqueiros. Pantomima popular da Freguesia de Sobrado de Valongo. In Abelho, A. Teatro Popular Português. Entre-Douro-e-Minho: do Carolíngio ao Maiato. Braga: Editora Pax, pp. 69-78.
- ROCHA, Céu; VIEIRA, Marisa (2020). Era uma vez uma lenda... S. João de Sobrado. Gráfica Diário do Minho. ISBN 978-989-33-0652-9.
- SECO, Eugenio Diez (dir.) (1973, 16 de junho). O S. João em Sobrado. El Pueblo Gallego, n.º 18.129.



Roubo do Santo com Manuel Pinto como Reimoeiro (foto de António Lopes, final dos anos 60)

A primeira criança a limpar as bagadas

Nuno Alexandre Ferreira

Velho da Bugiada, músicos e Franklim Dias (Foto de Idalina Santos, anos 50)



Nem todos sabem, mas uma das cenas mais comoventes da **Prisão do Velho**, momento alto da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, nasceu nos anos 50 graças a um menino de apenas 10 anos. Hoje é tradição: crianças-bugio subirem ao palanque para “alimpar as bagadas” — as lágrimas — do Velho, abraçando-o repetidas vezes, tentando amolecer o coração inflexível do Reimoeiro. É um instante carregado de inocência e teatralidade, capaz de arrancar suspiros e lágrimas do público. Mas... alguém foi o primeiro a fazê-lo.

O pioneiro chamava-se **Franklim Marques Dias**. Nascido em Sobrado a 15 de fevereiro de 1943, Franklim subiu ao palanque pela primeira vez em 1953. Nesse ano, o seu pai, Joaquim Dias, era o juiz da festa, e o tio, Adelino Dias “Maninho”, foi mais uma vez o protagonista da festa como Velho da Bugiada. Foi o pai quem lançou o desafio: que o filho fosse de Bugio e subisse ao palanque para consolar o Velho. Na época, quase não havia crianças na festa com esse papel. Franklim garante: “naquele tempo não havia cachopos para ir de Bugio. Eu fui o primeiro.” Neste mesmo ano de 53, o “jantar” ocorreu na casa do senhor Domingos Moço em frente à Capela da Senhora das Necessidades. O Reimoeiro terá sido António Machado.

Durante quatro anos seguidos, repetiu o gesto. O mesmo que se encontra na foto, ao centro e agachado, junto de Bugios, do André da Munha (Velho da Bugiada) e dos músicos da Bugiada. Esta foto terá sido tirada, nos anos 50, num dos anos em que Franklim limpou as bagadas (lágrimas) ao Velho.

Depois, começou a surgir outro menino, possivelmente Adelino “marroquino da burra”, que era parceiro da Bugiada de Franklim e dizia também ter sido seu parceiro nessa missão — embora Franklim admita que já não recorda com certeza.

Naquele tempo, a festa era mais pequena: “Eram muito poucos os Bugios e os Mourisqueiros”, recor-

da. As fardas e máscaras eram compradas ou alugadas no Porto, na casa Valverde (possivelmente associada a Jayme Valverde e também ao Teatro Experimental do Porto), e tinham um charme especial: “As roupas eram de príncipe, as capas cumpridas formavam um leque e, quando se dançava, abriam-se.”

Franklim não foi apenas um momento na história da Bugiada — foi quase uma vida inteira dedicada a ela. Participou durante cerca de 59 anos, apenas interrompidos pelo serviço militar (entre 1964 e 1967) e pela Guerra Colonial em Angola. Em 2015, despediu-se da Bugiada, mas não da paixão. O seu amor pela festa foi herdado pelo filho, Fernando Dias (Velho da Bugiada em 2014), pela neta Mariana Dias (música da Bugiada) e pelo neto Diogo Dias (Mourisqueiro).

A história de Franklim é a prova de que a Bugiada e Mouriscada não é apenas uma festa: é uma herança viva, passada de geração em geração, e feita de memórias que, como as “bagadas” do Velho, continuam a brilhar aos olhos de quem as vê.



Franklim Dias- primeira Criança-Bugio (pormenor de foto de Idalina Santos, anos 50)

A alma da festa: José Ferreira Marujo

Nuno Alexandre Ferreira

José António Ferreira Marujo nasceu em Sobrado a 10 de dezembro de 1917. Filho de José Ferreira Marujo, que era alfaiate e agente funerário, e de Carolina da Silva, que era doméstica e vendedora de galinhas no mercado do Bolhão (Porto), ambos casados catolicamente e moradores no lugar da Felgueira (hoje Rua São João de Sobrado nº 3086). Teve seis irmãos: Alberto, Alcina, Laura, Lucinda, Madalena e Manuel.

Era neto paterno de José Ferreira Marujo e de Maria Ferreira e materno de Manuel Pereira e de Maria da Silva.



José Marujo na sua juventude (anos 40, acervo da família)

Um dos momentos mais invulgares, aos olhos da atualidade, da sua vida foi o momento do seu batismo, que ocorreu na Igreja Matriz de Sobrado a 16 de dezembro de 1917. Tal como acontece habitualmente e segundo a tradição, qualquer pessoa que seja batizado tinha dois padrinhos, o mesmo acontecendo com José Marujo. No entanto, os seus padrinhos foram António Moreira de Sousa, que era Pároco de Sobrado e a Nossa Senhora do Rosário, cujo ritual foi confirmado com o toque da coroa da virgem (imagem que se encontra na Igreja Matriz de Sobrado) pelo presbítero José Joaquim Pereira da Silva no menino José Marujo. Era hábito antigo que santos pudessem ser padrinhos ou madrinhas, aconte-

cendo precisamente neste caso. Este hábito, contudo, perdeu-se, não se realizando atualmente.

Conforme informações transmitidas pela família, durante a sua infância e juventude, demonstrou ser uma pessoa dinâmica e muito criativa, tendo-se envolvido em muitas atividades e eventos de caráter social e político que se realizavam em Sobrado.

Sempre demonstrou ter caráter e convicções fortes, sendo ainda muito sociável e com elegância no trato. Dedicou grande parte do seu tempo em prol dos outros, tendo estado associado a todo o tipo de eventos locais: desportivos, festas religiosas, atividades culturais, entre outras, uma vez que possuía uma boa formação intelectual e cultural, à época.

Conheceu e enamorou-se por Margarida Dias de Carvalho (nascida a 6 de junho de 1919), com quem casou a 5 de julho de 1945, na Igreja Matriz de Campo. Margarida era filha de Manuel Dias de Carvalho e de Ana Dias de Carvalho, ambos naturais da freguesia de Campo-Valongo. José e Margarida foram pais de doze filhos. Infelizmente faleceram dois ainda em criança, tendo sobrevivido dez (sete raparigas e três rapazes) que à data ainda se encontram vivos.

José Marujo seguiu as pisadas de seu pai, continuando com o negócio da família que tem vindo a passar de geração em geração: a agência funerária (que continua na família). Existe, inclusive, uma expressão que é comum aos agentes funerários e que todos em sobrado a relacionam com ele: “Não quero que ninguém morra, mas quero que a minha vida corra”. A verdade é que também existem histórias da sua solidariedade por quem não tinha muitas posses e a facilitação no pagamento desses serviços ou até descontos.

A sua solidariedade é reconhecida ainda por todos aqueles que quiseram emigrar durante o Estado Novo e os quais ele próprio ajudou a rumarem a outros países, nomeadamente: Brasil, França e Venezuela.

Chegou a transportá-los até Lisboa, onde ficavam hospedados na pensão de um amigo para depois seguirem o seu caminho. Por causa deste envolvimento na emigração, foi levado pela PIDE onde esteve dois dias preso por suspeitas de apoio à emigração ilegal, tendo saído em liberdade por falta de provas. As idas a Lisboa não eram só para ajudar a emigrar, mas também para tratar de outros assuntos, de cariz mais pessoal.

Em 1966, durante o mandato espiritual do Padre Agostinho de Freitas decorreram importantes obras na Igreja Matriz de Sobrado e na Capela de Nossa Senhora das Necessidades. Nesta última e segundo uma notícia do Jornal Correio do Douro, o José Ferreira Marujo liderou um cortejo de oferendas com vista à angariação de fundos para as referidas obras, tendo ocorrido no dia 29 de maio de 1966.

Foi correspondente de vários jornais, tais como: O Século, Diário Popular e Jornal de Notícias. Foi ainda dirigente do Clube Desportivo de Sobrado e Membro do Conselho Fiscal do Aliados F. C. de Lordelo nos anos 70.

Foi Presidente de Junta da Freguesia de Sobrado no período final do Estado Novo, até 1974. Foi

eleito a 15 de novembro de 1971, tendo sido a primeira reunião de executivo a 2 de janeiro de 1972. Foi substituído no cargo por José Pereira Bessa, depois do 25 de abril, em 1974. Durante os anos em que exerceu o cargo de presidente, a família recorda que nunca deixava de atender as pessoas em casa, fosse a que hora fosse. Se ocorresse na hora das refeições, mesmo quando estava à mesa com a família, ouvia chamar, levantava-se e ia atender as pessoas, quando voltava a refeição estava fria, mas nunca abdicava de o fazer. Tentou sempre fazer o bem e ajudava quem podia. Como menciona a família: *“Esteve sempre ligado a todos os eventos e festas que se realizavam na terra, na organização dos cortejos e leilões de angariação de fundos para obras nas capelas, na igreja e outras instituições, nomeadamente para os Bombeiros Voluntários de Valongo. Tinha um jeito especial para leiloar as ofertas, as pessoas gostavam da maneira como ele leiloava, por isso, foi quem exerceu este cargo ao longo de muitos e muitos anos”*.

Em 10 de fevereiro de 2003, falecia Margarida Carvalho, a sua esposa e companheira de uma vida, depois de 57 anos de casamento.



Leilão em prol das obras da Capela de Nª Sra das Necessidades. No lado direito, é provável que o homem ao microfone seja José Marujo (1966, Jornal Correio do Douro, partilhado por António Garcês)

Três anos depois, a 16 de julho de 2006, silenciou-se a voz do São João, falecendo José Marujo em sua casa, tendo sido sepultado no cemitério de Sobrado.



José Marujo e a sua esposa Margarida Carvalho (data desconhecida, acervo da família)

Aquando do seu falecimento, a comoção geral da comunidade foi sentida no velório e algumas pessoas escreveram sobre a sua vida e a sua entrega a Sobrado, nomeadamente Paulo Figueiredo no jornal Alô Sobrado e Manuel Pinto no blog Bugios e Mourisqueiros.

A Ligação com o São João

José António Ferreira Marujo, também conhecido como Tio Zeca Marujo, foi um dos grandes apaixonados pela festa de São João de Sobrado.

Como nos refere Manuel Pinto (2006) “Na verdade, no momento da Prisão do Velho, era ele que, agarrado ao microfone, e em toada apologética, narrava a lenda que dá origem às lutas entre Bugios e Mourisqueiros. Jogando com a verdade histórica e com interpretações sui generis, criava um ambiente de emoção em torno do enredo que se desenrolava no palanque dos Bugios.”

O interesse pela interpretação mais antropológica da festa foi transmitido pelo Prof. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (1901-1990) que terá visitado a Bugiada e Mouriscada nos anos 30, tendo registado as primeiras imagens vídeo da festa. Através de correspondência trocada e de visitas frequentes deste an-

tropólogo, José Marujo foi reunindo as informações necessárias que o permitiriam a iniciar a narração e interpretação da lenda nos dias de São João.

Nos anos 30 e 40, foram várias as visitas de figuras incontornáveis da antropologia e etnologia, nomeadamente Rodney Gallop, Violet Alford, Armando Leça, entre outros. Nomes esses que muito provavelmente foram recebidos pelo Sr. Marujo.

Efetivamente, o próprio refere que Armando Leça lhe pede para levar a Bugiada e Mouriscada à Exposição do Mundo Português, a Lisboa em 1940, o que não chegou a acontecer.

Nos anos 60, a relação com José Marujo torna-se mais visível através das visitas de Santos Júnior a Sobrado em várias edições da festa, estando registadas as suas presenças em 1964, 1965, 1967 e 1968, existindo notas e fotografias sobre a festa. A própria família refere o entusiasmo que José Marujo sentia durante todo este processo de estudo da lenda da Bugiada e Mouriscada, em particular com o professor Santos Júnior. Este novo interesse na festa pode ter surgido após a republicação de “Portugal- A Book of Folk Ways” de Rodney Gallop, bem como pelo surgimento de novas publicações sobre a festa da autoria de Luís Chaves, António Rangel, entre outros. É neste período que as narrações da lenda se terão iniciado.

Em 1964, Santos Júnior e a sua aluna Teresa André, estiveram em Sobrado, acompanhando o decorrer da festa. Ambos recolheram informações e notas sobre a mesma. A aluna recolheu ainda fotografias que enriqueceram o seu trabalho. As notas de Santos Júnior encontram-se no Centro de Memória de Torre de Moncorvo (tal como as notas de 1967 e 1968). O trabalho de investigação de Teresa André, ainda que curto, é de uma importância relevante para a festa.

Nos anos de 1965 e 1967, Santos Júnior dedicou-se ao registo fotográfico da festa e nesse mesmo ano de 1965, Osvaldo Freire, outro discípulo, mas um académico mais



A felicidade e alegria quando ia relatar / narrar a Prisão do Velho (cerca de 1996, acervo da família)

conhecido e experiente, apresentou uma palestra sobre a festa na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, palestra essa que contou com a presença do seu mestre. Em 1968, Lino José da Cruz Moreira, também ele aluno de Santos Júnior, elaborou um trabalho de antropologia para o seu professor, desconhecendo-se até ao momento o seu conteúdo. Mas a maior importância para a Bugiada e Mouriscada da presença e interesse de Santos Júnior, está na passagem do seu conhecimento e sabedoria para o seu maior (e crê-se que único) discípulo em Sobrado: o Sr. José Ferreira Marujo. Ele não foi aluno de Santos Júnior, nem se sabe como e quando esta relação de amizade e mútuo-respeito começou. O que se sabe é que o Sr. Marujo chegou a deslocar-se à Universidade do Porto com personagens trajados a rigor para mostrar aos alunos de Santos Júnior a beleza e magnitude da festa e trocou até correspondência com Santos Júnior, abordando informações históricas sobre a festa e sobre Sobrado.

Em 1973, El Pueblo Gallego, um jornal sobre a Galiza (Espanha) mas publicado em Madrid, aborda a festa bem como a relevância de José Ferreira Marujo para a mesma, na altura presidente da Junta de Freguesia de Sobrado. Neste mesmo ano, a RTP, no Noticiário Nacional, grava belíssimas imagens sobre a festa.

Alguns anos mais tarde, em 1977, Ângelo Peres gravou o documentário “Bugiadas” com a Cooperativa Moviola que é um dos marcos videográficos da festa, pela qualidade das imagens e das várias entrevistas, a que se inclui a belíssima narração de Zeca Marujo, que neste ano foi também o juiz da festa. O autor, em 2006, ofereceu o filme à Associação Casa do Bugio.

Outra iniciativa que é de grande valor documental e histórico para a festa de São João de Sobrado é o opúsculo ou brochura sobre a festa com o título “São João de Sobrado: Os Bugios” publicada pela Comissão de Festas de São João de Sobrado 1978, (liderada por José Bessa) e que é da autoria de José Marujo. Foi a primeira publicação dedicada à festa, da autoria dos Sobradenses e ainda hoje guardada como relíquia por inúmeros apaixonados da festa. Neste mesmo ano de 1978, datada de 20 de abril, existe uma carta enviada por José Ferreira Marujo para o professor J.R. Santos Júnior, traçando-se informações culturais e históricas sobre a festa e Sobrado, sublinhando-se o convite ao professor referindo que este era “convidado de Honra”. Posteriormente, Ernesto Veiga de Oliveira, um dos grandes antropólogos portugueses, no seu livro “Festividades Cíclicas em Portugal, publicado em 1984 e com a Bugiada e Mouriscada como capa, homenageou José Ma-

rujo, referindo-o como “Alma das festas do S. João de Sobrado, rei dos Mouriscos e Bugios (...)” e a verdade é que muitos o recordam dessa forma.

Efetivamente, através dos saberes e conhecimentos de Santos Júnior e de outros antropólogos (como Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamim Enes Pereira), com um jeito dramático e eloquente (exagerado por vezes), José Marujo cativava pela emoção e pelo rigor intelectual (de então) a atenção de todos através do relato da lenda e das descrições da extraordinária festa de Sobrado. Passados quase vinte anos do seu falecimento, muitas das pessoas que presenciaram e ouviram esses momentos, quando estão a assistir à prisão do Velho dizem: “como o Zeca Marujo não há outro!!! Ele fazia-nos chorar!”

Deu dezenas de entrevistas sobre a lenda da festa de São João de Sobrado a vários jornais, sendo de destacar alguns mais relevantes:

- Jornal El Pueblo Gallego, dia 16 de junho de 1973;
- Revista Noticias Magazine, 12 de julho de 1992;
- Revista “Tempo Livre”
- Jornal de Notícias em junho de 2000
- Comércio do Porto em junho de 2004
- Participou no projeto “Memórias da Cidade do Porto” realizado em parceria com a Sociedade Porto Capital Europeia da Cultura em 2001, onde ficou registada a sua história de vida e a lenda sobre a Bugiada e Mouriscada de Sobrado;

Esta emoção e memória foram recordadas no livro “Bugios e Mourisqueiros- A História do São João de

Sobrado” publicado pela Associação São João de Sobrado e da autoria de Paulo Figueiredo.

Foram inúmeros os anos em que participou como narrador da festa, tendo sido ele o precursor das narrações da Prisão do Velho, havendo confirmação da sua participação pelos menos nos anos de 1973, 1981, 1985, 1986, 1988, 1992, 1993, 1994, 1996 e 1998, tendo possivelmente sido a sua última participação no ano de 1999. A tradição refere que o Sr. Marujo e o Sr. Queiróz iam alternando na narração da lenda.

Por tudo o que aconteceu no decorrer do séc. XX, é possível afirmar que o professor Santos Júnior, Fernando Queiroz e José Marujo foram os grandes obreiros e responsáveis pela promoção e crescimento da Bugiada e Mouriscada, transmitindo às gerações atuais, o legado que herdaram do passado.

Museu Pessoa

No âmbito do projeto do Museu Pessoa, no ano de 2000, foi realizada uma entrevista a José Marujo, que é reproduzida integralmente de seguida.

Esta entrevista é de uma importância fundamental para a festa da Bugiada e Mouriscada, uma vez que nela é referenciada a forma como José Marujo se envolveu na promoção, investigação e narração da festa e da sua lenda. Confirma ainda a relação com o prof. Santos Júnior e com a Universidade do Porto.

Bibliografia

- Alge, Bárbara (2006) - A memória coletiva religiosa em danças dramáticas de Penafiel, Sobrado e Braga. Artigo publicado na Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n.º 18, Lisboa: Edições Colibri
- Alge, Bárbara (2010) - Die Performance des Mouro in Nordportugal. VWG: Berlim (Alemanha)
- Araújo, M. C. da C. (2004). Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho. O S. João de Sobrado-Valongo. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto
- Jornal Correio do Douro (1977) - S. João. Artigo publicado a 25 de maio de 1977.
- Jornal Correio do Douro (1966) - Sobrado de Cima: Um povo unido. Artigo publicado a 11 de junho de 1966.
- Museu Pessoa (2000) - Entrevista a José Marujo. Consultado a 10 de abril de 2024 em https://www.linguateca.pt/acesso/MuseuPessoa_PT.xml
- Pinto, Manuel (2006) - Morreu o sr. José Marujo. Artigo do blog Bugios e Mourisqueiros publicado a 17 de julho de 2006 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2006/07/morreu-o-sr-jos-marujo.html>
- Sobrado, Paróquia de (1917) - Registo de Batismo de José Marujo. Sobrado: Livro de registos de batismos
- Sobrado, Paróquia de (2006) - Registo de Falecimento de José Marujo. Sobrado: Livro de registos de óbitos.

Entrevista

“Diga-nos o nome completo.

José Marujo.

Qual a sua profissão?

Agente funerário, é como vem em todas as revistas.

Que idade tem?

83 anos.

Fale-nos da sua ligação à lenda?

Depois de eu ler um livro fiquei com aqueles elementos que falavam sobre a lenda e fui falar com o professor Santos Júnior, que me disse: - “Vamos então organizar isso! “ E então, ele vinha a Sobrado todos os anos. Todos os anos ele aparecia aqui e queria comer no meio dos bugios. Tanto é que entusiasmou a freguesia.

A história da Bugiada é esta: no tempo em que os mouros vieram para a Serra de Cuca-Macuca fazer a exploração do ouro, onde estão ainda hoje os resíduos. As minas ainda lá se encontram, estão arquivadas para efeitos de turismo. Uma equipe de mouros vieram para a serra fazer a exploração do ouro e habitavam na serra de Valongo, na serra de Santa Justa, que dava até Aguiar de Sousa. Naquele tempo, aquela parte da serra onde fizeram a exploração do ouro até pertencia a Aguiar de Sousa.

Os mouros tinham um chefe que chamavam o rei mouro, que tinha uma filha de 18 anos. E essa filha adoeceu gravemente e ele procurou, naquele tempo, todos os curandeiros, todas essas coisas que havia porque eram riquíssimos.

Havia um povo que trabalhava na agricultura, um povo que uns diziam que eram mulçumanos, outros diziam que eram visigodos. Não se sabe que povo era, sabe-se que era um povo que trabalhava na lavoura, no vale em baixo, no vale de Valongo. O nome Valongo vem de “vale longo”, era o vale onde era tudo agricultura, e eles dedicavam-se à agricultura. Esse povo tinha uma capelinha que dedicavam muito a S. João e a Nossa Senhora, por quem tinham uma fé muito grande e tudo que eles queriam e pediam o S. João fazia-lhes a vontade.

Houve alguém que fez ver ao chefe mouro que havia essa gente que era capaz de pedir ao S. João para curar a filha. Ele sujeitou-se, embora incrédulo, a pedir a esse povo católico, para eles pedirem ao

S. João para a cura da filha. E o povo dedicou-se a isso. Fizeram novenas e a filha sarou. Ora o homem ficou numa alegria tremenda e então, que pensou ele, ele pensou mal, mas fez, primeiro reuniu todos os católicos lá no local dele e ofereceu um jantar. Fizeram um banquete para festejar esse acontecimento. Mas logo nesse jantar, os mouros já não comeram juntos com os cristãos, comeram à parte dos cristãos. Comeram o que eles quiseram.

Ao fim de comerem, os mouros mandaram para os cristãos os restos de comida. Começaram a insultá-los e a fazer pouco deles. Os cristãos às tantas debandaram e o rei dos mouros disse: - “Vós debandais, mas eu quero a imagem de S. João para nós. Essa imagem tem que ser para os mouros. “ E os cristãos disseram: - ”Nem que nos mate a todos! Não é fácil nos tirar a imagem. Não pudemos viver sem ele. “ Travou-se ali aquele descontentamento.

O rei mouro tentou ao mal - “Nem que seja através de guerra! Eu sou capaz de vos destruir e ficar só com o S. João. “ E assim foi, chegou aos pontos disso. Os cristãos nunca concordaram.

Os cristãos fizeram uma festa ao S. João, e os mouros foram assistir e exigiram levar o andor do santo.

Foi aí que começou a guerra. Travaram-se mesmo combates de fogo uns contra os outros. Havia um embaixador que ia de castelo a castelo pedir para haver calma, para entregar o S. João, para os cristãos acabarem com aquilo que seriam protegidos mais pelos mouros, mas os cristãos nunca concordaram com isso. Não concordarm e então perderam o combate. Os mouros que eram mais fortes e mais ricos, tinham todo o poder, assaltaram o quartel dos cristãos e roubaram tudo o que eles tinham e prenderam o rei da bugiada. Prenderam-no e levaram-no debaixo de prisão lá para os acampamentos deles.

Às tantas, o S. João surgiu-lhe na memória o seguinte: os mouros são medrosos, não podem ver serpentes nem barulho e pediu aos cristãos que se formassem todos e arranjassem uma serpente ou uma figura de serpente, nem que fosse só uma figura alegórica de uma serpente. E assim fizeram, os cristão fizeram uma serpente muito grande, juntaram-se todos, carregaram-se de guizos a fazer barulho, caretas, máscaras feias, vestiram roupas garridas e soltaram-se para atacar os mouros que levavam o rei preso.

Os mouros ao verem aquilo não tiveram mais nada, fugiram e deixaram ficar o pobre do velho solto. Tiveram medo da manifestação e fugiram deixando o velho solto. Depois os cristãos vieram agradecer ao S. João.

O rei dos bugios foi solto e o rei mouro ficou com a filha curada e acabaram cada um por regressar aos seus lugares e terminou por aqui a festa.

Agora, isto é executado tudo direitinho, não falha nada, desde o jantar até à procissão onde os mouros pegam nos andores. Na festa faz-se tudo, aquilo é mesmo integral. O povo começou a conservar essa tradição. Sabemos que os mouros existiram quando nós ainda não éramos portugueses. Antes da fundação da nação, os mouros já andavam por aí. Portanto, não há ninguém que tenha a certeza que a lenda aconteceu há mil anos ou dois mil.

Depois de eu ler o livro é que eu comecei na festa com essa montagem, a contar a lenda. Trouxe aqui jornalista, na altura até era correspondente do jornal “O Século de Lisboa”, do “Diário Popular” e vários jornais e os jornais começaram a percorrer para aqui e começaram a relatar isto. Deu um sucesso extraordinário porque aquilo começou a desenvolver-se.

Os estudantes na universidade começaram a aparecer aqui. Vinham doutores daquela exposição do mundo portuguesa, já há muitos anos, era o Armando Leça, que era uma das pessoas que se dedicava à Antropologia, veio aqui consumir-me para ver se eu conseguia levar os figurantes da festa a Lisboa. E eu disse assim: -”Como é que eu vou com este povo todo para Lisboa! Tenho que perder dias. “ Ele queria que fosse a Lisboa à exposição do mundo portuguesa, mas isso era impossível porque era muita gente, e naquele tempo eles trabalhavam, cada um tinha o seu emprego, como ainda hoje tem. Mas agora é mais fácil, naquele tempo não era fácil porque os patrões não cediam de maneira nenhuma.

Chegamos a ir à Universidade de Ciências do Porto. Esse professor disse-me assim: -”Ó senhor Marujo, o senhor não me arranja aí os vestidos para nós, só os vestidos que eu arranjava os manequins e fazíamos uma exposição na universidade lá no Porto. “ Eu disse: -”Ó senhor doutor, então nessa altura vão as pessoas mesmo naturais, arranja-se aí quatro vestidos diferentes, cada um vai com o seu e vamos todos lá à universidade. “ Diz ele: -”Isso melhor era. Prontos nós temos aqui uma camioneta vocês vão lá.

Então fomos à Universidade de Ciências ao Porto. Chegamos lá e ele disse:- “Vocês não vão aparecer, vão ficar aqui dentro de outra sala, sem aparecer à sala de aula e quando for o ponto principal eu vou fazer uma conferência sobre isso aos alunos e vou apresentá-los. “ Assim foi, nós estávamos numa sala, eles vestiram-se, era o velho da bugiada, o rei mouro e mais quatro elementos dos bugios. O professor falou para os alunos: -”E se vocês vissem isto realmente não gostariam de isto? “ E eles disseram: -”Ah, pois gostávamos senhor doutor, com certeza que gostávamos, se isso é assim tão interessante, tão alegre.

A Bugiada é uma coisa muito alegre. É uma festa, só visto! Uma festa de alegria! Aquelas fardas bizarras, que aquilo é fantástico tudo de veludo a cores vermelhas, os chapeús. Aquilo é muito importante e bonito.

A questão é que nós entramos, quando ele disse:- “Pois vós ides vê-los agora. “ Nós entramos pela porta dentro a dançar, como eles fazem aqui. Foi um espectáculo extraordinário. Os gajos gostaram daquilo, andaram connosco no colo lá dentro, e daí nasceu a propaganda. Eles vinham-nos pedir e nós lá íamos. O último casal que me apareceu aqui, com um serviço para fazer eram professores, levaram a cassete do dia da festa e nunca mais cá apareceram . Vinham jornalista à festa . Eu conheci dezenas deles, vinham aqui à minha procura “Oh senhor Marujo! “

E assim foi, a Bugiada começou a desenvolver-se, a desenvolver-se, a tornar-se conhecida e hoje é uma das festas para se gastar 22 mil contos em dois dias. Ainda gastamos este ano 22 mil contos. Tivemos um brasileiro que deu 11 mil contos para a festa. É uma festa que fica muito cara. A Câmara colabora porque se não colaborasse não podia ser, mas não falta na freguesia dinheiro para fazer a festa. De qualquer maneira, a festa é feita à custa da freguesia com alguma coisa da Câmara, mas isso é claro é uma festa de muito movimento, casas de comidas, carroséis é às dúzias para aí. Nós temos aqui realmente um lugar muito bonito, não é fácil em qualquer freguesia haver um espaço tão bonito e jeitoso para isso. Portanto, foi aí que Sobrado começou a ser divulgado e agora vem gente de toda a banda, até espanhóis. Vêm aqui jornalista de Lisboa, estudantes” que querem saber isso tudo.

Muito Obrigado!”

António Martins da Costa Rangel

O médico que antes de morrer, descreveu a festa

Nuno Alexandre Ferreira

António Martins da Costa Rangel, nasceu a 4 de maio de 1903 e era natural do lugar de Pinhete, Rebordosa. Filho de Joaquim Martins da Costa Rangel e de Maria Joaquina Gonçalves Machado. Casou com Hercília Bragança Coelho Duarte.

Estudou medicina, tendo-se matriculado em 1924 e terminado o curso em 1929. Entre 1931 e 1932 foi Presidente da Comissão Municipal Administrativa de Paredes.



Já em fim de vida, visitou Sobrado e fez uma excelente descrição da Bugiada e Mouriscada, que foi publicada, primeiramente na Praça Nova em 1963 e, posteriormente, em 1970 no livro de Azinhal Abelho “Teatro Popular Português: Entre Douro e Minho”. O dr. António Rangel faleceu em Cedofeita, Porto, nesse mesmo ano de 1963, a 17 de julho.

Carmo Daun Lorena também analisou o conteúdo da descrição e referiu: “Em 1963, outro nome se junta ao lote de redactores. Trata-se do médico António Rangel, que publica um artigo exclusivamente dedicado à festividade de Sobrado. O texto é ilustrado com algumas fotografias e refere-se ao auto popular como “talvez o único no género”. Após uma breve contextualização geográfica e histórica da região, que, entre outros aspectos, descreve a presença moura no território, o autor entra no tema do auto da Bugiada e Mouriscada, uma tradição que teria persistido desde os tempos da ocupação mourisca. Rangel inicia a descrição com a entrada em cena dos Mourisqueiros por volta do meio-dia, após as cerimónias religiosas da missa e da procissão. Descreve fardas e adereços, movimentos e atitudes, de Bugios e Mourisqueiros. Refere também a banda de música e o hino de S. João. Apesar do enorme contraste entre os dois grupos, ambos “acatam a religião cristã, porque ambos recebem a bênção pela água benta e, note-se, ambos são recebidos pelo Sr. Abade, que assim define o papel conciliador da Igreja, que a ambas as raças, cristãos visigodos e cristãos mouros, abre as suas portas” (...) Rangel prossegue com a descrição dos vários momentos da festa, até à Prisão do Velho e à Dança do Santo. E remata: “Assim está terminado este auto, cuja

antiguidade não é fácil determinar, cheio de anacronismos, mas que revela como podem manter-se certas tradições, cujas raízes estão muito profundamente mergulhadas nas características étnicas dum povo.”

Com base no artigo de Rangel, consegue-se tirar algumas elações. António Rangel aparenta conhecer bem a festa, talvez por ser de Reborda e muito ligado a Paredes, o que pela proximidade pode ter muitas vezes visto a festa. Ele associa a festa à batalha de Ponte Ferreira, referindo que “enquanto as tropas de D. Miguel se batiam em «Ponte Ferreira» com os destacamentos avançados de D. Pedro, na freguesia de Sobrado, em dia de S. João, realizava-se normalmente a festa deste santo com a tradicional Dança dos Bugios e Mourisqueiros (...)”. É provavelmente a primeira associação da festa às lutas liberais (curiosamente a batalha de ponte Ferreira ocorreu em 23 de JULHO de 1832 e não em junho).

Outro registo importante é o seguinte “A banda executa então uma pequena marcha, conhecida pelo nome de «São João de Sobrado», partitura muito antiga e que até ao presente, tem sido exclusivo das bandas de S. Martinho de Campo de Valongo e de Baltar. (...) Quando tentei gravar esta marcha logo o mestre me pediu que lhe promettesse que a não deixaria copiar.”

Numa das várias fotos sobre a festa, é possível ver as crianças da cruzada na procissão (que já não fazem parte da mesma) e na foto que aparece a serpe, esta era bem mais assustadora do que a serpe atual.



Bugios e a Serpe (Foto de Armando Leça, partilhada por Azinhal Abelho, 1940)



Aspeto do Auto (Foto de António Rangel, 1963)



Figura do auto (foto de António Rangel, 1963)



Figura do Auto (Foto de António Rangel, 1963)

É um relato interessante, rico de comentários sábios e que mostra como era a festa nos inícios da segunda metade do sec. XX. Como nos diz o autor “(...) este auto, cuja antiguidade não é fácil de-

terminar, cheio de anacronismos, mas que revela como podem manter-se certas tradições, cujas raízes estão muito profundamente mergulhadas nas características étnicas dum povo.”



Mourisqueiros seguem na procissão (Foto de António Rangel, 1963)

Bibliografia

- Lorena, C. (2022) Antropológicas: Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Consultado a 5 de outubro de 2025 em <https://bdigital.ufp.pt/entities/publication/6b67aafb-4cc1-43e7-ac2b-8646aac30d3>
- Paredes, C.M. (2021) Cultura em Casa. Consultado a 5 de outubro de 2025 em https://www.cm-paredes.pt/cm-paredes/uploads/writer_file/document/2644/maio_2021_magazine_cultural.pdf
- Sousa, G. (2018) O Dr. António Rangel. Consultado a 5 de outubro de 2025 em <https://oparedense.pt/wp-content/uploads/2015/03/Jornal-35.pdf>
- Rangel, A. M. C. (1970). Dança dos Bugios e Mourisqueiros. In Abelho, A. Teatro Popular Português. Entre-Douro-e-Minho: do Carolíngio ao Maiato. Braga: Editora Pax
- Rangel, A. M. da C. (1963). Dança dos Bugios e Mourisqueiros. Praça Nova Setembro: pp. 8-10





Fernando Silva como Mourisqueiro (Foto de Fernando Silva, 1964)

O Mini mourisqueiro

Nuno Alexandre Ferreira

Na memória coletiva do São João de Sobrado há episódios que se transformam em lenda, histórias que escapam ao tempo e se eternizam nos relatos de quem viveu e sentiu a intensidade da festa. Uma dessas histórias é a de Fernando Silva, o mais jovem Mourisqueiro de que há registo, uma criança de apenas 8 anos que, em 1964, vestiu a farda e fez parte da mítica Mouriscada.

Nascido a 15 de novembro de 1955, Fernando Silva tinha apenas oito anos quando entrou, de espada na mão, na mais simbólica das tradições de Sobrado. Um menino entre homens, com farda impecável, faixa, meias brancas (sem polainitos ou polainas), sapatos pretos e barretina que insistia em não se segurar na cabeça – detalhe que hoje arranca sorrisos em quem revê as raras imagens da RTP. O público pouco se apercebia, mas aquele pequeno Mourisqueiro, em alguns momentos, colocado em cima de um caixote de madeira pelo próprio pai para ganhar altura, estava a escrever uma das páginas mais singulares da história do São João.

A sua espada não era de metal – demasiado perigosa para tão jovem guerreiro –, mas sim uma peça de madeira cuidadosamente talhada pelo senhor Miranda, pai do Macal. Um gesto simbólico que não retirou brilho à sua presença: ao contrário, tornou-a ainda mais marcante.

O mais surpreendente é que Fernando Silva participou apenas uma vez. E, no entanto, bastou esse instante para deixar a sua marca. Nas gravações da RTP surge entre os guias, dançando com a mesma energia dos veteranos, logo após a Dança do Doce, num momento que hoje parece quase insólito.

Curiosamente, no trabalho fotográfico de Teresa André sobre o São João de Sobrado de 1964 não há registo deste Mini-Mourisqueiro. Terá sido esquecimento? Terá sido realmente esse o ano? Ou será que a memória da festa guarda mistérios que só o coração dos participantes pode decifrar?

Nas palavras do próprio Fernando, escritas muitos anos mais tarde a propósito da fotografia colorida que eternizou o momento, referiu que, “provavelmente o Mourisco mais novo” não esquece a emoção: *“Provavelmente o Mourisco mais novo. Data de 1960. Nem podia usar a espada de metal (segurança). O Carlos Silva (meu Pai) colocou um caixote de Madeira para eu ficar um pouco mais elevado. Fiz parte de algumas das danças, mas sobretudo ficou a paixão. Aqui pelos lados de Lisboa, em Sintra, viva o S. João.”*

O seu pai, Carlos Silva, trabalhava na CIFA e era ajudante do pároco de Sobrado, Padre Agostinho de Freitas. Terá sido essa a base para a participação na Mouriscada. Curiosamente, o irmão de Fernando, Carlos Silva, também foi Mourisqueiro.

Hoje, prestes a celebrar os seus 70 anos, Fernando Silva carrega consigo não apenas a lembrança, mas o peso simbólico de ter provado que a paixão pelo São João nasce cedo – tão cedo que até uma criança, em plena Mouriscada, pôde sentir-se herdeira dessa tradição.

Um episódio insólito? Sem dúvida. Mas também uma prova viva de que o São João de Sobrado não é apenas uma festa: é emoção... é identidade!

Os Bugios e Mouriscos

por Teresa de Jesus André

Nuno Alexandre Ferreira



Santos Júnior e possivelmente Teresa André em Sobrado (Foto de J.R. Santos Júnior, proveniente do Centro de Memória de Torre de Moncorvo, cedida pelo CDBM-Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1964)

Teresa de Jesus de Moura André foi aluna do professor Santos Júnior, na disciplina de antropologia. Relativamente à sua biografia, pouco se sabe, pensando-se que seja natural de Valongo.

Carmo Lorena, após análise do trabalho realizado sobre *“As Bugiadas do São João em Sobrado-Valongo”*, referiu que *“De facto, a aluna esmerou-se na documentação da festa. Esteve em Sobrado no Dia de São João de 1964. Observou a festa e recolheu testemunhos, mas o trabalho, ilustrado com várias fotografias coladas nas folhas dactilografadas, não oferece mais do que um texto descritivo da mesma.”*

Pessoalmente considero que o trabalho de Teresa André é extremamente importante para um conhecimento mais aprofundado sobre a festa, e as descrições e fotografias incluídas, remetem-nos para os anos 60, permitindo compreender a festa nesse período. Teresa referiu ainda que muitas das informações foram conseguidas através do Sr. José Marujo e o maestro da Banda de S. Martinho do Campo, sr. Teixeira, lhe cedeu as partituras.

Pela relevância do seu conteúdo, urge analisar tudo mais aprofundadamente.

As Bugiadas do São João em Sobrado-Valongo

Teresa André principia o seu trabalho e tenta perceber há quanto tempo se realiza a festa, no entanto, sem grandes informações adicionais.

“As Bugiadas realizam-se desde há muitos anos, mas, não me foi possível, averiguar o ano em que se realizaram pela primeira vez. No entanto, as pessoas

dos seus oitenta anos dizem que já no tempo dos seus avós se falava nas Bugiadas. Crê-se, portanto, existirem há quatrocentos ou quinhentos anos. Diz-se ser a única festa do género, quer pela sua indumentária quer pelo seu modo de realização.”



Velho da Bugiada (Foto de Teresa André, 1964)

Claramente, a indicação dos quatrocentos ou quinhentos anos, seria a conexão ao período medieval, ainda que bastante incongruente.

Outra informação relevante à participação dos Bugios e Mourisqueiros naquele ano.

“Este ano participaram sessenta Bugios e dezasseis Mouriscos. Os Mouriscos têm o seu chefe chamado Rei Moeiro e os Bugios devem obediência ao chamado velho dos Bugios. Tamboleiro é a designação dada, em Sobrado, à pessoa que comanda a trupe dos Mouriscos tocando no tambor. Guias são os dois Mouriscos da frente

e os dois de trás chamam-se os da cauda ou do rabo. Embaixador é o Mourisco que leva e traz as mensagens de um castelo para outro.”

Estas informações são relevantes. A Bugiada era pequena e não comparada como se verifica atualmente, uma vez que agora são cerca de setecentos os Bugios. Relativamente à Mouriscada, também era mais reduzida do que agora, pois eram 17 e atualmente rondam os quarenta. A designação de Tamboleiro também pode ser usada ainda que a mais comum seja de “Caixa”. Quanto ao embaixador, normalmente chamado de “Mensageiro”, é normal que Teresa diga que se trate de um Mourisqueiro, no entanto, nem sempre é assim, ou seja, por vários anos, foi um cavaleiro trajado de Mourisqueiro a participar como Mensageiro, mas em alguns anos, o Mensageiro não terá usado trajes de Mourisqueiro. Aliás, atualmente, só é costume usar o casaco e o espadim, não usando calças nem barretina.

Sobre a Lenda, Teresa também escreveu sobre ela, tentando reproduzi-la de forma simples e resumida:

“Diz a lenda que na Serra de Cuca-Ma-Cuca, Hoje Serra de Santa Justa em Valongo, vivia uma tribo de Mouros que habitavam as ruínas das antigas minas de ouro, hoje denominadas de fojos cuja beleza rude e excêntrica é digna da maior admiração e onde se encontram ainda reminiscências das primícias da civilização e até dos tempos pré-históricos. O rei da tribo tinha uma filha, donzela ainda, que um dia adoeceu gravemente. O rei, na ância de salvar a sua única filha que via definhando de dia para dia, consultou os mais conhecidos sábios e feiticeiros da época. Foram baldadas as tentativas do pobre pai e a menina continuava a piorar. Certo dia o rei teve conhecimento dum feiticeiro que vivia na região hoje denominada de Sobrado e para lá se dirigiu. O feiticeiro era cristão, e aconselhou o rei a fazer uma promessa ao Santo que os cristãos adoravam e que fazia muitos milagres. Assim, embora

atraíçoando a sua fé, o Rei dos Mouros fez uma promessa que constava de várias mortificações. O milagre consumou-se, e o rei mandou reunir todos os seus súbditos, oferecendo-lhes um banquete no fim do qual houve danças e cantares.

Reconhecido ao santo resolveu invadir a capela, onde os cristãos faziam o culto religioso, e apoderar-se da imagem do santo. Travaram-se pequenas escaramuças entre Mouros e Cristãos, que não viram com bons olhos a decisão do rei dos Mouros, a quem estes passaram a chamar de Bugios. Certo dia travou-se renhida luta finda a qual o Rei Moeiro invadiu o castelo ocupado pelos Cristãos, aí prendeu o seu chefe, que apesar de implorar para que o libertassem foi levado para o acampamento dos Mouros.

Os Cristãos desesperados, não se conformaram com o que avia acontecido e conhecendo o terror que os Mouros nutriam pelas Serpes, colocaram uma enorme à entrada do acampamento do inimigo. Aconteceu o que os Cristãos haviam previsto, os Mouros aterrados com a visão daquele monstro fugiram espavoridos deixando em liberdade o Rei dos cristão também conhecido por Velho dos Bugios.

Vitoriosos, os cristãos dançaram durante horas seguidas dizendo, de vez em quando, “ó, ó o santo é nosso” e soltando gritos selvagens.”

Relativamente à lenda, esta segue o discurso habitual, existindo um erro, quando é referido *“decisão do rei dos Mouros, a quem estes passaram a chamar de Bugios.”* uma vez que se trata de uma confusão referente aos protagonistas. também se refere normalmente a existência de sábios e curandeiros e não feiticeiros como é mencionado.

A descrição da festa prossegue, agora com uma abordagem à indumentária dos Mourisqueiros. A única informação que importa transmitir é a utilização de espelhos nas barretinas, *“(...) de forma retangular, dispostos a meio e à volta do chapéu. É natural que a*

existência dos espelhos tenha a sua razão de ser mas o que é certo é que ninguém de Sobrado, mesmo as pessoas mais antigas, sabem o seu significado.” Seguem-se as indumentárias do Reimoeiro e dos Bugios.

Terminada a descrição dos trajes, procedeu à descrição dos rituais e danças dos Bugios e dos Mourisqueiros, nomeadamente o início das hostes às 8h00 da manhã em casa de cada um dos protagonistas.

Segue-se o jantar:

“Seguidamente vão almoçar ocupando mesas separadas porque, como inimigos que são, nunca se juntam. Estiveram seis fornos a trabalhar para o Jantar dos Bugios e Mourisqueiros onde não faltaram as tradicionais “Sopas secas” feitas com pedaços de pão trigo, água, açúcar e canela.”

Teresa referiu ainda que o jantar neste tempo era tradicionalmente realizado em casa do Reimoeiro. Creio que queria dizer antes em Casa do Velho da Bugiada. Atualmente, desde 2001, o jantar dos Bugios e Mourisqueiros ocorrem sempre na Casa do Bugio e do Mourisqueiro.

Relativamente aos rituais religiosos:

“Enquanto se realiza o jantar celebra-se a missa cantada em honra de S. João na Igreja Paroquial. Terminada a missa sai a procissão com os andores de S. João e do Santo André, padroeiro de Sobrado. Os andores são geralmente levados pelos Mouriscos a não ser que haja promessas de outras pessoas. Este ano ia um Mourisco amortalhado a agarrar ao andor (...). Um pouco à frente do andor do Santo André vai o Rei Moeiro com a espada erguida verticalmente rodeado pelos 2 guias. A procissão, depois de dar a volta ao recinto fronteiriço à igreja, recolhe.”

Atualmente a procissão é composta por três andores, Nossa Senhora, São João e Santo André e não tem havido civis a carregar os andores, pelo menos recentemente.

segue-se a descrição da dança de entrada, tanto dos Mourisqueiros quanto dos Bugios, mencionando ainda o “Caixa”, na altura o Sr. Fritoso, os músicos da Bugiada e a Banda de S. Martinho do Campo.



Andor de São João (Foto de Teresa André, 1964)

Aborda ainda os serviços da tarde, as entrajadas e a Dança do Doce. Sobre o doce, adiante que *“(...) tem a forma circular aproximadamente de seis centímetros de diâmetro e é feito de farinha, ovos açúcar e coberto por uma espécie de glacê.”* faz uma bonita descrição da Prisão do Velho, muito similar ao que ocorre atualmente. Destaca-se a cena da criança-bugio que foi comovente para quem assistia mas também para a autora que descrevia a festa.

Bibliografia

- Lorena, C. (2022) Antropológicas: Roteiro bibliográfico de uma festividade: o caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Consultado a 5 de outubro de 2025 em <https://bdigital.ufp.pt/entities/publication/6b67aafb-4cc1-43e7-ac2b-8646aac30d3>
- André, T. (1965). As Bugiadas do S. João em Sobrado-Valongo. Trabalho especial de Antropologia (ano lectivo 1964- 1965). Porto: Universidade do Porto

O trabalho incluiu as partituras usadas pela Banda de S. Martinho do Campo, nomeadamente o Hino de São João, a marcha “Josué Josué”, a “Verónica”, bem como uma fotografia da Banda.

A autora conclui com “Foi este meu trabalho, pobre mas sincero, no qual procurei interpretar tudo o que me foi dado observar e ouvir. Como já disse no início deste trabalho, muitas coisas não compreendi não consegui aprender o seu significado. Porém espero um dia, dia esse que já não se me afigura muito longe, poder ler e aplaudir o trabalho sobre as ‘Bugiadas de S. João’ em Sobrado, em que o meu querido Prof. Exm.º Sr. Dr. Santos Júnior anda empenhado. Nele sim, nele encontrarei tudo aquilo que agora me falta.” E assina no fim.

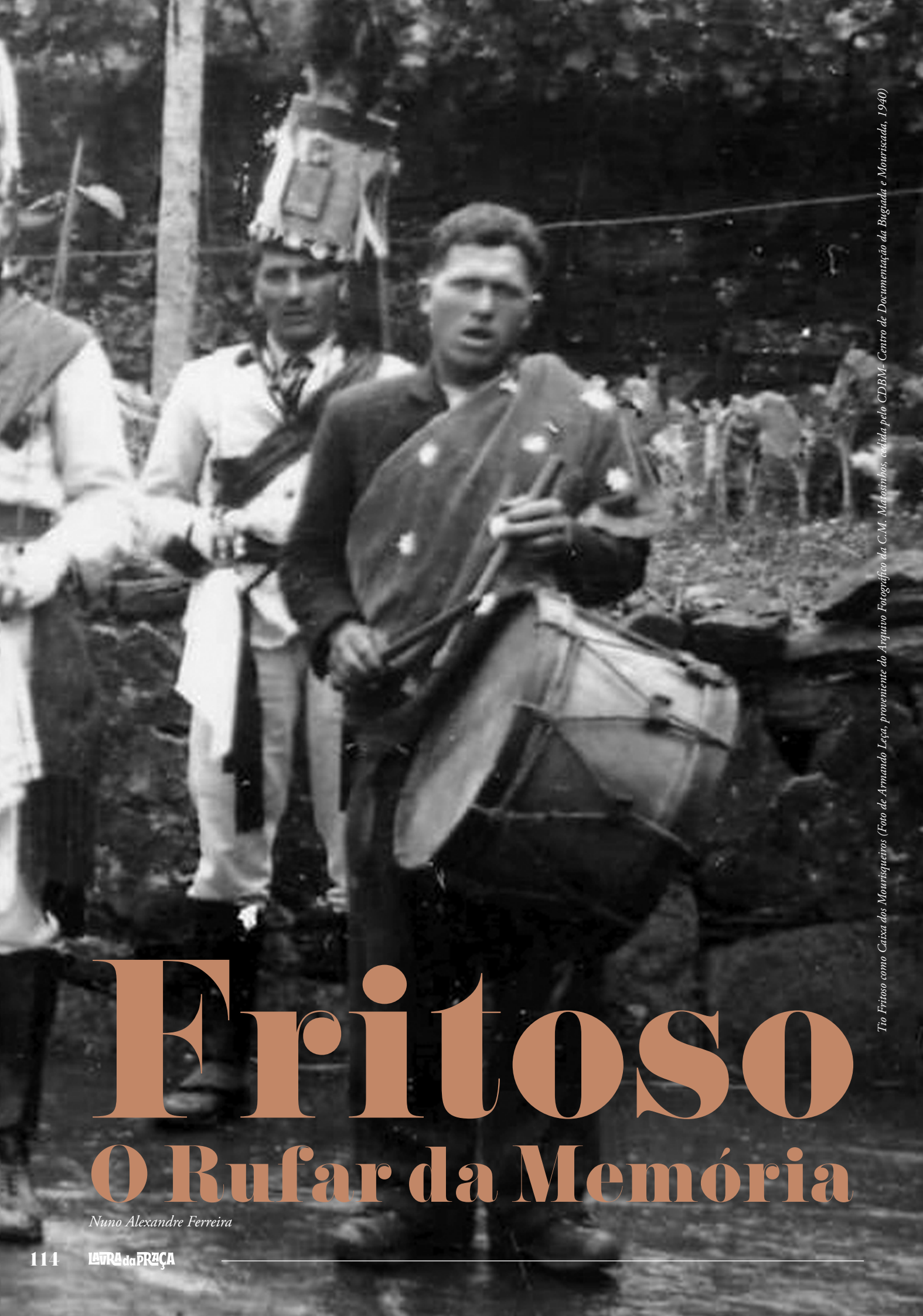
Teresa de Jesus de Moura André fez um trabalho notável que merece uma maior divulgação e estudo. As fotografias e informações recolhidas são parte da memória desta festa e como tal património imaterial da mesma. Seria importante, no futuro, conhecer mais esta autora, dado, em plena ditadura ter sido, irreverente e ousada, uma vez que conseguiu, num meio conservador e mais machista, encontrar a coragem e o engenho para se afirmar e afirmar o seu talento.



Procissão (Foto de Teresa André, 1964)



- A.- Fotografia 66- Bugios com moças de Sobrado de Cima (Foto de Teresa André, 1964)
 B.- Fotografia 68- Bugios no adro da Igreja (Foto de Teresa André, 1964)
 C.- Fotografia 70- Entrajadas (Foto de Teresa André, 1964)
 D.- Fotografia 69- Bugios com os músicos (Foto de Teresa André, 1964)
 E.- Fotografia 72- Bugio com boneca (Foto de Teresa André, 1964)
 F.- Fotografia 71- Bugio (Teresa André, 1964)
 G.- Fotografia 78- Bugios com a Serpe (Foto de Teresa André, 1964)
 H.- Fotografia 75- Mourisqueiros a executar dança (Foto de Teresa André, 1964)
 I.- Fotografia 73- Mensageiro (Foto de Teresa André, 1964)
 J.- Fotografia 74- Entrajadas (Foto de Teresa André, 1964)



Tio Fritoso como Caixa dos Mourisqueiros (Foto de Armando Leça, proveniente do Arquivo Fotográfico da C.M. Matosinhos, cedida pelo CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 1940)

Fritoso

O Rufar da Memória

Nuno Alexandre Ferreira

No coração de Sobrado, no concelho de Valongo, há um nome que continua a ecoar no compasso da Mouriscada: Joaquim Ferreira Vicente, mais conhecido como “Frutuoso” ou “Fritoso”. Durante mais de três décadas, o rufar da sua caixa marcou o ritmo de uma das festas mais emblemáticas do Norte de Portugal.

Nascido em Agrela, Santo Tirso, a 9 de fevereiro de 1885, às nove horas da noite, Joaquim cresceu entre a simplicidade do trabalho jornaleiro do pai, António Ferreira Vicente, e a costura da mãe, Maria de Oliveira. Mais tarde, casou em Sobrado, onde se fixou no lugar da Gandra e onde o destino o ligaria definitivamente à música e à tradição, por mais de 30 anos.

O homem por trás do tambor

Não era apenas um tocador. Frutuoso vivia a festa de alma inteira.

Casou com Carolina Martins de Oliveira a 18 de junho de 1908 na Igreja Matriz de Sobrado, tendo passado grande parte da sua vida em Sobrado, no lugar da Gandra. Após 34 anos de casamento, tornou-se viúvo, aquando do falecimento da sua esposa que ocorreu a 27 de setembro de 1942.

O som da sua caixa atravessou gerações, registado em fotografias e filmes de Armando Leça (1938/39), de Santos Júnior e até da RTP. Entre os anos 30 e 60, ninguém imaginava a Mouriscada sem o seu toque.

Teresa de Jesus Moura André, aluna de Santos Júnior, que fez um registo da festa do São João de Sobrado nos anos 60, refere que “O tamboeiro é o senhor Joaquim Frutuoso de oitenta e dois anos de idade, homem “nervosento”, porque a idade assim o [permite], segundo a opinião duma mulherzinha que o conhece desde miúdo. Toca há muitos anos e vive tudo isto de

alma e coração, com uma intensidade tal, que gosta de dirigir a dança, parar quando muito bem entender e fica furioso quando alguém se intromete. Apesar disto, sente-se cansado e ameaça deixar de tocar, facto que traz preocupados todos aqueles que se interessam pela realização desta festa, porque não encontram outro tamboeiro que desempenhe tão bem o seu papel.”

Teresa André, recorda-o como um homem “nervosento”, mas era também essa intensidade que o tornava insubstituível.

A despedida do mestre

Em 1964, aos 79 anos, Frutuoso tocou pela última vez. Passou a Caixa a José Barbosa Silva, o “Zé Malhado”, que aprendera o ritmo diretamente com ele. Cinco anos depois, a 16 de abril de 1969, partiu, deixando um vazio no coração da festa. Mas até no fim pensou na tradição: pediu ao sr.

José Marujo, nome incontornável do São João de Sobrado e agente funerário, para ser sepultado junto ao adro da Igreja Matriz de Sobrado, onde todos os anos concluía a sua missão na Dança do Santo. E assim foi.

Um legado que ressoa

Hoje, a caixa do “Tio Fritoso” faz parte do espólio da Associação São João de Sobrado, estando exposta no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada. Não é apenas um instrumento — é a prova viva de como um homem simples, vindo de raízes humildes, pôde marcar para sempre a memória coletiva de um povo.

E talvez, quem passa pelo cemitério de Sobrado em junho, jure ouvir, misturado ao som das caixas que ainda ecoam, o velho Frutuoso a marcar o compasso, teimoso e apaixonado, como sempre foi.

Bibliografia

- Agrela, Paróquia de (1875-1885) Registo de Batismo de Joaquim Ferreira Vicente. Sobrado: Livro de registos de batismos, consultado online em <https://tombo.pt/f/sts01>
- Alge, Bárbara (2010) Die Performance des Mouro in Nordportugal. VWG: Berlim (Alemanha)
- André, Teresa Moura de Jesus (1965) - As bugiadas do S. João em Sobrado-Valongo. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
- Araújo, M. C. da C. (2004). Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho. O S. João de Sobrado-Valongo. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto
- Sobrado, Paróquia de (1969) Registo de falecimento de Joaquim Ferreira Vicente. Sobrado: Livro de registos de Óbitos

Velho da Bugiada com canhão no palanque

Nuno Alexandre Ferreira

A Festa de São João de Sobrado é uma das expressões mais singulares do património imaterial português. Para além da vivência anual, são as memórias preservadas — relatos, registos escritos e, sobretudo, imagens — que permitem compreender a evolução da festa ao longo das décadas. Um exemplo precioso dessa preservação foi partilhado em junho de 2007 pelo professor Manuel Pinto, da Universidade do Minho, natural de Sobrado e um dos investigadores mais conceituados sobre a Bugiada e Mouriscada.

No seu blog Bugios e Mourisqueiros (bugiosemourisqueiros.blogspot.com), Manuel Pinto divulgou duas fotografias históricas, cedidas para digitalização por Ângelo da Bica, que constituem verdadeiras raridades no estudo da festa. O académico escrevia então:

“Prosseguimos a divulgação de fotos antigas da Festa de S. João de Sobrado. Estas foram cedidas para digitalização por Ângelo da Bica. Têm, seguramente, mais de 50 anos. O Velho que nelas aparece é o falecido Augusto da Munha. Há uma senhora, em Sobrado, que é filha dele e tem a bonita idade de 85 anos.”

Essas imagens, com mais de meio século, revelam muito mais do que simples recordações familiares. Elas oferecem pistas preciosas sobre as transformações visuais e cénicas da festa ao longo do tempo.

Na sua análise, Manuel Pinto destacou detalhes que poderiam passar despercebidos a um observador menos atento, mas que dizem muito sobre a dinâmica e a evolução da tradição:

“Dois pontos curiosos que estas fotos revelam, ambas relacionadas com o Velho: em primeiro lugar, ele usa uma capa por cima do manto, o que não acontece hoje em dia. Por outro lado, ele surge a empunhar um ‘canhão’ no seu castelo, o que também não acontece actualmente (a não ser que tenha sido apenas pose para a fotografia). Outro pormenor: o castelo dos Bugios parece ter umas guardas bastante mais baixas do que aquelas que costumamos ver no Passal.”

São observações aparentemente pequenas, mas que revelam muito. A capa sobre o manto mostra que a indumentária, embora enraizada na tradição, já sofreu ajustes ao longo das décadas. O misterioso “canhão” empunhado pelo Velho levanta a questão de se teria sido apenas um recurso cénico momentâneo ou se fazia parte de práticas já desaparecidas. Já a estrutura do palanque dos Bugios, com guardas mais baixas, demonstra que até os elementos arquitetónicos da representação se foram transformando com o tempo.

O valor destas fotografias reside não apenas no seu carácter estético ou documental, mas no facto de representarem uma memória em movimento. A Festa de São João de Sobrado, apesar de profundamente enraizada na identidade local, não é estática: adapta-se, reinventa-se, molda-se às circunstâncias sociais, tecnológicas e culturais de cada época.

Nesse sentido, a divulgação feita por Manuel Pinto em 2007 constitui um gesto fundamental de salvaguarda patrimonial. Ao tornar públicas imagens guardadas no seio da comunidade, o investigador contribuiu para que a memória coletiva ganhasse novas camadas de interpretação e estudo. Mais do que registos de um passado distante, estas fotografias permitem refletir sobre como a tradição se renova sem perder a sua essência.

E, tal como nas palavras do professor sobradense, estas memórias só fazem sentido quando partilhadas com a comunidade — porque a tradição, afinal, só existe se for vivida, lembrada e reinventada por todos.

Bibliografia

- Pinto, Manuel (2007) – Mais fotos para a memória da festa. Consultado a 10 de outubro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2007/06/mais-fotos-para-memria-da-festa.html>

O eterno Velho da Bugiada

André da Munha

Nuno Alexandre Ferreira

Entre as memórias vivas da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, um nome ecoa com especial carinho: André Pinto de Sousa, o inesquecível Tio André da Munha. Nascido em 1906, em Sobrado, filho de André Pinto de Sousa e Lucinda da Rocha, casou com Ana Rita Moreira da Silva (1906–1985).

Sobre a sua vida pessoal pouco se sabe, mas na história da Bugiada o seu nome ocupa um lugar luminoso. Foi um dos Velhos da Bugiada mais amados, ao lado de figuras lendárias como Adelino Dias, o querido Tio Maninho.

No que diz respeito à Bugiada, são inúmeras as histórias a ele associadas, como ter sido preso pelo seu filho Fernando (possivelmente em 1961 e em outros anos). Mas antes disso, um dos momentos mais bonitos e relevantes para a família terá sido a passagem de testemunho e legado entre Augusto da Munha e André da Munha. Segundo a Tia Dolores: “Augusto da Munha era tio do meu pai e pediu-lhe para ele ir de Velho da Bugiada porque ele já não tinha as forças de antigamente. Ele até se pôs no meio das doceiras para fugir da serpe.”

Manuel Pinto, no seu blog bugiosemourisqueiros.blogspot.com, em 2008 escreveu dois artigos sobre as memórias acerca do Tio André da Munha.

“André da Munha foi talvez o Velho da Bugiada que mais tempo ocupou o lugar. Diz-se que mais de 20 vezes. Era ele que pontificava nos anos 60. E não haverá quem não reconheça que fazia o papel como muito poucos. (...)”

“Ainda relacionado com o tempo do Velho da Bugiada que foi André da Munha (anos 50 e 60 do

século passado), vale a pena conhecer uma outra história vivida e contada por seu filho Fernando. Conta este que, ainda criança, vivia com emoção a participação de seu pai como a principal figura da Bugiada. E no dia de S. João lá ia ele para a festa, pela mão da mãe ou de outro familiar. Acontecia, porém, que, ao ver o seu pai a ser apanhado e levado prisioneiro pelo Reimoeiro, e a despedir-se de pequenos bugios com gestos de desolação, ele próprio começava a chorar com pena por aquilo que via. E regressava da festa triste por não ter visto o pai vitorioso (quando, na realidade, ele até acabava por ser libertado, mas já fora do alcance da vista, em lugar de alguma confusão, a que muitos pais não levavam os mais pequenos).”

Outro momento emocionante foi quando André da Munha foi aprisionado pelo seu afilhado e Reimoeiro, André Marujo em 1972.

Foram inúmeras as gerações de Bugios, Mourisqueiros e Reimoeiros que conviveram com o Tio André. A sua filha referiu que “ele começou muito cedo... era novo.” Ele usava uma máscara muito característica e a imponente estatura aliada à teatralidade dos seus movimentos e gestos ainda hoje ecoam na memória de tantos Bugios.

André Pinto de Sousa faleceu a 6 de maio de 1988 no Hospital de São João no Porto. Foi sepultado em Sobrado, com funeral presidido pelo Padre Agostinho de Freitas, tendo sido uma despedida serena de um homem que encarnou, com alma e devoção, o espírito da Bugiada. Que a sua paixão, dedicação e exemplo permaneçam nas reminiscências do tempo.

Bibliografia

- Pinto, Manuel (2008) – Memórias do tempo de André Munha (1). Consultado a 11 de outubro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/06/memrias-do-tempo-de-andr-da-munha-1.html>
- Pinto, Manuel (2008) – Memórias do tempo de André Munha (2). Consultado a 11 de outubro de 2025 em <https://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/search/label/Andr%C3%A9%20da%20Munha>
- Sobrado, Paróquia de (1906) Registo de Batismo de André Pinto de Sousa. Sobrado: Livro de registos de Baptismos
- Sobrado, Paróquia de (1988) Registo de falecimento de André Pinto de Sousa. Sobrado: Livro de registos de Óbitos



Velho Maninho sem máscara (Foto de Cidália Maninho, s/d)

Maninho

entre paixão e a eternidade

Nuno Alexandre Ferreira

Há nomes que ultrapassam a remiscência e o tempo, transformando-se em símbolos. No São João de Sobrado, um desses nomes é o de Adelino Dias, o inesquecível “Maninho”, filho de José Joaquim Dias e de Rosa da Silva. Nascido a 22 de fevereiro de 1921 e falecido a 20 de outubro de 2004, o seu percurso não se conta apenas em datas: conta-se em passos de dança, em mantos e máscaras, em memórias que ainda hoje ecoam pelas ruas de Sobrado.

Entre as décadas de 50, 60 e 70, Maninho encarnou o papel mais aguardado da festa: foi Velho da Bugiada durante 19 anos. De imponência rara, teatralidade arrebatadora e uma energia que ainda hoje é evocada com respeito e admiração, foi descrito por muitos como o mais carismático Velho da sua geração, rivalizando em memória com figuras lendárias como André da Munha e Augusto da Munha.

Poucos terão esquecido a sua atuação em 1974, ano do primeiro São João após o 25 de Abril. Sob chuva torrencial, foi o Tio Maninho quem liderou a hoste cristã. O peso simbólico daquele momento – um Velho em plena transição política e social – assinala também o princípio do encerramento de sua inigualável participação como protagonista da Bugiada, que se completou em 1976, o seu último ano.

Ainda hoje, nem todos os anos da sua presença estão identificados, mas a verdade é que pouco importa: bastam os registos conhecidos (1953, 1957?, 1964,

1965, 1970, 1974 e 1976) para perceber a dimensão de uma figura que não se repetirá.

A entrevista que se tornou documento histórico



Maninho preso pelo Reimoeiro (Foto de Cidália Maninho, s/d)



Velho Maninho e a Bugiada (Foto de Cidália Maninho, s/d)

Entre 2002 e 2004, Maria Cristina da Cunha Araújo, na sua dissertação de mestrado “Bugios e Mourisqueiros – o outro lado do espelho (O S. João de Sobrado – Valongo)”, teve o cuidado de registar a memória viva de Maninho. A autora não só o entrevistou como lhe agradeceu publicamente:

“ao Sr. Adelino Dias, o «Maninho», o Bugio mais antigo de Sobrado, pela paciência e beleza da sua descrição sobre a «Bugiada» que lhe vai na alma e de nos fazer acreditar que valia a pena este estudo.”

A entrevista aconteceu de forma bastante corriqueira e simples. Referiu a autora que “Em Sobrado, recolhemos a informação no «tasco do Zé do Cabo», junto do «Velho» mais carismático da «Bugiada», o Sr. Maninho (onde só a nossa presença e a da taberneira eram femininas) numa aragem impregnada pelo cheiro a vinho que apurava qualquer papila gustativa; dos bagaços curtos e bebidos a um só trago; do cheiro dos «moletes» de presunto; do zumbido circular e repetitivo das moscas;” Maninho falou sem rodeios. Quando questionado sobre a presença de mulheres na festa, respondeu com franqueza:

“Tradicionalmente a Bugiada era uma festa só de homens, onde não entrava nenhuma mulher. Só

depois do 25 de abril é que se viu tal coisa! Foram para os Bugios, porque como andavam mascaradas não são conhecidas, mas não deveriam entrar.”

Palavras que espelham o pensamento de uma geração marcada por tradições rígidas, mas que também revelam o contraste entre a força das memórias individuais e a transformação social que o São João foi atravessando.

Relativamente ao manto do Velho da Bugiada, a autora escreveu “O «Velho» tinha o direito de escolher as melhores vestes «litúrgicas» concedidas pelo abade da paróquia: as cortinas da igreja paroquial de Sobrado.” Segundo o Sr. Maninho,

“junto à porta da Igreja, abria os braços de um lado ao outro e a minha mulher e minha filha, durante duas ou três horas, coziavam-me de modo a confecionarem o manto do «Velho» de cor de escarlate”

O resultado era uma figura imponente, vestida em rubro, que dominava a cena da festa com autoridade e teatralidade.

Sobre a eleição para Velho, tão disputada e sensível em Sobrado, Maninho explicou com orgulho o caminho exigente:

“Para se ir de «Velho» tem que se passar primeiro por Bugio, depois pelos rabos e depois pelos guias. Para se ir de «Reimoeiro», que eu nunca fui, manda a tradição ser Mourisqueiro, depois rabo, meio e guia. Mas como o tio Augusto da Munha, ainda não apareceu nenhum.”

Hoje a realidade é diferente. Existe um Conselho de Velhos da Bugiada, integrado na Associação São João de Sobrado e que define os critérios e requisitos para a eleição do Velho, o procedimento da eleição bem como o momento da mesma.

Já sobre as Comissões de Festas, dizia com clareza:

“Antigamente não era como hoje em dia, o juiz nomeado era, geralmente, um lavrador abastado, pois mataria um touro para o jantar. (...) Eu, Maninho, por exemplo, nunca fui juiz nem per-

tenci a qualquer comissão, pois não tinha posses para semelhante tarefa. Só queria era dançar, e olhe, com as minhas pernas, não havia ninguém que me parasse ou fizesse frente. Aguentava tudo! Corria por aí abaixo que ninguém me apanhava!”

Maninho não foi apenas um Velho. Foi um corpo dançante que deu vida ao mito, um guardião da tradição que soube gravar a sua presença na memória coletiva. Hoje, o seu nome continua a ser evocado com respeito – não apenas pela imponência da sua dança, mas pelo modo como encarnou a festa em toda a sua intensidade.

A Bugiada e Mouriscada é, no fundo, teatro ritual de uma comunidade inteira. Mas, em certas épocas, há protagonistas que parecem carregar sozinhos o peso da eternidade. Adelino Dias foi um deles.



O ano da chuva torrencial (Foto de Diogo Oliveira, 1974)



Velho Maninho (foto de Cidália Maninho, s/d)



Velho Maninho no jantar, Prensa-bar (foto Cidália Maninho, 1976)



Jantar da Bugiada (foto Cidália Maninho, s/d)

Bibliografia

- Araújo, M. C. da C. (2004). Bugios e Mourisqueiros: o outro lado do espelho. O S. João de Sobrado-Valongo. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto
- Sobrado, Paróquia de (1921) Registo de Batismo de Adelino Dias. Sobrado: Livro de registos de Baptismos
- Sobrado, Paróquia de (2004) Registo de falecimento de Adelino Dias. Sobrado: Livro de registos de Óbitos
- Alge, Bárbara (2010) - Die Performance des Mouro in Nordportugal. VWG: Berlim (Alemanha)



Caravana de Paços de Ferreira interrompe Prisão do Velho

Nuno Alexandre Ferreira

Poucos nomes se cruzam de forma tão íntima com a alma da Bugiada e Mouriscada como o de **Fábia Pinto**. Desde criança, respirou o ambiente mágico desta tradição sobradense — primeiro por herança familiar, depois por paixão assumida. Foi através da escrita que encontrou a melhor forma de eternizar memórias e lendas, abrindo no seu blogue *estoriasdaminhaterra.blogs.sapo.pt* uma verdadeira janela para o imaginário coletivo de Sobrado.

Entre 2007 e 2010, Fábia partilhou dezenas de histórias, sempre ricas em detalhes e no calor da oralidade local no seu blog, e muitas outras nas redes sociais. Mas se há um tema que jamais abandonou o seu coração de cronista, foi o São João de Sobrado, festa maior, onde o sagrado e o profano se misturam numa encenação vibrante.

Um dos episódios mais enigmáticos surgiu a 6 de junho de 2007, quando Fábia publicou um artigo que deixou muitos leitores intrigados: a suposta interrupção da Prisão do Velho — momento central da Bugiada e Mouriscada — nos anos 70, alegadamente provocada por uma caravana desportiva vinda de Paços de Ferreira. A cena, digna de um guião cinematográfico, permanece envolta em mistério. Terá realmente acontecido? Ou será apenas mais uma lenda que o povo guardou e reinventou ao longo das décadas?

O certo é que a história nunca foi confirmada. Mas, como bem sabemos, nas tradições populares a linha entre realidade e mito é sempre ténue. E, como diz o velho ditado, “onde há fumo, há fogo”. A crónica de Fábia Pinto resiste no tempo como um convite à dúvida, à pesquisa e, sobretudo, à imaginação. Assim, aqui fica a transcrição deste artigo:



A Bugiada (foto cedida por José Alexandre Vale, 2025)

Bugios e Mouros em fúria

“Os bugios são conhecidos pela sua irreverência e pela sua audácia. Esta estória é a prova disso mesmo. Aconteceu há uns anos (largos) e preconiza, não só essa audácia, mas também o amor e a importância dada à festa pelos sobradenses.

Dia de S. João, o Paços de Ferreira sagra-se campeão de futebol. Fazem cortejo, e tentam atravessar Sobrado. Hora - prisão do velho. Os bugios assistem emocionados a mais uma Prisão do Velho. Os adeptos vêm eufóricos pela vitória. Insistem em passar pelo meio da festa. Má escolha. Bugios e Mourisqueiros revoltam-se por verem a festa “invadida”. Arraial de porrada. Diz quem viu, bugios a pegarem em carros a peso e a arrumá-los para a berma, ombros de ferro que não deixam passar ninguém, e a cena mais espectacular (para mim, e para quem me contou) o Reimoeiro que enfia o espadim pelo vidro aberto do motorista do autocarro, obrigando-o

a recuar. O espadim ao que parece fez uma tangente à cabeça do motorista. Resultado, debandada da equipa do Paços, prossegue normalmente a prisão. Nunca mais caravana alguma se atreveu a passar a terra a meio da Prisão do Velho.

P.S- quem me contou a estória tinha à data 12/13 anos (hoje 47), era bugio, e contou-me a estória com um brilho nos olhos próprio de quem “vive” a festa e lhe tem uma paixão incondicional.”

Pela referência ao período temporal, pode-se indicar os finais dos anos 60 e inícios dos anos 70 como data provável deste suposto acontecimento. Pela pesquisa feita, o Paços de Ferreira foi campeão da II Divisão Regional da AF Porto em 1968, subiu à III divisão nacional a 17 de junho de 1973 e a 14 de julho de 1974 foi campeão da III divisão nacional. Em nenhum destes anos é conhecida alguma comemoração ocorrida a 24 de junho, mas é possível que possa ter ocorrido.

Bibliografia

- Ferreira, F.C.P. (2023) A história do FC Paços de Ferreira 1950 – 2022. Consultado a 23 de outubro de 2025 em <https://www.fc-pf.pt/a-historia-completa-do-fc-pacos-de-ferreira/#:-:text=O%20aparecimento%20do%20jovem%20Pimenta%2C%20em%201966/67%2C,divis%C3%A3o%2C%20a%2016%20de%20Junho%20de%201968>.
- Pinto, F. (2007) Bugios e mouros em fúria. Consultado a 23 de outubro de 2023 em <https://estoriasdaminhaterra.blogs.sapo.pt/12320.html>

O Sobreiro Ardido

No coração de Sobrado, o Largo do Passal guarda a memória de um gigante silencioso que em tempos ali se erguia: o sobreiro.

Nuno Alexandre Ferreira

Esta árvore, símbolo maior da resistência e da ligação entre o homem e a terra, dava sombra e presença a um espaço que, outrora, estava povoado por muitos outros da sua espécie.

O sobreiro é mais do que uma árvore. É herança viva do nosso território, guardião das paisagens do Ribatejo e do Alentejo, mas também presença marcante no quotidiano de tantas aldeias e vilas portuguesas. Da sua casca nasce a cortiça, um dos tesouros mais nobres que a natureza oferece, e da sua bolota alimenta-se o porco de montado, tão enraizado na cultura gastronómica do sul do país. A sua madeira aquece lares e corações. Vive séculos – entre 250 a 300 anos –, atravessando gerações com a serenidade de quem já viu passar o tempo e continua, firme, a resistir.

Originário do sudoeste da Bacia Mediterrânica, o sobreiro é um carvalho de folha persistente que escolheu solos pobres e duros para florescer. À imagem do povo que o protege, aprendeu a resistir ao calor escaldante, à escassez de água e às dificuldades. Não admira que, em 2011, tenha sido reconhecido pela Assembleia da República como Árvore Nacional de Portugal, um título merecido

que vem apenas formalizar aquilo que o nosso imaginário popular sempre soube: o sobreiro é nosso, e nós somos dele.

A origem da Dança do Sobreiro perdeu-se no tempo, desconhecendo-se quando surgiu ou o que significava no seu início, mas sabe-se, com certeza, que continua a acontecer no mesmo local onde, até à década de 60, crescia um majestoso sobreiro. Ali, a dança repete-se, ano após ano, como uma homenagem silenciosa a esta sentinela da natureza.

Na fotografia partilhada por Joaquina Silva e referente ao Largo do Passal é possível compreender a fisionomia do Largo do Passal, da grandiosidade do Sobreiro então existente sobre um triângulo em pedra.

Mas nem os mais fortes estão imunes à tragédia. No início dos anos 60, um camião carregado com queiró – pertencente ao sr. Generoso Ferreira das Neves – incendiou-se junto ao sobreiro. Diz-se que foi acidente; outros falam em intenção. O que é certo é que o fogo consumiu o velho gigante, que acabou por secar e morrer. Teresa André de Jesus, no seu trabalho “As Bugiadas do S. João no Sobrado-Valongo”, refere que “(...) dan-



O Sobreiro sendo removido (foto partilhada por Joãozinho Silva, 1963)

ça do Sobreiro (...) ligada à existência de um sobreiro, naquele local, que foi abatido há três anos e cujo diâmetro era tal que eram precisos quatro ou cinco homens de mãos dadas para o abraçarem.” segundo estas indicações, este episódio ocorreu em 1962.

No ano seguinte, em 1963, o toro que restava foi removido uma vez que havia quem atirasse bombas de Carnaval para dentro dele, ameaçando a segurança e desrespeitando a memória.

No entanto, as raízes simbólicas nunca morreram. E em tempos mais recentes, um novo sobreiro foi plantado no Largo do Passal. Mais do que uma árvore, é um gesto de reconciliação com o passado, de esperança para o futuro. É a continuidade de uma tradição, a prova de que a memória pode ser regada e fazer renascer aquilo que parecia perdido.

Ali, entre o murmúrio das festas e o silêncio dos dias comuns, o novo sobreiro cresce. E com ele, cresce também a história de Sobrado – onde a natureza e a cultura dançam lado a lado, e onde a sombra de um passado orgulhoso continua a abrigar os sonhos de um povo.



O Passal nos anos 50. Fotografia de Joaquina Silva, anos 50

Bibliografia

- André, Teresa Moura de Jesus (1965) - As bugiadas do S. João em Sobrado-Valongo. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
- Tiago, P. (2025) Sobreiro. Consultado a 20 de outubro em <https://brigadadafloresta.abaae.pt/sobreiro/>
- Biodiversidade (2025) Sobreiro. Consultado a 20 de outubro de 2025 em <https://biodiversidade.com.pt/biogaleria/sobreiro/>
- Diasen (2023) Sobreiro. Consultado a 20 de outubro de 2025 em <https://www.diasen.com/pt-pt/sobreiro/>
- Amorim, C.S. (s/d) O Sobreiro. Consultado a 20 de outubro em <https://amorimcorksolutions.com/pt/porqu%C3%AA-a-corti%C3%A7a/factos-e-curiosidades/o-sobreiro/>

A Casa do Povo e a festa

Nuno Alexandre Ferreira



Criadas durante o Estado Novo, as Casas do Povo nasceram como organismos de apoio à população rural portuguesa. Pensadas como “o lar coletivo da gente do campo”, tinham como missão promover o bem-estar social, económico e cultural das comunidades, funcionando como centros de convívio, educação e solidariedade.

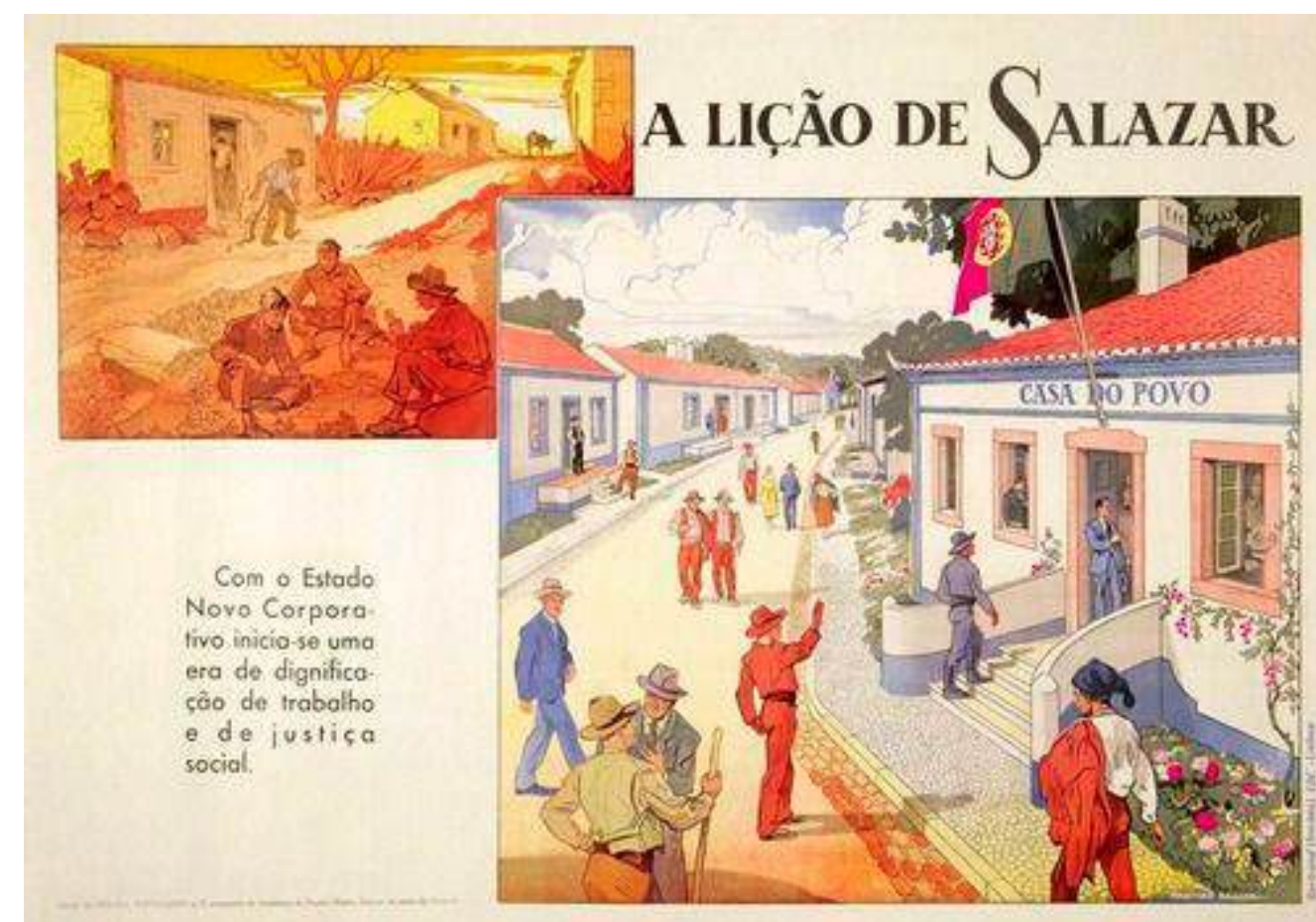
Mais do que simples associações, eram também instrumentos do regime para aproximar proprietários e trabalhadores, dissolvendo — pelo menos simbolicamente — as fronteiras entre classes sociais. Autores como Pedro Teotónio Pereira, Rebelo de Andrade e Trigo de Negreiros foram figuras centrais na sua estruturação, orientando-as entre a previdência social, a cultura e a promoção de uma identidade nacional inspirada nos valores rurais.

Nos anos 1940, a Junta Central das Casas do Povo procurou sistematizar esta ação através de programas

culturais que incluíam atividades recreativas, ensino básico, bibliotecas, museus etnográficos, cinema educativo e grupos musicais e folclóricos. Assim, a cultura popular era vista como um instrumento de educação e coesão social — um modo de reforçar a ligação entre o regime e o povo.

Com o fim do Estado Novo, as Casas do Povo perderam o seu caráter corporativo e tornaram-se, em muitos casos, instituições de solidariedade social (IPSS). Hoje, continuam a desempenhar um papel relevante nas comunidades locais, gerindo lares, creches, centros de dia e atividades culturais e desportivas.

Entre o legado autoritário e a função comunitária, as Casas do Povo permanecem como símbolos de um Portugal rural em transformação, espaços onde a tradição e a solidariedade ainda se encontram.



A Lição de Salazar (Ministério da Educação Nacional, 1938)

O Estado Novo e a construção de uma nação disciplinada

As primeiras décadas do século XX marcam um dos períodos mais decisivos da história contemporânea portuguesa. Foi um tempo de rutura e reconstrução, que redefiniu o país em quase todas as dimensões — política, económica, social, cultural e, de forma particularmente significativa, arquitetónica.

A viragem deu-se a 28 de maio de 1926, com o golpe militar que pôs termo à instabilidade da Primeira República. A revolução dissolveu partidos e instituições democráticas, instaurando uma Ditadura Militar e uma Constituição provisória. O processo culminaria em 1933, com a promulgação da nova Constituição e a criação formal do Estado Novo, liderado por António de Oliveira Salazar.

Sob o comando de Salazar, Portugal transformou-se num Estado corporativo e autoritário, que procurava organizar a sociedade segundo princípios de hierarquia e harmonia social. O corporativismo, inspirado em modelos europeus de matriz fascista, foi apresentado como via intermédia entre o capitalismo liberal e o socialismo — uma forma de “unir” trabalhadores e patrões sob a tutela do Estado.

Foi através dessa organização corporativa que o regime aprofundou também a sua política cultural. Em 1935, foi criada a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), destinada a enquadrar o tempo livre dos trabalhadores. A FNAT inspirava-se abertamente em organismos estrangeiros como a Kraft durch Freude (Alegria pelo Trabalho) nazi e a Opera Nazionale Dopolavoro italiana, com os quais manteve contacto até ao início da Segunda Guerra Mundial. Tal como os seus congéneres, pretendia transformar o lazer em instrumento de disciplina e mobilização ideológica.

Apesar das semelhanças com o fascismo de Mussolini, o Estado Novo nunca se assumiu como tal. Salazar preferiu projetar a imagem de um regime “moralista

e católico”, distinto dos excessos totalitários, mas que, na prática, controlava a vida política e social com mão firme. O corporativismo tinha uma função clara: neutralizar o poder reivindicativo dos trabalhadores e evitar o conflito entre classes, garantindo a estabilidade social através da obediência e da autoridade.

Neste contexto, surgem as Casas do Povo, organismos corporativos dirigidos por Pedro Teotónio Pereira. Criadas para representar e enquadrar o mundo rural dentro da estrutura do Estado Novo, tornaram-se símbolos da penetração do regime nas comunidades locais

As Casas do Povo inicialmente constituíam-se como organismos primários fundamentais da organização corporativa, tendo por objetivo apoiar social, cultural, educacional e sobretudo, economicamente a população rural do território português. “A Casa do Povo é o centro de convivência da gente rural, o seu lar colectivo, seu instrumento de representação, seu núcleo polarizador de iniciativas de interesse geral”.

Representaram, diretamente, a vida rural e tudo o que nela acontecia: trabalho, educação, assistência, ajuda social e desenvolvimento da população. Es-



Rancho da Casa do Povo de Sobrado (foto do jornal Últimas Notícias, 1977)

tas instituições pretendiam, também, aproximar os proprietários e os trabalhadores rurais, consolidando a relação entre todos os habitantes, pois a Casa do Povo devia ser o espaço que dissolve as distinções de fortuna, privilégio ou classes sociais.

As Casas do Povo geraram, simbolicamente, uma relação próxima entre o regime e o povo, o que permitiu que existisse a chamada “identidade nacional”, pois estas eram encaradas como a “criação ideal” da própria institucionalização corporativa rural. Estes estabelecimentos, num sentido mais institucional, eram considerados entre todos os organismos corporativos como “a concepção mais portuguesa e mais adequada à nossa vida tradicional”.

Com a intenção de promover a cultura dos órgãos primários rurais, Castro Fernandes, presidente da JC-CP(Povo) em 1945, pretendia articular a Junta Central com as Casas do Povo, pelo que para alcançar este propósito seria importante a “definição de um programa”, onde setorizasse de forma explícita os modelos culturais, sendo a construção destes, competência de superiores e deixando o desenvolvimento prático a cargo das Casas do Povo. Este programa incidiu sobre a concretização de:

- Atividades recreativas, como jogos de diversas espécies, concursos e certames, mas sempre dentro das tradições da população;
- Instrução à população rural (sócios e filhos), através de criação de escolas ou postos de ensino;
- Criação de pequenas bibliotecas, para tentar resolver o problema da leitura do povo;
- Constituição de um museu rural (museu etnográfico) de forma a expor alguns objetos de arte regional;
- Utilização do cinema, mas apenas como instrumento de cultura e educação popular;
- Constituição de grupos dramáticos, orfeões e grupos corais, ranchos folclóricos e tunas, fanfarras e filarmónicas;

- Desenvolvimento da cultura física dos seus associados”.

A iniciativa cultural oficial era entendida, neste contexto ideológico, como uma fórmula congregadora da “ação educativa” e da “cooperação social”, abrangendo inúmeras áreas de intervenção.

Com o fim do Estado Novo, as Casas do Povo perderam o carácter de sindicatos obrigatórios bem como a missão de cultivar a mente do povo, de acordo com os preceitos do regime. Algumas sobreviveram, adaptando-se aos novos tempos, enquanto outras permanecem apenas na memória das gerações que viveram o salazarismo.

A Casa do Povo de Sobrado e a Festa de São João

Na década de 40, em plena 2ª guerra mundial e com o Estado Novo já consolidado, foi fundada a Casa do Povo de Sobrado- Associação Recreativa, Cultural e de Fomento Social, em 1943, tendo esta instituição ficado sediada num antigo barracão.

A aposta cultural da associação incidiu bastante sobre o seu rancho folclórico, criado em finais dos anos 50 (e atualmente já desaparecido) através do qual divulgou, de norte a sul do País, em festas, romarias e festivais, os usos, costumes e tradições da freguesia de Sobrado. Os trajes e modas resultaram de recolhas feitas junto da população mais idosa, pelo que os trajes eram réplicas fiéis dos que existiam na comunidade de Sobrado.

Quase duas décadas depois da criação da Casa do Povo, o antigo barracão onde estava sediada foi substituído por um belíssimo edifício, com uma arquitetura um pouco ao estilo português suave, característico do salazarismo. Teve inauguração, no início dos anos 60, possivelmente a 4 de fevereiro de 1962, pelo Ministro das Corporações e Previdência Social, Prof. Doutor Gonçalves Proença.



Jantar em casa do Póvoas, presidente da Casa do Povo (foto de Arnaldo Fernandes, finais dos anos 60)

Com a afirmação e crescimento da Festa de São João de Sobrado, a Casa do Povo teve um papel ativo na sua organização. Foi um espaço de eventos para angariação de fundos para a Festa de S. João, mas também a própria instituição foi responsável pela organização da festa, tendo o seu presidente, Sr. Póvoas, sido juiz da festa, pelo menos em 1969.

Já depois do 25 de Abril nele funcionou o Centro de Saúde, mantendo-se, no entanto, como espaço de referência para a realização de eventos para angariação de fundos para a festa de S. João, ou mesmo para reuniões de comissões de festas ou de assuntos sobre a Bugiada, como ocorreu em 1982, a propósito do FITEI- Festival Internacional do Teatro de Expressão Ibérica, participação coordenada por Fernando Queiróz.

Com a inauguração do novo Centro de Saúde de Sobrado, o edifício da Casa do Povo perdeu grande parte da sua utilização, entrando num processo de degradação. Por iniciativa de Carlos

Mota na Junta de Freguesia de Sobrado e com o apoio de fundos europeus, deu-se início em 2013 a profundas obras de remodelação do edifício para albergar a Casa das Artes de Sobrado. Esta intervenção conferiu uma nova leitura arquitetónica, mas moderna e simplista, tendo sido inaugurada dois anos depois, a 28 de março de 2015, por Alfredo Sousa (Presidente da Junta de Freguesia de Campo e Sobrado) e José Manuel Ribeiro (Presidente da Câmara Municipal de Valongo).

Desde os inícios de 2024 e após formalização de um protocolo com a Junta de Freguesia de Campo e Sobrado, a ASCS- Associação Social e Cultural de Sobrado, ficou responsável pela valorização cultural deste espaço. O presidente da associação, Paulo Figueiredo referiu ao Jornal Novo Regional que *“A antiga Casa do Povo foi um polo fundamental na vida da comunidade. As sessões de cinema (de Cowboys ou Indianos) marcaram uma geração que teve o primeiro contacto com esta arte neste espaço. Foi também discoteca e o teatro que aqui se fez também marcou uma era. Enfim, grande parte das gerações de 70/80 e até 90 tem uma história para contar com algo que se passou na Casa do Povo.”*



Maqueta da Casa das Artes de Sobrado (foto de <https://jbarbosa-lencastre-arquitectos.blogspot.com/>, 2013)



Antiga Casa do Povo, atual Casa das Artes de Sobrado (foto de Umbelino Monteiro, 2013)

Bibliografia

- Jaramillo, J. (2012) Casas do Povo, Casas dos Pescadores: A dimensão arquitetónica de um organismo para o desenvolvimento social. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, consultado a 24 de outubro, 2025 em: <https://revistas.usp.br/revistaara/article/view/214959/200119>
- Barbosa e Lencastre (2013) Casa das Artes: Sobrado-Valongo. Consultado a 24 de outubro em <https://jbarbosa-lencastre-arquitectos.blogspot.com/2013/06/casa-das-artes-sobrado-valongo.html>
- Regional, J.N. (2024) Associação Cultural de Sobrado começa hoje a dinamizar Casa das Artes. Consultado a 24 de outubro em <https://www.jornalnovoregional.pt/2024/04/associacao-cultural-de-sobrado-comeca-hoje-a-dinamizar-casa-das-artes/>





Largo do Passal (RTP, 1973)

Quando a RTP fez história

as filmagens raras de 1961 e 1973

Nuno Alexandre Ferreira

Nos anos 60 e 70, a pacata vila de Sobrado tornou-se palco de algo extraordinário: as câmaras da RTP chegaram para imortalizar a festa que, até então, vivia apenas na memória do povo. Em dois momentos distintos – 1961 e 1973 – a televisão nacional registou imagens preciosas da Bugiada e Mouriscada, captando momentos, gestos e rituais que até hoje fascinam quem mergulha nesta tradição.

E mais: a partir dessas filmagens, algo mudou para sempre. Inspirados por esse olhar “cinematográfico”, os sobradenses começaram a gravar as festas como quem regista um grande evento familiar – quase como um filme de casamento, mas com bugios, mourisqueiros, danças e rituais. Era o nascimento de um novo hábito: guardar em vídeo, ano após ano, a alma desta celebração.

Hoje, esses registos raros estão finalmente ao alcance de todos. As imagens adquiridas no arquivo da RTP podem ser visualizadas no canal oficial de YouTube da festa e no seu website. Não têm som – o silêncio

aumenta a sensação de mistério – mas carregam uma força única, mostrando o esplendor de uma tradição que se recusa a ser esquecida.

A Prisão do Velho de 1961

Imagine voltar aos anos 60 e 70 e ver, com os seus próprios olhos, a Bugiada e Mouriscada como ela acontecia. Foi isso que a RTP fez ao apontar as suas câmaras para Sobrado, registrando momentos preciosos que hoje são autênticos tesouros audiovisuais. As filmagens concentram-se num dos pontos altos da festa: o final da Dança do Doce e a vibrante sequência da Prisão do Velho.

Logo no início, o vídeo surpreende com uma dança animada dos Bugios em frente à imponente Igreja Matriz. Entre os foliões, destaca-se a presença do Velho da Bugiada e, para espanto geral, dois Bugios envergando trajes completamente irreverentes – peças vindas do Porto, usadas por familiares de Franklim Dias, que destoavam da tradição e chamavam a atenção.



Banda de S. Martinho (RTP, 1961)



Velho da Bugiada (RTP, 1961)



Banda de S. Martinho (RTP, 1961)



Bugio (RTP, 1961)

A festa segue com a Banda de São Martinho, marcando o compasso dos Bugios, até que a cena muda: surgem os Mourisqueiros, com trajes claros, elegantes, e dançando ao som firme da Caixa de Joaquim Fritoso. Ao fundo, a paisagem da época revela um detalhe precioso: a residência paroquial e a Igreja Matriz em todo o seu esplendor, agora eternizadas em película. Os Mourisqueiros realizam o seu famoso rodízio, com passos bem mais apertados do que se vê hoje, guiados pelo Reimoeiro e pelos Guias, e até um pequeno Mourisqueiro – cuja história, garantimos, ainda será contada nesta revista – rouba a cena.



Rabos e Mini-Mourisqueiro (foto de RTP, 1964)



Mouriscada (foto de RTP, 1964)

A tensão cresce. Começam os confrontos entre Bugios e Mourisqueiros, cada grupo no seu palanque. A câmara capta o inesperado: Mourisqueiros saltam com os disparos, algo raro de se ver. O mensageiro surge a cavalo, trajado de Mourisqueiro, com barretina e sem a habitual proteção que hoje cerca o percurso. E há ainda uma curiosidade que quase passou despercebida: roldanas de fogo preso aos palanques, prontos para incendiar o ambiente.

O clímax chega com a invasão dos Mourisqueiros ao palanque dos Bugios – tudo gravado com uma proxi-

midade que nos faz sentir dentro da festa. Estas imagens são mais do que registos: são janelas para um tempo em que a tradição se vivia sem filtros, cheias de cor, som (ainda que ausente no vídeo) e emoção.

Ano de 1973: a última festa do período da ditadura



Pirotecnia no Palanque dos Bugios (foto de RTP, 1964)



Palanque dos Mourisqueiros (foto de RTP, 1964)

As imagens gravadas para o noticiário e transmitidas no dia 25 de junho de 1973 são como uma verdadeira cápsula do tempo. A gravação iniciou-se no coração de Sobrado, revelando um cenário vivo e cheio de folia. A praça está repleta de romeiros, doceiras e curiosos, enquanto os tradicionais “serviços da tarde” percorrem as ruas – o arado, a grade – em cortejo, vindos da Rua de Campelo, junto ao famoso Zeca da Padaria.

Logo depois, o Largo do Passal ganha destaque, iluminado para a festa, com o cruzeiro a servir de pano de fundo e a multidão a acompanhar cada detalhe. Os Mourisqueiros aparecem então em plena dança, junto do que hoje é o Café São João, num momento único: o final da dança do início da tarde, pouco antes da célebre Dança do Doce. À frente, o som icónico da Caixa, nas mãos de Zé Malhado, conduz toda a Mouriscada com energia.



Zé Malhado na Caixa (foto de RTP, 1973)



Mouriscada em Campelo (foto de RTP, 1973)

A câmara não para: sobe ao coreto, onde a Banda de São Martinho do Campo dá o tom, e passeia pelo arraial, captando vendedores, pregões e aquele ambiente festivo que só uma romaria sabe criar. Em seguida, o inesperado: a famosa “Sapa-teirada” – ou Dança do Cego – ganha vida com o “cego” prostrado na poça, bem junto ao adro da Igreja Matriz, acompanhado por alguns Bugios que parecem brincar com o momento.

Depois, os Mourisqueiros retomam o protagonismo, deslocando-se para o seu palanque, guiados pela Banda de São Martinho do Campo, enquanto Bugios, ao centro, dançam ao lado do carismá-



Cego (foto de RTP, 1973)



Banda de S. Martinho no Coreto (foto de RTP, 1973)

tico Velho da Bugiada, perto do cruzeiro, embaçados pelos seus músicos.

O filme fecha com chave de ouro: os Mourisqueiros dançam com uma elegância que parece atravessar o tempo, uma coreografia diferente da que se vê hoje, mas igualmente fascinante.

Estas imagens não são apenas registos: são memórias vivas, preciosas, que nos permitem sentir a festa tal como ela era, com os sons, cores e personagens que fizeram – e continuam a fazer – da Bugiada e Mouriscada um espetáculo único da cultura popular.



Velho da Bugiada (foto de RTP, 1973)



Mourisqueiros (foto de RTP, 1973)

Ohohoho

são que horas e eles sem vir!”...

Nuno Alexandre Ferreira

O blogue Estórias da Minha Terra tem sido um verdadeiro baú de memórias, reunindo estórias da tradição oral sobradense e episódios do quotidiano desta pequena vila nos arredores do Porto. A autora, Fábria Pinto, é quem dá voz a esse património imaterial, resgatando e partilhando, com humor e carinho, momentos que fazem parte da identidade de Sobrado.

Entre tantas tradições, o São João de Sobrado brilha como um dos festejos mais ricos, cheios de episódios únicos e expressões que atravessam gerações. Um desses momentos, contado por Fábria Pinto a 18 de junho de 2007, é uma autêntica crónica cômica, com direito a pinga, noitada e uma frase que se tornou lenda na mística da Bugiada.

E como manda o bom jornalismo cultural, nada melhor do que deixar a palavra a quem sabe contar:

“Cá está mais uma pérola das estórias sobradenses versus bugiada, contou-ma uma das minhas fontes este fim de semana, cabendo-me agora a mim recontá-la. Como é sabido os bugios são foliões, havendo alguns que gostam da pinga. A estória de hoje narra uma relação “amorosa” de um patrício meu com as duas (pinga e bugiada).

Ora na véspera de S. João há habitualmente noitada na terra (com um cantor da moda, normalmente). Mas, nem só de cantores se fazem noitadas, a pinga e as petiscadas também são uma componente importante. Assim sendo, o sobradense começa a provar a pinga como que por brincadeira, mas a brincadeira aquece e... dá para o torto (no verdadeiro sentido da palavra).

O incauto sobradense apanha uma carraspana descomunal. Resultado, chegado ao lar dorme a sono solto durante o resto da noite e todo o dia de S. João, só acordando no dia 25 por volta das 10 da manhã. Não tem mais, meio estremunhado, olha para o relógio, salta da cama veste a farda e sai de lanço para Campelo (que já não era nada cedo). Chegado ao centro da vila e não vendo nenhuma movimentação (nem cristã nem moura) profere a frase que ficaria para todo o sempre na história sobradense passando gerações e gerações e perpetuando-se no tempo – “Ohohohoho são que horas e eles sem vir!”...

Entre risos, percebe-se que, em Sobrado, até os atrasos e ressacas se transformam em pequenas joias culturais. É este tipo de memórias, guardadas em blogs e na boca do povo, que dão vida às tradições e mostram que a cultura popular, mais do que um registo, é um jeito muito especial de olhar para o quotidiano.

Bibliografia

• Pinto, F. (2007) Efeitos secundários não calculados. Consultado a 25 de outubro em <https://estoriasdaminhaterra.blogs.sapo.pt/tag/sao+que+horas+e+eles+sem+vir...>



Bugios (Foto do arquivo da ASJS, 2019)

A Polémica e Sexual Dança da Jaquina

Nuno Alexandre Ferreira

A Bugiada e Mouriscada é, sem dúvida, uma das tradições mais ricas, enigmáticas e complexas de Sobrado. Estudá-la a fundo é um desafio para qualquer sobradense — e até para investigadores —, sobretudo quando se trata de rituais que o tempo apagou ou transformou. Entre eles, há um que desperta mais curiosidade e mexerico do que qualquer outro: a Dança da Jaquina. Pouco se sabe, muito menos se escreve sobre ela. Restam apenas memórias fragmentadas, quase sempre guardadas pelos mais velhos... e sempre carregadas de mistério.

O professor e sobradense Manuel Pinto tentou quebrar o silêncio. Em conversa com Generoso

Ferreira das Neves — várias vezes juiz da festa — conseguiu arrancar informações valiosas: “(...) Segundo conta este conterrâneo sobradense, a Dança da Jaquina era o primeiro número que tinha lugar, depois das danças de Entrada e era acompanhada pela “orquestra” de violinos e violas braguesas que marca o ritmo das danças dos Bugios. E em que consistia? Pelos vistos, nos anos 50, pelo menos, a Dança da Jaquina consistia num mascarado que, agarrado a uma figura vestida de mulher, de pernas para o ar, dava a volta que, já então e ainda hoje, dão os diferentes números que têm lugar durante a tarde do dia 24 - a cobrança dos direitos, a lavra da praça e a dança do cego.”

Ilustração criada via ChatGPT sobre a Dança da Jaquina (autoria Nuno King, 2025)

O relato é picante e, inevitavelmente, polémico. Tanto que, quando foi divulgado, motivou uma resposta inesperada de um jovem sobradense de 21 anos: “pois eu ca sou novo apenas 21 ano mas tenho meu avo, que me contou que a dança da jaquima era feita logo a seguir a dança da entrada era parecida a danca do cego pois havia uma mulher e um homen que faziam coisa menos propprias pelo arraial, mas diz meu avo que a mais de 65 anos que nao se faz essa dança pois era muito polemica.”

O próprio Manuel Pinto avança com algumas considerações sobre este testemunho, nomeadamente que, “Ou seja, a ser verdadeira esta versão, duas coisas se podem concluir: a Dança da Jaquina revestia um carácter profundamente subversivo e erótico-lúbrico e significava que a Festa de Sobrado era ainda mais complexa e rica do que acontece nos dias de hoje. Seria uma espécie de 69, sem disso se falar. Terá sido por esse carácter irreverente e atrevido que a tradição se esfumou e desapareceu? E será por causa desse carácter que pouca gente ou ninguém se diz lembrar ou quer falar do assunto? (...)”

O mistério adensa-se. Poucas pessoas admitem lembrar-se e, quando falam, nem sempre dizem o mesmo. Mas é nessa contradição que se esconde o verdadeiro fascínio da tradição.

Franklim Dias — o primeiro Bugio a “alimpar as bagadas ao Velho” em 1953 — confessou que nunca viu a Dança da Jaquina, mas ouviu falar dela vezes sem conta através do pai: “A Dança da Jaquina era à tarde, antes de ir para o Doce e o meu pai dizia que era feita por um homem e uma mulher (possivelmente um homem mascarado) e que este usava um vestido de entrajadas e que a mulher era carregada às costas deste. Fazia uma dança depois de acabar a lavoura. Devia ser com os violinos — o grupo de músicos da Bugiada.”

Bibliografia

- Pinto, Manuel (2010) – Mistério em torno da Dança da Jaquina. Consultado a 15 de outubro de 2025 em bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2010/08/misterio-em-torno-da-danca-da-jaquina.html
- Pinto, Manuel (2006) – Alguém ouviu falar na Dança da Jaquina?. Consultado a 15 de outubro de 2025 em bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2006/03/alguem-ouviu-falar-na-dana-da-jaquina.html

Já Tia Lurdes ofereceu um mapa quase coreográfico da dança:

“A Dança da Jaquina começava na Curva da Jaquina, vinha até ao Passal e depois ia encontrar a Dança do Sobreiro. Começava na curva da Jaquina, nome dado ao local da Rua São João de Sobrado, que no sentido Campelo-Balsa, tinha a casa da Tia Jaquina no lado direito e a da Gusta da Palha do lado esquerdo. Deixaram de a fazer não porque a tivessem proibido mas porque uns não sabiam como era e outros não tinham habilidade. Diziam que era uma dança muito bonita e acabava no Sobreiro. Depois meteu-se as entrajadas.”

E aqui surge a grande questão: teria o seu alegado teor erótico sido o motivo para o desaparecimento? Aparentemente, não. A própria autora do testemunho considera improvável que fosse apenas isso. Afinal, a ditadura do Estado Novo era conservadora e púdica ao ponto de cortar qualquer gesto considerado indecoroso — e, se a dança fosse assim tão provocadora, talvez tivesse desaparecido muito antes.

Pegando nas pistas de Tia Lurdes Sapateira, tudo indica que a dança perdeu o seu sentido no contexto da festa e acabou por ser substituída, parcial ou totalmente, pelas entrajadas. Mas há mais perguntas no ar: será que a troca de párocos teve influência? Nos anos 40, a paróquia estava nas mãos do Padre Barbosa; em 1950, assumiu o Padre Agostinho de Freitas. Terá a dança adquirido um tom mais ousado nessa transição? E terá isso incomodado a sociedade ou mesmo as autoridades locais?

Por enquanto, as respostas permanecem escondidas na memória — ou no silêncio cúmplice — dos sobradenses mais antigos.

Por um dia, Ela foi o Velho

A história incrível de Tia Dolores

Nuno Alexandre Ferreira



O Velho da Bugiada de 2025 com a Tia Dolores (Foto de Alexandre Vale, 2025)

Na década de 50, houve um acontecimento histórico que importa registar para futuro. Num ano, por instantes, houve uma Velha da Bugiada.

Num ano cuja memória o tempo não recorda, ainda nas vésperas de São João, a Bugiada e Mouriscada não estava preparada. Era costume na época. No dia de São João, André da Munha (André Pinto de Sousa), era o Velho da Bugiada e ter-lhe-ão dito que naquele ano havia mais Bugios e que a comida podia não ser suficiente e então ele disse: “eu vou ver se arranjo uma carne, uma couve...” e foi dar uma volta. Acrescentou a Tia Dolores “Como eu sabia que o meu pai tinha ido dar uma volta, disse a dois Bugios, ao Lindoro da Ribeira e ao Marujo de Campelo, que ia dar umas sprintadelas.” Maria Dolores Moreira de Sousa, vestiu o manto, era o “Velho” naquele momento e foi dançar como tal, como se uma aventura proibida se tratasse. Acabou por andar no meio dos Bugios e a dançar como Velho se tratasse. Ainda foi de sua casa até à do Zeca do Carneiro. “A Bugiada naquele tempo era pe-

quena” ainda refere, sorrindo. Ela dançou e ninguém reparou. “Bem, alguns desconfiaram, por eu era bem mais pequena que o meu pai. Entretanto, o meu pai regressa e vinha pela calçada da capela, à civil, e eu zás por ali a dentro, comecei a correr para dentro de casa.” Referiu que alguns diziam “Vem acolá o Tio André da Munha.” “Quem é que está aqui então?” A Tia Dolores disse que entrou às pressas em casa e tirou o manto e o pai apercebeu-se e terá dito “O que andas aqui a fazer? Tu és demais cachopa! Lá se vestiu, todo contente. A alegria era de me ver vestida, de dançar.”

Segundo a Tia Dolores, ninguém terá questionado mais e só mais tarde é que se soube desta peripécia. “Ainda hoje parece tão estranho e fantástico, que se não tivesse vivido isto, achava que era mentira”.

Para compreender o período desta história, foi preciso fazer algumas contas. A Tia Dolores nasceu a 15 de maio de 1936, em Sobrado, e casou com 22 anos. Este

momento ocorreu quando ainda era solteira pelo que deverá ter ocorrido na segunda metade dos anos 50.

Desde a publicação do vídeo “Volta” que esta história me fascinou. Agora, passados mais de 12 anos, decidi resgatar este momento, porque toda a sua família está associada à festa, direta ou indiretamente, e com os seus 89 anos, a Tia Dolores continua a ser uma memória viva desta tradição. Em tempos em que as mulheres não podiam ir de Bugio, ela à sucapa e por breves momentos, foi pioneira.

Na década de 1950, aconteceu algo digno de registo para a história: por instantes, uma mulher ousou desafiar a tradição e tornar-se Velha da Bugiada. Um episódio que parecia impossível para a época, mas que, graças à coragem e astúcia de Maria Dolores Moreira de Sousa, conhecida carinhosamente por “Tia Dolores”, entrou para a memória familiar como um feito quase lendário.

Num ano que o tempo não consegue precisar, ainda nas vésperas de São João, a Bugiada e a Mouriscada não estava preparada – como era costume. No dia de São João, André da Munha (André Pinto de Sousa) assumia o papel de Velho da Bugiada. Ter-lhe-ão dito que naquele ano havia mais Bugios e que a comida podia não ser suficiente, e ele respondeu: “eu vou ver se arranjo uma carne, uma couve...” e saiu para dar uma volta.

Tia Dolores recorda: “Como eu sabia que o meu pai tinha ido dar uma volta, disse a dois Bugios, ao Lindoro da Ribeira e ao Marujo de Campelo, que ia dar umas sprintadelas.”

Então, num ato de ousadia que desafiava as normas sociais da época, Maria Dolores vestiu o manto e tornou-se, por breves momentos, o Velho. Dançou no meio dos Bugios, percorrendo o caminho da sua casa até à do Zeca do Carneiro. “A Bugiada naquele tempo era pe-

quena”, comenta, sorrindo, lembrando a dimensão modesta da festa que não diminuiu em nada a sua audácia.

Ela continua: “Bem, alguns desconfiaram, por eu era bem mais pequena que o meu pai. Entretanto, o meu pai regressa e vinha pela calçada da capela, à civil, e eu zás por ali a dentro, comecei a correr para dentro de casa.”

Quando alguém comentou: “Vem acolá o Tio André da Munha”, a Tia Dolores lembrou: “Quem é que está aqui então?” Entrou às pressas em casa, tirou o manto e, para seu espanto e alegria, o pai reagiu com humor: “O que andas aqui a fazer? Tu és demais cachopa! Lá se vestiu, todo contente. A alegria era de me ver vestida. A dançar.”

Segundo ela, ninguém mais questionou o episódio e só mais tarde a Bugiada descobriu a travessura. “Ainda hoje parece tão estranho e fantástico, que se não tivesse vivido isto, achava que era mentira”, confessa.

Para contextualizar, a Tia Dolores nasceu a 15 de maio de 1936, em Sobrado, e casou-se com 22 anos. Este episódio, portanto, ocorreu ainda na sua juventude, quando era solteira, na segunda metade dos anos 50.

Pessoalmente, desde a publicação, em 2013, do livro e vídeo “Volta- pela Festa de São João de Sobrado”, no âmbito do primeiro processo de candidatura da festa à UNESCO, esta história fascinou-me, e agora, mais de 12 anos depois, sinto a urgência de resgatar este momento. Toda a família da Tia Dolores está ligada à festa, direta ou indiretamente, e aos 89 anos, ela continua a ser uma memória viva da tradição – uma pioneira que, à sua maneira, quebrou barreiras de género e mostrou que, mesmo quando o mundo dizia “não”, a ousadia feminina podia triunfar. Gosto de gente ousada e corajosa! Gosto da Tia Dolores, a quem eu chamo a Rainha da Bugiada, ainda que este título também ele irreverente e ousado, lhe cai na perfeição.

Bibliografia

- Brito e Faustino (2013) Volta- Pela Festa de S. João de Sobrado. Guimarães : CAAA - Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, D.L.



Património da Bugiada e Mouriscada

Património material

Nuno Alexandre Ferreira

Sobrado ergue-se como um relicário onde o tempo se entrelaça com a história, e o passado se faz presente em cada pedra, em cada rua, em cada murmúrio do vento. Aqui, o espírito rural, religioso e agrícola perdura, refletindo-se no património construído que as gerações de outrora nos legaram com mãos sábias e corações dedicados. Cabe-nos, agora, a nobre missão de o preservar e enriquecer, para que o futuro possa sentir o eco vibrante das tradições que nos definem.

Os monumentos e espaços que marcam esta terra não são meros vestígios de um tempo ido, mas sim testemunhas vivas da essência cultural de Sobrado. Entre eles, a Igreja Matriz, a Residência Paroquial e o Largo do Passal surgem como pilares de uma identidade enraizada na devoção e na memória coletiva. Contudo, a alma deste património vai muito além das suas pedras e alicerces.

A Bugiada e Mouriscada entrelaça-se profundamente com o legado material que a envolve. As ruas, as casas e cada recanto onde ressoam os passos da festa são igualmente parte da herança que nos define enquanto povo.

A Casa do Bugio e do Mourisqueiro, o Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada e tantas outras moradas e espaços particulares carregam consigo o peso simbólico e afetivo de uma celebração que atravessa séculos.

É Impossível dissociar a materialidade deste património face à alma vibrante da Bugiada e Mouriscada. Este fenómeno não é apenas um evento, mas uma manifestação profunda da identidade de um povo, um reflexo da sua história, das suas emoções e do seu espírito comunitário. É na fusão do património físico e da tradição imaterial que se encontra a verdadeira essência de Sobrado.

Este roteiro patrimonial não é apenas um percurso entre monumentos e espaços históricos; é uma viagem ao coração pulsante de uma cultura única. É um convite para descobrir e sentir o legado dos nossos antepassados, que ainda hoje dança no olhar e no fervor de quem vive esta tradição.

Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

O CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada foi criado, pelo Município de Valongo, em 2014.

É um espaço de valorização e interpretação da Bugiada e Mouriscada, sendo ainda um polo agregador de informação temática e difusor desta festividade que se vive intensamente. A sua riqueza é o espólio que preserva, desde fardas e acessórios, informação e livros sobre a festa, fotografias e vídeos, entre muitos outros.

Desde a sua inauguração tem organizado inúmeras exposições, eventos e visitas guiadas, promovendo a festa em vários níveis e com públicos distintos.

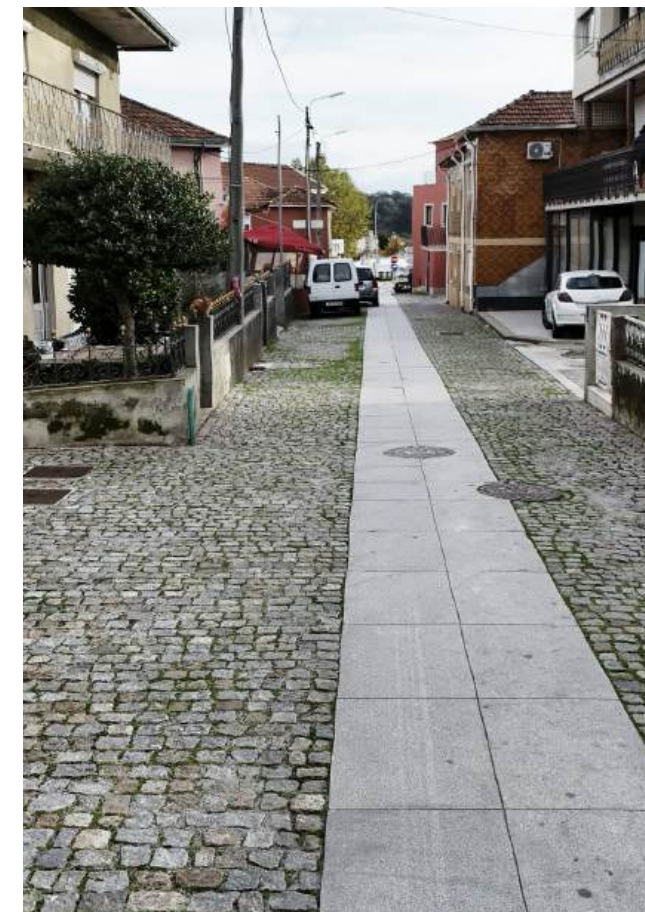
Neste local é possível conhecer melhor a Bugiada e Mouriscada e a própria Vila de Sobrado, sendo um dos locais culturais de referência.



Vista aérea do CDBM (Foto de Fábio Macedo, 2025)

Rua José Araújo

A Rua José Araújo é uma das artérias mais relevantes para Sobrado, uma vez que está intrinsecamente ligada à Festa de São João de Sobrado. Nesta rua executa-se ou terminam algumas danças dos Bugios e dos Mourisqueiros, mas são os Rituais da Tarde que lhe dão fama. Da chamada “Casa do Marto”, saem habitualmente os personagens da Lavra da Praça e da Sapateirada/ Dança do Cego e na Casa da Nanda costuma-se guardar a Serpe. É considerada como o local dos bastidores da Bugiada e Mouriscada e por esse motivo, um dos mais relevantes exemplos da envolvimento da comunidade na festa.



Rua José Araújo (Foto de Fábio Macedo, 2025)

Rua São João de Sobrado

A Rua de São João de Sobrado é a via mais longa e significativa da vila de Sobrado. Tem início na zona limítrofe com Lordelo e Campo, atravessando todo o núcleo urbano e integrando-se na Estrada Nacional 209.

O seu nome está ligado à principal festividade da vila, já que é neste local — especialmente no centro — que decorrem momentos e rituais marcantes da Bugiada e Mouriscada, como a emblemática Dança de Entrada.

Ao longo de gerações, esta rua tem sido palco da passagem de inúmeros Velhos da Bugiada, Reimoeiros, Bugios, Mourisqueiros e de muitas outras figuras e personalidades ligadas à tradição.



Rua São João de Sobrado com decoração festiva (foto de Nuno King, 2018)



Interior da Casa Palheira (foto de Casa Palheira, s/d)

Casa Palheira

A Casa Palheira é um atelier familiar de confeção e aluguer de trajes de Bugios e Mourisqueiros, caretas, chapéus e barretinas entre outros. Comercializa ainda acessórios, objetos e produtos de artesanato associados à Bugiada e Mouriscada.

Liderado por António Pinto e sua família, não é o único espaço em Sobrado a confeccionar os trajes e acessórios usados na festa, no entanto, é o espaço preferido pela grande maioria dos Velhos da Bugiada e Reimoeiros, desde os anos 90, que usam fardas produzidas neste local, afirmando-o como um dos locais históricos e tradicionais da festividade, não só pelos trajes mas também por toda a conexão emocional e simbólica com a festa.



São João Precursor (Foto de Fábio Macedo, 2025)

São João Precursor

Da autoria do conceituado escultor Bruno Marques, a arrojada e acolhedora imagem em bronze, foi inaugurada e benzida a 12 de janeiro de 2014, precisamente no dia em que se assinalou a festa do Batismo de Cristo naquele ano. A aquisição desta estátua foi conseguida através do trabalho árduo de um grupo de mulheres que haviam pertencido à Comissão de Festas de São João de Sobrado 2012, sob a presidência de Lúcia Leão. Este grupo de 22 mulheres responderam a um apelo do Padre Vicente. Mas tudo foi possível graças à generosidade dos Sobradenses.

Esta imagem belíssima, serve como alento para a Comunidade Cristã de Sobrado e como refúgio para todos os Sobradenses, por isso é que não é uma imagem convencional. Despojada de

grandes adornos, esta representação é simples e austera, contrastando com a folia e animação, características das festas sajoaninas, inclusive em Sobrado. Símbolo de devoção dos sobradenses, com a qual todos se identificam, está associada à vertente religiosa da festa de São João de Sobrado. É uma obra ímpar, carregada de simbolismo, de alma e de fé.

Monumento aos Bugios e Mourisqueiros

Conjunto escultórico da autoria de Agostinho Mendes Rocha, tendo sido executado por iniciativa da Câmara Municipal de Valongo. Pesa cerca de 850kgs e encontra-se situado na rotunda do Largo do Passal.

Foi inaugurado a 21 de junho de 2008, sendo uma representação simbólica do momento da Prisão do Velho, ponto alto da Bugiada e Mouriscada, composto pelas figuras do Velho da Bugiada, de joelhos, aprisionado pelo ativo e austero Reimoeiro, encontrando-se ainda uma Criança-Bugio, igualmente de joelhos, pedindo misericórdia e a libertação do Velho da Bugiada ao chefe mourisco. Algumas danças e rituais da Bugiada e Mouriscada decorrem junto desta escultura, sendo frequente que muitas pessoas trepem este conjunto escultórico para obterem melhor visão sobre o que está a decorrer. No fim do dia, é um dos locais preferidos para fotografias, especialmente da Mouriscada que aqui reúne o seu exército.

Monumento aos Bugios e Mourisqueiros (Foto de Fábio Macedo, 2025)



Património imaterial

O São João de Sobrado é um testemunho vivo de uma tradição genuína e autêntica que atravessa os tempos, enraizada no coração desta terra, no concelho de Valongo.

Há séculos que ressoa nos seus montes e vales, perpetuando-se através das vozes, dos gestos e das emoções de um povo que se entrega de alma e coração. É um espetáculo vibrante, tecido com as cores intensas das indumentárias, a musicalidade dos seus ritmos, a solenidade dos rituais e a energia pulsante das danças que narram uma lenda ancestral, passada de geração em geração.

A cada 24 de junho, Sobrado desperta para reviver esta celebração única. Aqui, não se celebra apenas uma data, mas sim a identidade de um povo e tal como tão bem descreveu Gallop, é “um dos mais notáveis rituais que sobrevivem na Europa moderna”. A sua grandeza não reside apenas na história que carrega ou na lenda que perpetua. Vive na riqueza dos trajes, na imponência das máscaras e acessórios, na força simbólica de cada gesto e na cumplicidade silenciosa de um povo que se revê neste espetáculo singular. É uma manifestação de excecional valor antropológico, cultural e etnográfico, que une gerações numa dança intemporal.

Mas a alma desta festa não se encerra apenas nos passos coreografados ou nas melodias que ecoam pelas ruas. Vive também nos objetos, nas peças e nos acessórios que compõem um verdadeiro acervo imaterial, testemunhos silenciosos de um passado que urge preservar. Algumas dessas relíquias já encontram refúgio seguro, protegidas e acarinhadas como fragmentos preciosos da memória coletiva. Outras aguardam o olhar atento daqueles que compreendem a sua importância e o dever de as salvaguardar.

Este roteiro imaterial não é apenas um registo de objetos, peças e acessórios. É um convite sentir o pulsar da história desta tradição em cada detalhe e assegurar que este legado não se esgota no presente, mas se estende, vibrante e autêntico, para os dias que ainda estão por vir.



Serpe (Foto de Hugo Carneiro, 2024)

Serpe

A Serpe é uma das figuras mais relevantes da Bugiada e Mouriscada. Trata-se de uma personificação mitológica, alongada e de tons esverdeados, com uma cauda longa e língua vermelha pontiaguda. Possui ainda uma fita vermelha em redor da cabeça e fitas da mesma cor na cauda. Possui quatro barras laterais de suporte de madeira que podem aludir às quatro patas de um lagarto ou de um dragão, já que as serpentes/cobras não possuem patas.

A sua existência está associada com outras festividades especialmente conectadas com o Corpus Christi em Penafiel, em Monção e noutras localidades em Portugal e no estrangeiro.

Pela análise de fotografias de diversos anos distintos, podemos compreender as diversas reconstruções da Serpe como a ecdise típica das serpentes (a mudança de pele). A serpe dos anos 30 e 40 (do séc. XX), visível nas fotografias de Armando Leça, apresentava um aspeto mais monstruoso, especialmente a sua cabeça horripilante, que inclusive possuía dentes. Nos anos 60, através das fotografias de Teresa André e de Santos Júnior, é possível verificar um aspeto mais amistoso e sereno da Serpe.

A atual versão da “Bicha” como também é conhecida e assim foi referenciada por Violet Alford em 1933 (e por outros investigadores como Manuel Pinto e Bárbara Alge), é uma

reconstrução ocorrida nos finais do século passado, tendo sido efetuada pela oficina de Estofos Soares, numa forma bem mais amigável do que as anteriores. Devido ao seu cumprimento, era costume ficar guardada na referida oficina, tendo sido oferecida à Associação Casa do Bugio em 2010, uma vez que após a construção do seu edifício-sede, passou a ter melhores condições para a albergar.

Neste ano de 2025, por iniciativa do Velho da Bugiada, José Alexandre Vale, com o apoio da Associação São João de Sobrado e dos Estofos Soares, foi concretizada um novo restauro, tendo sido mantida a sua essência ainda que com

algumas alterações como a incorporação de dentes (como nos anos 30 e 40), alteração da língua, bem como o reforço da sua estrutura interna.

Apesar de, habitualmente, os dragões e serpentes estarem associados ao mal e ao pecado original, na Bugiada e Mouriscada, numa outra inversão da realidade como é característico desta festa e desta terra, a Serpe representa o “Milagre de São João”, uma vez que os Bugios utilizam este mostrengo para libertarem o Velho da Bugiada. A “Bicha” é, pois, a última esperança dos Bugios e é a representação da justiça e da intervenção divina de S. João. Por isso é que é tão querida pelos Sobradenses.

Caldeirinha de Água Benta

A Caldeirinha de Água Benta destina-se a servir de depósito de água benzida e assume a forma de uma urna. Esta alfaia foi executada em prata e é do século XX.

O bojo possui um friso com decoração vegetalista com folhas. Possui ainda medalhões ovais envolvidos por aletas. No pé sobressai uma orla de folhas, enquanto na parte inferior a decoração é composta por nervuras em relevo. Na base existem inscrições alusivas ao benfeitor da peça “À Igreja de Sobrado de Valongo” “Oferece a família do moço de Sobrado de Cima-1941- Pede-se uma Avé Maia”.

É uma peça que incorpora o património da festa da Bugiada e Mouriscada, uma vez que é usada, anualmente, pelos Velhos da Bugiada e Reimoeiros na bênção das suas facções.



Benção dos Bugios (foto do acervo de ASJS, s/d)

Barretina de Reimoeiro

As barretinas entraram nos fardamentos militares portugueses por inícios do séc. XIX. Foram-se modificando, ao longo daquele século, e receberam influência inglesa, francesa e mesmo prussiana.

Os Mourisqueiros usam, na sua formatura rígida e alinhada, uma barretina. São peças cilíndricas revestidas a tecido, adornadas com fitas às cores, espelhos e motivos dourados e encimadas por plumas coloridas. As barretinas da Bugiada e Mouriscada, comparativamente com as usadas pelos militares do século XIX, são mais vistosas, muito mais exuberantes.

A barretina que expomos é de Reimoeiro, tem suporte para uso de três plumas e foi usada pelo Reimoeiro Diamantino Marujo no ano de 1996. Encomendada a Manuel do Cabo, este entregou a confeção em Alfena e por vicissitudes que se desconhecem, infelizmente, quase se perdeu. Foi resgatada, atempadamente, de se tornar lixo. Agora, é um bom exemplo para lembrar o quão importante é a conservação de objetos associados com a Bugiada e Mouriscada.



Barretina do Reimoeiro de 1996 (foto de André Ferreira, acervo do CDBM- Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, 2017)

Manto Velho da Bugiada 90's

No São João de Sobrado, a principal figura da Bugiada é o Velho da Bugiada. A sua indumentária distingue-se dos restantes Bugios. Usa uma barretina, com um formato diferente da usada pelos Mourisqueiros e, tal como o Reimoeiro, umas dragonas sobre os ombros, as quais, enquanto símbolos militares, lhe conferem poder e prestígio. Traja ainda uma veste que não tem comparação com qualquer outra usada na festa. Trata-se do Vestido, uma peça emblemática de veludo de cor bordô, ao género de manto ou roupão, que cobre o corpo e membros inferiores. Possui aspeto de cerimonial, nobre ou eclesiástico. O Vestido, confeccionado em 1992 em Sobrado, faz parte do acervo da Associação São João de Sobrado, e foi usado até 1997. A partir de 1998 todos os Reis dos Bugios passaram a mandar fazer os seus próprios Vestidos. Este manto encontra-se em exposição na Casa do Bugio e do Mourisqueiro. É um dos elementos mais valiosos e significativos no âmbito do património imaterial da Bugiada e Mouriscada.



Manto de Velho- Anos 90 (foto de Filbio Macedo, 2025)



Careta de Laurentino Alves (foto de André Ferreira, 2018)

Máscara

O uso de máscaras é muito antigo e desempenha um papel importante em festas, nas diversões de carnaval e em espetáculos, como o teatro. Cobre o rosto e disfarça quem as usa, de modo que não se conheça de quem se trata.

Há pouco mais de 60 anos, o sobradense Laurentino Alves adquiriu duas máscaras de plástico para usar no Carnaval. Posteriormente, adaptou-as para as levar como Bugio na festa de S. João. Dotadas de um folho na base, as máscaras tornaram-se, assim, próprias de Bugio como todas as outras usadas na Bugiada e Mouriscada. Esta máscara que exibimos, com o passar dos anos e do uso, foi apresentando danos, tendo sido restaurada pelos netos Marcos e Jorge Alves. Por ter sido usada por um antigo Velho da Bugiada e transmitida entre gerações, é um dos mais relevantes exemplares do património imaterial desta tradição.



Prisão do Velho (foto cedida por José Alexandre Vale, 2025)

Os Protagonistas da Festa

Velhos da Bugiada

2025: José Alexandre Vale
2024: Nuno Miguel Monteiro
2023: Pedro Manuel Moreira Gaspar
2022: Carlos Barbosa
2021: não se realizou festa
2020: não se realizou festa

2019: António César Ferreira
2018: Paulo César Ribeiro Dias
2017: Sérgio Nuno Sousa Silva
2016: Nuno Filipe Pereira da Silva
2015: Carlos Manuel Martins Gaspar
2014: Fernando Manuel Moreira Dias
2013: Moisés António Moreira Gândara
2012: Luís da Costa Nunes
2011: Manuel Moreira
2010: José da Silva Machado

2009: António Manuel Moreira Marques Vale
2008: Domingos Soares Moreira
2007: Joaquim da Rocha Brito
2006: Lindoro Cavadas
2005: Augusto Cabeda
2004: Manuel Ferreira da Costa
2003: Fernando Soares
2002: António Fernando Moreira Gaspar
2001: José Fernando Fernandes do Vale
2000: Joaquim da Rocha Brito

1999: Joaquim Alves
1998: António Martins Poças
1997: Manuel dos Santos Moreira
1996: Silvério Coelho
1995: Joaquim Miranda
1994: António Rocha
1993: Joaquim Rocha
1992: José Cabeda
1991: Norberto Moreira Pinto
1990: Domingos Monteiro

1989: José Joaquim Dias Ferreira
1988: Norberto Moreira Pinto
1987: Paraíso Carneiro Vitória
1986: Alberto batata
1985: Augusto Barbosa
1984: Norberto Moreira Pinto
1983: Norberto Moreira Pinto
1982: Graciano pateta
1981: Norberto Moreira Pinto
1980: Luís Loira

1979: Laurentino Alves
1978: Luís Loira
1977: Laurentino Alves
1976: Adelino Dias
1975: ———
1974: Adelino Dias
1973: André Pinto de Sousa?
1972: André Pinto de Sousa
1971: Adelino Dias
1970: Adelino Dias

1969: André Pinto de Sousa
1968: ———
1967: ———
1966: ———
1965: Adelino Dias
1964: Adelino Dias
1963: ———
1962: André Pinto de Sousa
1961: André Pinto de Sousa
1960: ———

1959: ———
1958: ———
1957: Adelino Dias?
1956: ———
1955: ———
1954: ———
1953: Adelino Dias
1952: ———
1951: André Pinto de Sousa
1950: ———

1949: ———
1948: ———
1947: ———
1946: ———
1945: ———
1944: ———
1943: ———
1942: ———
1941: ———
1940: Augusto da Munha

Anos desconhecidos:

Anos 50/60/50: André Pinto de Sousa / Adelino Dias / Augusto da Munha

Anos 30/40: Augusto da Munha

Reimoeiros

2025: Pedro Queirós
2024: Tiago Coelho
2023: Roberto Oliveira
2022: Fernando Seabra
2021: não se realizou festa
2020: não se realizou festa

2019: Ricardo Alves
2018: José Manuel Gaspar
2017: Celso Dias
2016: Ricardo Devesas
2015: Marco Maia
2014: Bruno Moreira
2013: Leonel Carneiro
2012: Amável Ferreira
2011: Orlando Alves
2010: José Maria Moreira

2009: Marco Ramalho
2008: Filipe Dias
2007: Vitorino Oliveira
2006: Pedro Vale
2005: Joaquim Mário Leal
2004: Emanuel Oliveira
2003: Rui Pinto
2002: Márcio Costa
2001: José Luís Lobo
2000: Fernando Fonseca

1999: Manuel António Coelho Moreira
1998: José Silva
1997: António Joaquim Costa Marques
1996: Diamantino Marujo
1995: Manuel Fernando Moreira
1994: Helder Pinto
1993: José Fernando Cardoso
1992: Luís Barbosa
1991: Norberto Pinto
1990: José Fernando Barbosa e Silva

1989: José Fernando Barbosa e Silva
1988: José Manuel Martins Pereira
1987: Joaquim Alves Moreira
1986: Joaquim de Sousa Pinto
1985: José Fernando Barbosa e Silva
1984: Domingos Santos Ferreira Marujo
1983: Manuel Fernando Almeida Coelho
1982: Manuel Fernando Almeida Coelho
1981: José Fernando Pereira
1980: António dos Anjos da Silva Carneiro
1979: José Eduardo Ferreira da Silva
1978: José Eduardo Ferreira da Silva

1977: Manuel Fernandes da Silva
1976: Manuel Fernandes da Silva
1975: Manuel Fernandes da Silva
1974: António Pereira
1973: António Pereira?
1972: André Marujo
1971: António Almeida Coelho
1970: António Lopes

1969: Manuel Joaquim Moreira Pinto
1968: Manuel Joaquim Moreira Pinto
1967: Manuel Joaquim Moreira Pinto
1966: Fernando Munha
1965: Fernando Munha? Domingos Seroa?
1964: Zeca Carneiro? Quim Ribeiro?
1963: ———
1962: Joaquim Carneiro de Almeida? Fernando Munha?
1961: José Joaquim Pinto Almeida? Fernando Munha?
1960: Quim do ribeiro? Tono palheira?

1959: ———
1958: ———
1957: Joaquim Palheira
1956: Timóteo Costa e Silva
1955: José Marujo
1954: António Moreira Sousa
1953: António Machado
1952: ———
1951: António Machado
1950: ———

1949: ———
1948: ———
1947: ———
1946: ———
1945: ———
1944: ———
1943: ———
1942: ———
1941: ———
1940: Manuel André Gaspar

Anos desconhecidos:

Anos 30/40: Alberto Fernandes

Anos 40: Joaquim da Silva Pereira/Luís Ribeiro Fernandes

Década de 60: Joaquim Pinto

Outros: José Carneiro da Silva

Conclusão

A festa é, e sempre será, resistência mascarada da identidade de Sobrado.

Chegamos ao fim desta III Edição da Lavra da Praça com a sensação de que não apenas resgatamos um pedaço da história: devolvemos-lhe o fôlego. Incidimos sobre um tempo sombrio — o da ditadura militar e do Estado Novo, entre 1926 e 1974 — um tempo em que a palavra era vigiada, a liberdade contida e as vozes muitas vezes caladas. E, no entanto, nesse cenário de silêncios forçados, a Bugiada e Mouriscada não se apagou. A festa resistiu. A festa dançou. A festa cresceu.

Da documentação analisada, das memórias resgatadas, dos registros fotográficos e videográficos que conseguimos compilar, emergiu uma verdade surpreendente: não houve censura direta por parte do regime. Porém, o peso invisível da moral e dos ideais do Estado Novo deixou marcas subtis, influenciando indiretamente a forma como a festa era organizada, divulgada e até vivida pela comunidade local. Como se uma sombra pairasse, silenciosa, sobre cada máscara, sobre cada gesto, sobre cada dança.

O que também se revelou claro foi o interesse crescente dos investigadores, antropólogos, etnólogos e folcloristas, que viram na festa um campo fértil de estudo, um palco de símbolos e mistérios — especialmente nas máscaras, nos rituais e na própria lenda que a sustenta. A comunicação social, por sua vez, abriu as suas lentes e canetas para registrar e difundir o que acontecia, dando à Bugiada e Mouriscada uma visibilidade inédita, mesmo sob o jugo de um regime que preferia controlar o espetáculo da vida.

Esta edição ofereceu um mergulho profundo nesse passado, mas também trouxe algo inédito e emocionante: pela primeira vez, partilhamos um inventário de nomes — os que conseguimos

recuperar — daqueles que foram Velhos e Reimoeiros. Nomear é um ato de resistência. É transformar a memória em palavras sublimes, é não permitir que o anonimato sepulte quem, com pés cansados e corações cheios, manteve acesa a chama desta festa. Cada nome é uma semente contra o esquecimento.

Mas não ficamos apenas na memória coletiva: dedicamos também um olhar atento a cada personagem da festa, ao património material e imaterial que a envolve, às máscaras, aos gestos, aos rituais de resistência que se repetem ano após ano e que dão corpo a uma herança que é simultaneamente local e universal.

E porquê Lavra da Praça? Porque lavar é mais do que mexer na terra: é preparar o terreno para o futuro, é desafiar as certezas, é questionar visões feitas. É abrir espaço ao conhecimento e deixá-lo invadir a praça — esse espaço coletivo onde tudo acontece, onde todos se encontram, onde a memória se transforma em espetáculo vivo.

Assim, concluímos esta edição não como quem fecha um livro, mas como quem acende uma tocha. Porque a história aqui revelada é também um convite: que cada leitor, ao percorrer estas páginas, se sinta chamado a carregar a memória adiante, a manter viva a chama da Bugiada e Mouriscada, a defender o direito de celebrar, de dançar, de existir.

Esta revista é, sim, um documento cultural. Mas é também uma declaração ousada: a festa nunca se rendeu, nunca se calou, nunca se deixou dominar. Ela é, e sempre será, resistência mascarada da identidade de Sobrado.



Mouriscada (foto de António Lopes, finais dos anos 60)

Autores



Nuno Alexandre Ferreira

Nuno Alexandre Ferreira, também conhecido por Nuno King, nasceu no Porto em 1992, vivendo em Sobrado desde 2002. Ao longo da sua vida, entre vários projetos e associações, dedicou-se ao estudo e promoção da cultura, património e tradições de Sobrado e da festa de São João de Sobrado. Acompanha e fotografa os Mourisqueiros desde 2013. Entre 2013 e 2024 divulgou a festa nas redes sociais e no blog saojoaosobrado.wordpress.com. É vice-presidente e secretário da Associação São João de Sobrado desde 2021, onde tem desenvolvido um trabalho revolucionário no que concerne à documentação, arquivo e património da mesma. É o criador e coordenador desta revista “Lavra da Praça”.



Paulo Caetano Moreira

Paulo Caetano Moreira nasceu em 1970, em Campo, Valongo. Possui licenciatura em História (2005) e é mestre, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em História e Património - Estudos Locais e Regionais: Construção de Memórias (2012). É autor de alguns trabalhos académicos e de investigação, nomeadamente de história local, com maior incidência no Concelho de Valongo. Tem participado em seminários, jornadas e conferências na área da história e do património cultural, em alguns casos como orador. É colaborador do Município de Valongo, exercendo funções no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada.

Ficha técnica



Título:
Lavra da Praça- Edição III

Edição:
Associação São João de Sobrado

Design Gráfico e Paginação:
Filipe da Costa Alves

Data:
Novembro de 2025

Apoio





www.saojoaodesobrado.pt



[saojoaodesobrado.official](https://www.instagram.com/saojoaodesobrado.official)